



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL**

**SANDRA CAROLINA DE OLIVEIRA LEÃO**

**“A Teoria Queer no ensino de Sociologia: uma proposta desafiadora”.**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2023**

**SANDRA CAROLINA DE OLIVEIRA LEÃO**

**“A Teoria Queer no ensino de Sociologia: uma proposta desafiadora”.**

Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PROFSOCIO) para obtenção do título de Mestre.

**Orientador:** Tânia Régia Filgueiras de Oliveira

**Linha de pesquisa:** Educação, escola e sociedade

**CAMPINA GRANDE – PB 2023**

L437t Leão, Sandra Carolina de Oliveira.  
A teoria Queer no ensino de Sociologia: uma proposta desafiadora /  
Sandra Carolina de Oliveira Leão – Campina Grande, 2024.  
94 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de  
Campina Grande, Centro de Humanidades, 2023.  
"Orientação: Profa. Dra. Tânia Régia Filgueiras de Oliveira."  
Referências.

1. Sociologia. 2. Educação. 3. Diversidades Sexuais e de Gêneros. 4.  
Teoria *Queer*. 5. Escola Professora Antonia Rangel de Farias. 6. Ensino  
Médio e EJA. I. Oliveira, Tânia Régia Filgueiras de. Título.

CDU 316(043)

Processo:

23096.023060/2023-89

Documento:

4198310



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
MESTRADO PROFISSIONAL EM SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL  
Rua Aprigio Veloso, 882, - Bairro Universitario, Campina Grande/PB, CEP 58429-900

## REGISTRO DE PRESENÇA E ASSINATURAS

Processo nº 23096.023060/2023-89

### **ATA DA DEFESA PARA CONCESSÃO DO GRAU DE MESTRE EM SOCIOLOGIA REALIZADA EM 29 DE JUNHO DE 2023**

CANDIDATA: SANDRA CAROLINA DE OLIVEIRA LEÃO. COMISSÃO EXAMINADORA: Doutora TÂNIA RÉGIA FILGUEIRAS DE OLIVEIRA, Presidente da Comissão e Orientadora; Dra. ENEIDA OLIVEIRA DORNELLAS DE CARVALHO (Avaliadora externa); Doutor JOSÉ MARIA JESUS IZQUIERDO VILLOTA (Avaliador Interno). TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: “A TEORIA QUEER E A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: UMA ALIANÇA POSSÍVEL”. HORA DE INÍCIO: 09h – LOCAL: Sala Virtual, gerada pela plataforma Google Meet. Em sessão pública, após exposição de cerca de 30 minutos, a candidata foi arguido oralmente pelos membros da Comissão Examinadora. A comissão reconheceu a importância das contribuições da pesquisa realizada pela discente e entendeu que, pela sua qualidade, o trabalho merece o conceito de APROVADO. Na forma regulamentar, foi lavrada a presente ata, que é assinada por mim, WELLISON NATHAN DA SILVA RIBEIRO, secretário, e os membros da Comissão Examinadora. Campina Grande, 29 de junho de 2023.

WELLISON NATHAN DA SILVA RIBEIRO

Secretário

Dra. TÂNIA RÉGIA FILGUEIRAS DE OLIVEIRA

Presidente da Comissão e Orientadora

Dra. ENEIDA OLIVEIRA DORNELLAS DE CARVALHO

Avaliadora Externa

Dr. JOSÉ MARIA JESUS IZQUIERDO VILLOTA

Avaliador Interno

Processo:

23096.023060/2023-89

Documento:

4198310



Documento assinado eletronicamente por **WELLISON NATHAN DA SILVA RIBEIRO, SECRETÁRIO (A)**, em 16/02/2024, às 10:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **SANDRA CAROLINA DE OLIVEIRA LEÃO, Usuário Externo**, em 16/02/2024, às 10:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **JOSE MARIA DE JESUS IZQUIERDO VILLOTA, PROFESSOR**, em 16/02/2024, às 11:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **TANIA REGIA DE OLIVEIRA, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 16/02/2024, às 17:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **4198310** e o código CRC **8F1C7B95**.

Referência: Processo nº 23096.023060/2023-89

SEI nº 4198310

Para ela todo meu amor, Maria Flor

## AGRADECIMENTOS

Agradecer... tenho tantas pessoas a agradecer que até me perco em meus pensamentos diante de tanta emoção. Em primeiro lugar e não poderia ser diferente a minha amada e querida Tia Fatinha, que há quase dez anos sinto saudade de sua presença e de seu sorriso. Ela foi minha inspiração para levar esse tema adiante. Conviver com ela durante uma fase tão difícil onde tive que ficar distante da minha mãe e do meu pai fortaleceram nosso vínculo e amor. Ela me mostrou o seu mundo, um mundo não binário com suas amigas, colegas e namoradas com quem eu me divertia e “virou uma chave” quanto a minha vivência essencialmente heteronormativa. Foi incrível conhecer e me ajudar a desconstruir ideias preconceituosas em que eu cresci. A nossa família por ser católica não admitia ter uma pessoa homossexual na família e nós tínhamos, e por sinal era a pessoa mais iluminada, mais amorosa e mais gentil de toda nossa família. Obrigada por tudo tia! eu amo e morro de saudades do seu abraço, de suas brincadeiras e culinárias.

Um agradecimento especial à minha orientadora Tânia, proprietária de um coração e cultura gigantesca! Ela que com muita sutileza e extrema competência fala o que tem que ser dito e corrige os mínimos detalhes, Obrigada professora! Mesmo nunca termos nos encontrado pessoalmente por causa da pandemia da covid-19 e da distância João Pessoa, Campina Grande a senhora foi e é incrível! Que sorte a minha ter encontrado a senhora! Obrigada de todo coração. Professora Eneida, que me foi minha orientadora ainda na especialização já com o tema *queer* e entrou de cabeça comigo e hoje é minha examinadora externa. Professora, a senhora foi essencial para que eu chegasse até aqui. Muito obrigada! Também aos professores maravilhosos que tivemos durante todo o curso: Arilson, Assunção, Jesus, Mário, Rogério e Xangai. Pessoas que ficarão registradas para sempre em minha memória. Obrigada por tanto aprendizado, obrigada por tanto!

Aos/as meus/minhas colegas de turma: Como posso agradecer a cada um de vocês? Como quero ter a oportunidade de encontrá-los/as e abraçá-los/as. Cada um com seu jeito enriqueciam as aulas e nossos debates virtuais. Como nós fomos gigantes! Fizemos um mestrado totalmente virtual em meio ao caos e incertezas que vivíamos durante a pandemia da covid. Nos ausentamos das aulas algumas vezes exatamente por causa da doença, mas sobrevivemos e estamos aqui contando história. Vocês me ajudaram a passar pela pandemia de forma mais suave com o mestrado. Nossos desabafos pelo grupo de whatsapp eram o combustível para perceber que não estava sozinha e que tinha vocês. Obrigada turma Profsocio 3! obrigada, obrigada e obrigada!

Agradecer a rede de apoio que tive sem mesmo que essas pessoas soubessem o quanto estavam me ajudando. Ao berçário BBK, na pessoa de Taty que ficou com minha filha na parte da tarde durante um mês para que eu conseguisse escrever. A Soledad, a amiga querida que a Argentina e a escola da minha filha me deu. Sole, você não tem ideia do quanto me ajudou, você é uma das pessoas mais incríveis que já conheci na vida! Muito obrigada! Aos colegas de trabalho que me ajudaram para que quando no tempinho que podia na escola corria para escrever, obrigada a vocês pessoas queridas.

Um agradecimento especial a minha família, sem vocês eu não conseguiria ter feito nada disso. Minha mãe que sempre que pode me ajuda com minha filha, meu pai, meu irmão, minha prima-irmã e meu esposo. Vocês são tudo o que preciso!

E agora a pessoa mais importante da minha vida, aquela que enquanto eu assistia aula pedia para mamar, dizia estar doente para deixar tudo e ficar com ela. Minha flor, minha Maria Flor. Filha, você nunca saberá o quanto mamãe chorou por ter que ficar na frente do computador sem dar a atenção para você que eu julgava que tinha que dar. Quantos choros foram abafados debaixo do chuveiro para que você não visse mamãe cansada por ter que dar conta das leituras, artigos e resenhas também durante a madrugada. Passeios que tiveram que ser adiados... porém o que importa é que deu certo! e estou aqui para você e por você! obrigada meu raio de sol, eu te amo muito mais do que o infinito.

E agradecer a Deus que sempre esteve comigo e continua presente. Obrigada Deus e me ajuda a ser um instrumento para aqueles/as estudantes que por mim passarem. Me ajuda a ser uma professora que estimula o amor, a empatia e desconstrução de preconceitos. Obrigada.



## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo a inserção da Teoria *Queer* no ensino de sociologia (ensino médio e EJA( educação de jovens e adultos)) na Escola Professora Antonia Rangel de Farias, situada em João Pessoa. Com esse propósito, foi realizada uma pesquisa em que foram aplicados questionários objetivos e aulas expositivas e dialogadas. A atuação desse ensaio foi no ensino da EJA, segmento da escola onde estou lotada desde 2018 como professora de Sociologia. Porém meu ingresso na |Rede Estadual como professora de ensino básico aconteceu no ano de 2012, no concurso de 2008, onde o Estado da Paraíba preencheu mais de 200 vagas para disciplina de sociologia e filosofia se adequando a lei nº 11684/2008.O tema da Teoria *queer* foi escolhido por percebermos a necessidade de se debater as diversidades sexuais e de gêneros existentes na sociedade e, conseqüentemente, na escola. Tais diversidades estão presentes no ensino da EJA nas mais diversas expressões e também necessidades dos próprios estudantes por terem este tipo de vivência no cotidiano.Como referencial teórico selecionamos alguns poucos autores que pesquisam sobre a temática de gênero e sexualidade. Entre eles, destacamos Judith Butler, filósofa que se tornou conhecida por sua teoria *queer*, que questiona a ideia binária e fixa de gênero (masculino e feminino) que a sociedade impõe. Outra base teórica que elegemos como muito relevante por falarmos da construção do aprendizado e da criticidade, e também da busca da liberdade no processo educativo foi a teoria de Paulo Freire. Ele defende o diálogo como essencial para a construção do conhecimento que foi muito utilizado na explanação da teoria *queer* e assim fomentando a consciência crítica dos estudantes. Para ele a educação construtivista, se tornou importante porque aproxima a teoria da prática, possibilita a contextualização do conhecimento e desenvolve a autonomia dos estudantes.Com a metodologia dos usos dos questionários utilizada nesta pesquisa foi possível observar a importância do debate sobre o tema. Além disso, os questionários por serem objetivos facilitaram a comparação dos resultados dos primeiros questionários, aplicados antes das aulas sobre teoria *queer* e os questionários utilizados após as aulas, onde a maioria dos estudantes se posicionaram de forma positiva para o conteúdo da teoria *queer*. Com isso pude diagnosticar que o tema pode e deve ser debatido e também é bem recebido pelos estudantes, onde todos, todas e todes participam de forma construtiva a partir de suas vivências.

Palavras-chave: Sociologia ,Educação,Diversidade

## ABSTRACT

This dissertation objective is the insertion of the Queer Theory in the Sociology Education ( High School and EJA ( “Youth and Adults Education” – Translated from the Original Portuguese abbreviation )) at Professor Antonia Rangel de Farias School, located at João Pessoa. For this purpose, was conducted a research where objectives questionnaires, expository and debated lessons were conducted. The performance of this experiment was carried out in the EJA Schooling, segment of the School where I have been assigned since 2018 as a Sociology Teacher. Although my admission in the State Schooling System as High School Teacher was in 2012, through the Public Tender in 2008, where the Paraíba State filled up more than 200 positions in Sociology and Philosophy courses according to the Act N. 11684/2008. The subject of the Queer Theory was chosen as we perceived the need to debate sex and gender diversity existents in our society, and therefore at school. This diversity is present at EJA School in many different manifestations and needs of students as they have this experience daily. As a theory reference we selected few authors who do research about gender and sex topics. Among them, we particular emphasize Judith Butler, Philosopher who became known by you Queer Theory, that inquire about the binary and non-binary gender (male and female) which is imposed by society. Another theoretical base that we choose as highly outstanding when we discuss about learning and criticality, in addition to the quest for freedom in the education process was Paulo Freire’s Theory. He advocates for the debate, as essential to build knowledge, and was greatly used to explain the Queer Theory, this way promoting the critical thinking amongst the students. For him the constructivist education became important as it brings theory and practical close together, making possible contextualization of knowledge and developing autonomy of students. With the use of questionnaires methodology in this research was possible to observe the importance of debating this subject. In addition, as questionnaires are objectives they make it easier the comparison of results of questionnaires applied before the classes about the Queer Theory with the ones applied after these classes, where the majority of the students took up in a positive way about the Queer Theory topic. Thus, I could identify that the topic should and must be debated and is also welcome by the students, where all participate in a constructive way based on their own experiences.,

Keywords: Sociology, Education, Diversity

## RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo la inserción de la Teoría Queer en la enseñanza de sociología para el nivel de estudio medio de Educación de Jóvenes y Adultos (de aquí en adelante “EJA”), en la Escuela “Profesora Antonia Rangel de Farias”, ubicada en la ciudad de João Pessoa. Para la investigación se utilizaron como instrumentos cuestionarios objetivos, aulas expositivas y espacios de diálogo. Dicho ensayo fue realizado en el nivel de enseñanza de EJA, segmento de la escuela donde ejerzo. El tema “Teoría de *queer*”, fue elegido al percibir la necesidad de debatir las diversidades sexuales y de género existentes en la sociedad y consecuentemente en la escuela. Diversidad presente en la enseñanza de EJA en sus más diversas expresiones como así también en los propios estudiantes y que surgen de la propia convivencia en lo cotidiano. Como marco teórico fue utilizada Judith Butler, filósofa conocida por su teoría *queer*, que cuestiona la idea binaria y fija de género impuesta por la sociedad. Según Butler, el género es una construcción social y cultural, no biológica. Otro referente en la temática, que no puede faltar al analizar la construcción del aprendizaje y la criticidad proporcionada por la teoría *Queer*, fue Paulo Freire. Él defiende el diálogo como herramienta fundamental para la construcción de conocimiento siendo éste muy utilizado en el desarrollo de la teoría *queer* fomentando así la consciencia crítica de los estudiantes. Para él, la educación constructivista se tornó importante porque aproxima la teoría de la práctica, posibilita la contextualización del conocimiento y contribuye a desarrollar la autonomía de los estudiantes. La metodología definida de utilizar cuestionarios en la presente investigación, posibilitó observar la importancia de debatir sobre el tema. Permitiendo por otro lado ser objetivos y facilitan la comparación de los resultados obtenidos entre los realizados antes y después de aplicar la teoría *queer*, pudiendo observar el posicionamiento por parte de los estudiantes a los contenidos de dicha teoría. Analizando el proceso y recogiendo los resultados conseguí realizar el diagnóstico y concluir que el tema puede y debe ser debatido, siendo además muy bien recibido por los estudiantes, donde todos, todas y todes participan de manera constructivas a partir de sus propias vivencias y experiencias.

Palabras clave: Sociología, Educación, Diversidad

## SUMÁRIO:

<b>1- APRESENTAÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>2- ESTADO DA ARTE</b>	<b>17</b>
2.1 TEORIA QUEER: ROMPENDO AS BARREIRAS DO BINARISMO	20
2.2 EDUCAÇÃO NA ESCOLA	26
2.2.1 O QUE AS LEIS ATUAIS DETERMINAM	29
2.2.1.1 IDEOLOGIA DE GÊNERO	33
2.2.2 EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA LIBERTADORA: RECUPERANDO A ABORDAGEM FREIRIANA	37
2.2.2.1 TEORIA QUEER E A PEDAGOGIA DA LIBERTAÇÃO	40
<b>3- ETAPAS METODOLÓGICAS</b>	<b>43</b>
3.1 PROCEDIMENTO ESTRUTURAL	45
ETAPA 1	46
ETAPA 2	46
ETAPA 3	48
3.1.1 A ESCOLA E SUA LOCALIZAÇÃO	49
3.1.2 ATORES DA PESQUISA	50
<b>4- ANÁLISE SOBRE A TEORIA QUEER NO ENSINO DE SOCIOLOGIA: DESAFIOS PERMANENTES</b>	<b>53</b>
4.1 O ENSINO DE SOCIOLOGIA	54
4.2 A TEORIA QUEER NO ENSINO DE SOCIOLOGIA: RESPEITO, LIBERDADE E DEMOCRACIA	60
4.3 ANÁLISE DOS DADOS	64
<b>5- CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>73</b>
<b>6- BIBLIOGRAFIA</b>	<b>75</b>
<b>7- ANEXOS</b>	<b>84</b>

## 1. APRESENTAÇÃO

O debate acerca do tema gênero e sexualidade se faz necessário à medida que percebemos o quanto esse assunto é presente na vida dos estudantes da nossa escola, não se restringindo a debates políticos mas também presente de forma significativa no cotidiano, seja pelos próprios estudantes e funcionários que fazem parte da comunidade LGBTQIAP+, seja aqueles estudantes e pessoas que fazem parte do quadro de funcionários da escola que são preconceituosos em relação a esse grupo, ou mesmo aqueles que em sua família ou círculo social conhecem e convivem com pessoas que se identificam com a comunidade. Em suma, essa é uma temática presente quase na totalidade da vida das pessoas.

É possível perceber a relevância da Teoria *Queer* quando há necessidade de debater o que está fora do padrão, em todos os aspectos pelo simples fato da sociedade ser composta pela diversidade de pessoas, costumes e culturas. Um exemplo próximo são os diversos momentos de constrangimento que passam as pessoas ditas diferentes e o foco do trabalho são as pessoas que fazem parte do grupo LGBTQIAP+. Um caso desta natureza foi o que aconteceu na escola em que trabalho em que um simples uso de banheiro pelas estudantes trans, tornou-se algo atribulado. O fato dos banheiros possuírem placas de identificação masculino e feminino não acolhe em totalidade a comunidade que faz parte da escola. Esta foi uma questão real que aconteceu com 2 alunas trans, agora no ano de 2022, que se sentiram desconfortáveis em usar o banheiro masculino e por conseguinte as alunas cisgênero também não reconheceram que o espaço do banheiro feminino é também das alunas trans. Mesmo por meio do decreto estadual da Paraíba nº 32.159 de maio de 2011, que assegura esses espaços para estudantes trans, inclusive com o uso do nome social na escola: artigo 6<sup>o</sup><sup>1</sup>- Com esse impasse dos banheiros a escola perdeu a oportunidade de fazer um trabalho pedagógico onde se debateria e conversaria com os/as estudantes, professores/as e funcionários/as sobre as diversas formas de identidade de gênero e outras tantas diversidades existentes. Tomaram como resolvida essa questão simplesmente autorizando o banheiro do corpo docente da escola para essas alunas. Com isso percebemos a demanda repressada dos/as estudantes e da escola que um simples ato de ir ao banheiro torna-se algo constrangedor ao ponto de que algumas pessoas deixem de usar para evitar mais opressões. Por essa e por outras questões foi lançada uma campanha “STF, libera meu xixi” por causa do caso de uma mulher trans que foi impedida de usar o banheiro em 2015 em um shopping de Santa

1 “As escolas da rede de ensino público estadual devem incluir o nome social de travestis e transexuais nos registros escolares para garantir o acesso, a permanência e o êxito desses/dessas cidadãos/cidadãs no processo de escolarização e de aprendizagem”.

Catarina. Com este exemplo é notória a necessidade de colocar em evidência conteúdo como estes uma vez que poucas menções são feitas em relação à diversidade de gênero no ambiente escolar. Lembrando sempre que o objetivo do espaço escolar é a formação do/a estudante cidadão/ã e a inclusão de todos/as/es. Porém, o que acaba por acontecer é que por tentar omitir esse assunto achando que se for debatido irá “criar mais pessoas LGBTQIPA+” e menosprezar a sua importância acaba por ser mais comentado e debatido, só que sem o acompanhamento sistemático e teórico sobre a temática, além de se multiplicarem as atitudes preconceituosas, gerando, muitas vezes, atos de violência de todos os tipos, dos mais sutis aos que desencadeiam em tirar a vida dessas pessoas “diferentes”. É por isso que este trabalho tem como objetivo trazer para o ensino da sociologia a inclusão da Teoria *Queer* e todo o conteúdo de subversividade que se pode desenvolver com esta teoria, mesmo sendo um tema relativamente novo onde sua primeira menção pública aconteceu em 1990 no livro Problemas de Gênero de Judith Butler : a *teoria queer*. O que mais incomoda é que este assunto não faz parte de nenhuma normativa que corresponda ao ensino médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Na disciplina de sociologia, é apenas citado de forma transversal na parte de Direitos Humanos pela BNCC<sup>2</sup>. A necessidade de trazer o debate sobre diversidade de gênero e sexualidade se propõe a inclusão para que todos, todas e todes<sup>3</sup> sejam respeitados/as/es, acolhidos/as/es e promovam o sentimento de igualdade dentro e fora da escola.

Partir do princípio que somos todos iguais nas nossas diferenças especificamente no espaço escolar, faz com que tenhamos por reflexão a fala de Boaventura de Souza Santos: “Temos o direito a ser iguais sempre que a diferença nos inferioriza; temos o direito a ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza”. (BOAVENTURA DE SOUZA SANTOS, 2006, p. 316). Esta citação é baseada no princípio constitucional da igualdade ou também conhecido como o princípio da isonomia onde se baseia a democracia brasileira sendo ela o que há talvez de mais importante para a nossa sociedade. Com esta ideia é que tento mostrar a importância de debatermos sobre as diversidades dentro do espaço escolar.

Esta pesquisa se torna relevante pois propõe a discussão da Teoria *Queer* como uma das formas de democratizar o conhecimento e assim debater assuntos sobre diversidade com

2 BNCC- Base Nacional Comum Curricular( MEC)

3 Neste trabalho será utilizado em alguns momentos a expressão “todes” como forma de inclusão de todas as pessoas. Com objetivo de romper com as estruturas linguísticas e referir-se as pessoas de forma neutra, incluindo todas as identidades como as pessoas não binárias e de outros gêneros. A linguagem neutra na língua portuguesa reflete um esforço em reconhecer e valorizar a diversidade de gênero, promovendo uma linguagem mais igualitária e respeitosa para todas as pessoas mesmo ela não estando em conformidade com a língua.

mais subsídio e cientificidade na disciplina de sociologia. A escola tem um papel de suma importância para a sociedade. O processo educacional que a pessoa passa assim como de socialização e disciplinamento é umas das grandes funções da escola. Ela tem um encargo de educar os futuros cidadãos porém, isso tem um custo, e por muitas vezes um custo muito alto para a sociedade uma vez que ela não se encontra preparada ainda para muitas demandas que a coletividade anseia. A consequência disso são crianças e jovens estudantes que de maneira geral estão sendo excluídos dos ambientes escolares por falta de apoio e informação pela escola. Hoje a escola acaba por ser uma grande reprodutora do conservadorismo no país. Segundo JOCA “A escola, com sua dinâmica institucional centrada no disciplinamento, insiste em padronizar currículos, práticas educativas, espaço geográfico, arquitetônico e os sujeitos, reafirmando as relações sexuais hegemônicas, principalmente, no âmbito das questões de gênero e de orientação sexual.”(2008,p.9). A teoria *Queer* é exatamente antagônica ao que foi posto pois trata de um movimento subversivo em que questiona os papéis de gênero. “Seria até incoerente supor que a teoria se reduzisse a uma ‘aplicação’ ou a uma extensão de ideias fundadoras.”( LOURO, 2001, p.548). A teoria *queer* tem como propósito uma desconstrução de modelos heteronormativos<sup>4</sup>. Ela vem para incomodar e para libertar dos rótulos e comportamentos impostos.

Este trabalho se propõe a investigar o quanto os estudantes estão dispostos a estudar a teoria *queer*, e o quão eles acham necessário estudar sobre este assunto. Quais práticas didáticas acerca da diversidade podem e devem ser usadas na disciplina de sociologia para os/as estudantes da EJA ( Educação de Jovens e Adultos) da Escola Professora Antonia Rangel de Farias, em João Pessoa. Esta análise talvez não seja interpretada com tamanha importância pelo senso comum quanto eu acredito que ela deva ser. Porém ao decorrer do trabalho tentarei mostrar como é necessário esse tema ser levado para a sala de aula. Quanto ao Estado da Arte irei utilizar A Teoria *queer* e seu caráter subversivo e Paulo Freire com a pedagogia da autonomia. Esse é momento que as teorias deste trabalho se encontram e se entrelaçam de forma tão completa que acaba por nos dar esperança de que pode ser colocado em prática sem nenhuma dificuldade, principalmente quando me refiro à educação libertadora e cidadã dos educandos. É uma forma de pensar antagônica ao que é praticado hoje em relação aos currículos tradicionais, porém é pensar diferente, é ousar para educar diferente, pensar diferente para que depois o resultado para a sociedade seja um agir diferente.

**É a partir deste saber fundamental: mudar é difícil mas é possível, que**

4 “Ser hétero é visto como a sexualidade padrão, e acaba fazendo parecer que nem existem outras sexualidades e que elas são erradas, até esquisitas. Ou se é masculino ou se é feminino”( MARTINS, Dana, 2016)

**vamos programar nossa ação político-pedagógica, não importa se o projeto com o qual nos comprometemos é de alfabetização de adultos ou de crianças, se de ação sanitária, se de evangelização, se de formação de mão-de-obra técnica.( FREIRE, p.41)**

Para a pesquisa de campo efetivamente dita foram utilizados os questionários com o público da EJA. Este grupo foi escolhido pelo fato de ser o segmento que mais gosto de trabalhar em sala de aula pois possui uma característica marcante que além da diversidade existente ali exemplos de “oprimidos”( FREIRE, 2014) na mais pura essência. São estudantes que tiveram que parar seus estudos por diversos motivos, porém o mais recorrente é a necessidade de trabalhar e a dificuldade de conciliar o trabalho e o estudo, tendo que recorrer para escola no período noturno. Os/as estudantes que deixam os estudos para se dedicarem ao trabalho é a concretização do Estado de não querer resolver problemas como fome, educação sexual, violência doméstica que são necessidades urgentes da população. É por isso que muitos deles acabam indo para EJA pois normalmente este segmento é disponibilizado no horário da noite e assim os estudantes tentam conciliar o trabalho e o estudo para a necessidade básica de sobrevivência. Às vezes são os próprios pais que necessitam da ajuda dos/as/es filhos/as/es para o sustento da casa e os estimula a trocar o horário da escola. Às vezes os próprios alunos/as/es querem sua independência, ou também caso muito recorrente que é o de já terem constituído uma família ainda que precocemente. Não é raro termos estudantes na EJA que tiveram que deixar o estudo porque engravidaram cedo e tiveram que ter a responsabilidade de criar e manter uma criança. Quanto ao preconceito vejo isso nos estudantes que possuem alguma DI(dificuldade intelectual) e que mais uma vez o Estado não dá a estrutura necessária para as escolas poderem auxiliar esses estudantes de forma mais efetiva.

**“A dificuldade que se encontra na EJA é que as salas de aulas são bastante diversificadas com várias faixas etárias, portanto é preciso que o professor faça várias estratégias na aula, porque às vezes os mais jovens terminam suas atividades primeiro que, os mais velhos e com isto muitos desistem de estudar porque acham que estão atrasando a turma. As políticas públicas que trata sobre a Educação de Jovens e Adultos que garante o direito aos Jovens e Adultos de ter uma educação de qualidade, mas o que acontece com o sistema educacional para esta modalidade é diferente. (ARROYO;2005 p. 48-49):**

Obviamente os estudantes LGBTQIAP+ também são foco na educação da EJA pois deixam o ensino regular por sofrerem diversos tipos de violência seja simbólicas<sup>5</sup> ou não na

5 O conceito de violência simbólica foi elaborado por Pierre Bourdieu, sociólogo francês, para descrever o processo em que se perpetuam e se impõem determinados valores culturais. Na medida em que seus efeitos tendem a ser mais psicológicos, a violência simbólica se diferencia da violência física, apesar de poder se expressar, em última instância, sob esta forma. ( JUBÉ, CAVALCANTI, CASTRO; 2016)



própria escola. O que mais me incomoda é que muitos que desistem por serem considerados diferentes da heterocisnormatividade<sup>6</sup>, pouquíssimos são aqueles que retornam para concluir os estudos pelo segmento da EJA. Este ano de 2023 tenho cerca 15 estudantes em sala de aula, onde 4 são DI( deficientes intelectuais) e 1 trans<sup>7</sup>. Ou seja, até a EJA, que seria o espaço de acolhimento para os estudantes com dificuldade em continuar os estudos, não acolhe de forma completa pois não dá subsídios para trabalhar com o público que possuem necessidades específicas.

Quanto à metodologia , ao longo do estudo realizado nesta modalidade de ensino, houve a necessidade de uma aproximação da realidade vivenciada pelos alunos. Então foram aplicados dois questionários com os estudantes da EJA com questões fechadas e abertas já que a necessidade e perfil dos/as/es alunos/as/es é bem heterogêneos (um questionário aplicado –antes de apresentar a teoria *queer* e um segundo questionário aplicado depois de debates acerca do tema para se ter uma ideia se algo foi internalizado e se os alunos perceberam a necessidade do tema abordado.) Segundo ALVES citado por PINHEIRO (2003, p. 41) “a pesquisa é um exame cuidadoso , sistemático e em profundidade, visando descobrir dados, ampliar e verificar informações existentes com o objetivo de acrescentar algo novo à realidade investigada.”

## 2. ESTADO DA ARTE

Pretende-se neste trabalho fazer uma discussão em torno da questão de gênero e sexualidade, as identidades definidas a partir da heterossexualidade e dos não-binários<sup>8</sup> e as diversidades. Para isso, será utilizada a teoria *queer* como principal referencial teórico “ a teoria *queer* pretende mais é provocar o estranhamento nas próprias forma de

6 A heterocisnormatividade refere-se à instituição da heterossexualidade (atração afetivo-sexual por indivíduo de gênero oposto) e da cisgeneridade (conformação da identidade de gênero com o sexo biológico designado ao nascer, a partir da genitália externa do indivíduo) enquanto naturais e, por conseguinte, legitimadas socialmente como o padrão a ser seguido, patologizando as demais orientações sexuais e identidades de gênero que fujam à norma (CARVALHO,JÚNIOR;2019).

7 "Transgênero é uma pessoa que nasceu com determinado sexo biológico, e não se identifica com o seu corpo. Um exemplo é o indivíduo que nasceu com genitália masculina, cresceu com as transformações causadas pelos hormônios masculinos, mas sua identificação é com o físico feminino." (VILELA, Lorraine, 2023).

8 Binarie ou Binária: “ São Pessoas que se reconhecem no gênero feminino ou masculino, portanto, seriam binárias, em oposição às pessoas não binárias. Pode parecer confuso no começo, mas basta pensar que os não binários se veem à margem da dualidade homem *versus* mulher, que constitui a norma de gênero na nossa sociedade.( <https://www.ecycle.com.br/nao-binario/>) acesso em 11/06/23

pensar.”( COLLING,2007). Na medida em que permite uma leitura mais fluida, menos normativa em relação às nuances políticas entre identidade e práticas sexuais. É esta teoria que parece melhor descrever as vivências sexuais e de papéis de gênero da pessoa, situando fora do debate aquilo que não é essencial, excluindo a opressão social sob a forma de um comportamento que as crianças e adolescentes desde cedo são induzidas a reproduzir para não saírem de um padrão cultural devidamente aceito e imposto socialmente.

A Teoria *Queer* tem como pilar a desconstrução de normas de gênero, uma vez que classificar gêneros é manter normas assim como a heterocisnormatividade, em que se existe um padrão a ser seguido. A teoria *queer* é exatamente contrária a isso, ela defende a liberdade e fluidez dos gêneros e identificações pessoais de expressão e a forma de performar na sociedade. “A performatividade destaca a constituição do gênero como atos, gestos, representações ordinariamente constituídas” (BUTLER, 2006, p. 185). Ou seja, através da performatividade trata-se pensar o gênero.

**“Neste sentido, um dos maiores esforços reside na crítica ao que se convencionou chamar de heteronormatividade homofóbica, defendida por aqueles que vêem o modelo heterossexual como o único correto e saudável. Por isso, os primeiros trabalhos dos teóricos *queer* apontam que este modelo foi construído para normatizar as relações sexuais. Assim, os pesquisadores e ativistas pretendem desconstruir o argumento de que sexualidade segue um curso natural. “Os estudos *queer* atacam uma repronarratividade e uma reproideologia, bases de uma heteronormatividade homofóbica, ao naturalizar a associação entre heterossexualidade e reprodução” (Lopes, 2002, p. 24)**

Além de Judith Butler, esta pesquisa também faz uso de leituras de Guacira Lopes Louro, O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade, com artigos bem interessantes sobre o papel da escola na formação do indivíduo. Nesta obra ela demonstra os vários tipos de relação de poder sobre os corpos existentes na escola. Uma das formas é impedir que esses corpos tenham a liberdade de expressar sua sexualidade e sua identidade. Com isso a escola acaba por se tornar aquilo que as forças dominantes da sociedade desejam que ela seja. Assim, uma de suas funções principais é manter o controle social.

**“Isto não quer dizer que a escola seja uma instituição estática e absolutamente reprodutiva do que já existe. Ela muda e se renova constantemente à medida que as contradições sociais obrigam o rearranjo da postura ou do discurso ideológico da classe dominante. Portanto, se vivemos num sistema capitalista, dependente, altamente hierarquizado em níveis sociais, não só a escola como também o homem, o corpo, e suas manifestações culturais, serão produtos ou subprodutos das estruturas que caracterizam este sistema” (MEDINA, 2000, p. 19).**

Judith Butler é o maior nome na atualidade sobre a Teoria *Queer*. Filósofa,

Estadunidense, vinda de família judia, Judith Butler além de ser referência nos estudos de gênero e sexualidade, “É também referência para os estudos lésbicos, de refugiados e de minorias sociais.”( OLIVA,2021). Para *Butler*, os corpos materialmente considerados, com seus órgãos e sistemas anatômicos, suas dores e desejos, só ganha algum sentido quando a ele são relacionados discursos que sempre o enquadram em algum gênero, apresentando uma ideia de construção do corpo onde “este *corpo natural* é entendido como construção de um discursivo, mas cuja existência implica uma dimensão produtiva e ativa, formativa e nunca neutra, passiva e estática, da sexualidade”.(BOTON, 2019).“Ao questionar a distinção sexo/gênero e ao problematizar a razão de o sujeito do feminismo ser “as mulheres”, Butler apontava para a chamada “heterossexualidade compulsória” imposta pelas instâncias reguladoras do poder, ou seja, pelo discurso hegemônico. Dessa forma, ela visava abrir caminho para uma construção variável da identidade” (BUTLER, 2010, p. 23), que incluiria não só as lésbicas como também os transexuais e os intersexuais. Ela sinalizava, assim, o caráter construído de todas as identidades”( FIGUEIREDO, 2018,p.41). Para ela, Gênero é um fenômeno de socialização, uma construção social determinada em um tempo e um espaço.

**“A noção binária de masculino/feminino constitui não só a estrutura exclusiva em que essa especificidade pode ser reconhecida, mas de todo modo o feminino é mais uma vez totalmente descontextualizada, analítica e politicamente separada da constituição de classe, raça, etnia e outros eixos de relações de poder, os quais tanto constituem a “identidade” como tornam equívoca a noção singular de identidade”( BUTLER, 2003,p.21)).**

Essa ideia que Butler coloca em relação ao feminino também se aplica para as questões de gênero uma vez que as identidades são culturalmente construídas em torno de uma realidade de poder. “Os gêneros são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra, de um sexo desta ou daquela maneira.”( BUTLER,2003, p.24). É por isso que nos estudos *queer* a questão do binarismo não é relevante, tendo em vista toda uma infinidade de representações de gênero existentes. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário (masculino/feminismo), não decorre daí que a construção de homens aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo mulheres interprete somente corpos femininos. Tendo essa ideia como pressuposto observamos que o gênero é mais uma opressão social, pois quem decide o que é certo, o que está dentro do padrão aceitável é o homem-cis-hetero-normativo, e a partir daí esse mesmo homem é quem decidirá sobre os outros corpos identificando como estranho e doente. Essas definições impostas pela opressão masculina é definida apenas pelas características sexuais permanentes ou seja, o sexo biológico.

**“É nesse caráter atuante e auto-produtivo de *um corpo naturalizado* discursivamente, e que age como uma natureza fundadora do gênero, que o sexo não pode mais ser pensado, segundo Butler, como um dado orgânico e *a priori* da natureza humana, mas como um produto elaborado em um jogo ou exercício de forças entre as ações corporais e todas as linhas que formam a sexualidade, e que, como tais, incidem sobre as determinações de gênero.”(BOTON,2019)**

Para Butler o gênero é construído no exercício de viver e no interagir das pessoas de modo performativo, e que assim define o sexo e o gênero. Com a ideia da definição dos corpos em que são pressupostos, os corpos se realizam nas falas e atos, a partir de normas que lhes permitem existir, ou que o permitem de uma certa maneira (e não de outras). Nas normas do gênero, então, se regula o que se pode e o que deve ser dito e o que não, e isso cria princípios em que os corpos possam e devam existir. Sendo assim o sexo não é anterior ao gênero, mas o gênero atua sobre o corpo como uma norma que é constantemente repetida. “Nessa repetição, o gênero se gera como norma – que em nosso contexto ocidental é uma norma heterossexual – e se impõe ao corpo/sexo. No sentido oposto, o sexo/corpo é guiado pela heteronorma do gênero e funciona sobre ele como reforço dela.”( BOTON,2019). Sendo assim, ter Judith Butler como referencial teórico é de grande valia para usar como referência para os debates em sala de aula.

Também terei como base para este trabalho Paulo Freire, e convenhamos não poderia estar ausente, uma vez que este estudo se refere à educação, ao processo de combate às opressões de acordo com seu tempo e espaço. “Paulo Freire enquanto pensador de caráter humanista que no seu pensamento, relacionando sua proposta às práticas pedagógicas que valorizam a multiculturalidade”.( PEROZA et al, 2013). As obras de Freire como a ‘Pedagogia do Oprimido’ (1968) e ‘Pedagogia da Autonomia’ (1996) são de grande importância para a pesquisa pois fazem reflexões e propõem uma pedagogia que leve sempre em consideração as experiências e a cultura dos educandos. Levando em consideração que a educação não se torne mais uma ferramenta aos interesses capitalistas. São as problemáticas e desafios caracterizados pela pedagogia de Freire e as demandas sociais da atualidade pelos estudos *queer* que são os pontos relevantes do estudo. Fazer uma análise em relação aos estudos *queer* e as relações de oprimido e opressor quanto às identidades de gênero é também motivo de usar as obras de Freire para este trabalho. Este exercício possibilitará a identificação do pensamento Freiriano como o diálogo, a cultura e o respeito às diferenças às quais se tornam virtudes indispensáveis para uma prática educativa positiva ao outro que seja significativamente eficiente para um humanismo pedagógico, ou seja, em que o centro da educação será sempre o estudante. “Um outro dado que partíamos era o de que a educação trava uma relação dialética com a cultura. Desta

forma a nossa ciência educativa não poderia sobrepor-se à realidade contextual nossa” (FREIRE, 1963, p.11)

**“A questão da cultura é um dos temas centrais presente na proposta político-pedagógica de Paulo Freire. Este reconhece a cultura do seu povo como porta de entrada para iniciar um diálogo significativo com a sua realidade, pois esta lhe permite captar a riqueza dos conhecimentos presentes do imaginário coletivo expressos na sua linguagem, muitas vezes sinônimos de resistência , bem como de subserviência, também culturalmente elaborados como forma de resignação histórica para assegurar sua sobrevivência diante da dominação cultural. A dialeticidade que deve haver entre educação e cultura é a condição para que o conhecimento, resultado da investigação que brota desta relação, seja realmente significativo entre educandos e educadores. Uma prática educativa que se propõe democrática não pode ser invasiva, nem poderá sobrepor-se à realidade cultural em que se concretiza”.**(PEROZA et al, 2013)

O terceiro marco teórico será a filósofa Djamila Ribeiro. Não apenas pela sua obra “Lugar de Fala” que conversa muito bem com a teoria *queer* e a pedagogia de Freire, pois dá subsídios para a reflexão dos corpos subjugados e oprimidos, como também seus debates em relação ao feminismo e racismo. Em lugar de fala, Ribeiro deixa muito evidente a construção histórica e o lugar em que o opressor ocupa e o local definido socialmente para os corpos oprimidos. Ela fala de quais corpos são esses, qual local que ocupam e o estranhamento causado na sociedade quando estão em outros lugares que socialmente e culturalmente não foram permitidos estar. Djamila Ribeiro por ser ativista do feminismo negro, dialoga na esfera da comunidade LGBTQIAP+ relativizando os dois grupos mais subordinados, a população negra e a comunidade citada anteriormente. “Quem tem medo do feminismo negro” e “Pequeno Manual antirracista” também discutem o lugar dos corpos na sociedade a partir do gênero e da etnia, tema esse que está intrinsecamente ligado a Teoria *Queer* uma vez que a teoria tem como foco que é possível fazer diferente e “ser diferente”. Outro motivo para utilizar as obras de Ribeiro é que assim como Teoria *Queer* nasceu dos discursos de gênero e do movimento feminista,

**O *queer* como afirma Miskolci (2012) tanto do ponto de vista político como teórico surgiu das inúmeras críticas à ordem sexual advindas dos movimentos sociais emergentes na década de 1960, assim como dos movimentos pelos direitos civis de negros do Sul dos EUA, bem como do ideário produzido pela segunda onda do movimento feminista e do movimento homossexual.**

## **2.1 TEORIA QUEER: ROMPENDO AS BARREIRAS DO BINARISMO**

Como sujeitos cultural e historicamente constituídos, passamos a vislumbrar a divisão entre masculino e feminino como algo fixo, indiscutível e repleto de verdades. No século XVIII segundo SOUSA e CARRIERI, 2010 existia a percepção da existência de um único

sexo que seria o masculino e o sexo feminino era visto como inferior:

**“Sob o one-sex model, que prevaleceu no Ocidente durante aproximadamente vinte séculos, só existia um sexo. A mulher era vista como representante inferior de um único sexo que possuía hierarquia corporal. No topo dessa hierarquia, estava o corpo do homem considerado como grau máximo de perfeição; havia uma escala de perfeição que começava com a mulher e atingia seu apogeu com o homem. A mulher não era considerada algo diferente do homem, mas um homem invertido e inferior. Por dois milênios, por exemplo, o ovário de uma mulher não tinha nome próprio. O que denominamos hoje de ovário era chamado de testículos (testiculi). O clitóris, quando descoberto, foi denominado de pênis da fêmea. Assim, a presença de um pênis da fêmea, interno e externo, ambos sujeitos à ereção, prazer e ejaculação, não perturbava os escritores e pesquisadores dos séculos XVI e XVII, mas fornecia todo um registro para a ordenação hierárquica do sexo. Portanto, até o século XVIII, não havia problema algum em sustentar que as mulheres tinham uma inversão topológica do pênis do macho dentro delas e que possuíam os mesmos órgãos que os homens, funcionando da mesma maneira.”**

Trazendo este debate para a atualidade de superioridade masculina, Djamilia Ribeiro se refere a esta perspectiva quando em seu livro Lugar de fala ela comenta sobre a localização social. Ela coloca como se houvesse uma pirâmide em que as mulheres negras estariam na base, acima delas os homens negros, acima dos homens negros as mulheres brancas e no topo o homem branco hétero cis. Na mesma obra, Ribeiro faz menção a Beauvior:

**“ a relação que os homens mantêm com as mulheres seria esta: da submissão e dominação, pois estariam enredadas na má-fé dos homens que as veem e as querem como um objeto. A intelectual francesa mostra, em seu percurso filosófico sobre a categoria de gênero, que a mulher não é definida em si mesma, mas em relação ao homem e através do olhar do homem. Olhar este que confina a um papel de submissão que comporta significações hierarquizadas.”**( RIBEIRO, 2019, p.35)

Nessa ideia de hierarquização e conseqüentemente segregação são baseados os valores capitalistas para que se mantenha uma relação de poder. Por esse motivo NARDI (2007) citado por SOUSA; CARRIERI(2010):

**“afirma que, em nossa sociedade, existem dois dispositivos centrais – o trabalho e a sexualidade – que funcionam como organizadores da vida social e criadores de subjetividades. Para esse autor, por meio da biopolítica, somos chamados à responsabilidade e produção, ou melhor, somos corresponsáveis pela riqueza de uma nação e temos de nos reproduzir seguindo um modelo de família heterossexual monogâmica”.**

E ele ainda completa:

**A bipolarização biológica do sexo, denominada por Laqueur (1996) de *two-sex model*, diferenciará o homem da mulher e vai justificar e criar diferenças morais aos comportamentos femininos e masculinos em função das necessidades e exigências da sociedade burguesa, capitalista, nacionalista e individualista (COSTA, 1995). A “reinterpretação dos corpos humanos conforme o mito da bissexualidade original foi, antes de tudo, uma solução**

## **exigida pelos problemas político ideológicos postos pela revolução burguesa”**

Foi a partir do século XVIII, que pode se falar de gênero, “diante do cenário de mudanças políticas, sociais e econômicas – que se constituiu uma nova maneira de se pensar o homem e a mulher caucionada naquele momento pela ideia de diferença sexual”.(COSTA, 2007)

O significado de gênero é visto como construído historicamente de acordo com as relações sociais e de poder de uma época. Anteriormente, no *one-sex model*, só havia um sexo e não fazia o menor sentido discutir aspectos relacionados a gênero, ele o gênero só passa a existir com a divisão do ser humano em dois sexos: masculino e feminino.

**“Divisão esta que a ciência passa a incorporar como verdade inquestionável. Um exemplo de tal afirmação é a definição de gênero como algo ligado às relações sociais estabelecidas a partir do momento da percepção social das diferenças biológicas existentes entre os sexos. É apenas no two-sex model que ocorre uma divisão e horizontalidade dos sexos (masculino e feminino)”.**(HEIBORN, 1998)

Nessa época então surge a ideia de binarismo, termo este usado para descrever a ideia de que existem apenas duas possibilidades: homem e mulher. Porém essa classificação é atribuída no nascimento com base nos genitais e por consequência geram uma expectativa social de performance, ou seja, o indivíduo em qual sexo se enquadrar deverá possuir determinados comportamentos que são aceitáveis para o qual a pessoa foi determinada. A diferenciação entre os sexos cria categorias e comportamentos que já predeterminam a identidade do masculino e do feminino. Nesse processo, não apenas as mulheres aprendem a manter a feminilidade, mas também os homens são, a todo o momento, vigiados para manter sua masculinidade.

Em se tratando de uma lógica binária (masculino versus feminino, homossexual versus heterossexual), nessas equações antagônicas sempre existirá um polo que será desvalorizado, “apesar de ser diferente ou desviante, poderá ser tolerado” pela sociedade. Nessa lógica, torna-se impossível pensar em múltiplas sexualidades, pois o múltiplo é algo que foge a ela” (LOURO, 2004 citado por SOUSA; CARRIERI.2010)

É inegável que quando nos referimos à palavra gênero, em nosso imaginário social, reduzimos apenas ao masculino e feminino o que acaba por reforçar a concepção binária de sexualidade. Inicialmente, os estudos de gênero estão diretamente relacionados à história das mulheres, e, quando se fala de gênero, fala-se de uma série de aspectos relacionados a mulheres e a questões femininas, considerados opostos aos referentes a homens. Scott (1992) afirma que os estudos de gênero surgiram, na década de 1960, com o movimento feminista e tinham um caráter altamente político, daí ser usualmente representado como sinônimo de

mulheres. O interessante do movimento feminista é que ele comporta muitos aspectos a serem debatidos quanto a colocação social das mulheres na sociedade, sendo a família, sexualidade, trabalho doméstico, divisão do trabalho, aborto algumas das pautas do movimento. Assim, é um movimento social que nasceu a partir do questionamento da posição social das mulheres e foi ganhando espaço incluindo questões relacionadas à formação de identidades sexuais e de gênero. É nesse momento que ocorre o marcador em relação aos estudos de gênero em consonância com a teoria *queer*. Judith Butler (2003) demonstra que, culturalmente, ainda é o conceito binário, biológico e heteronormativo de gênero que decide qual será a existência que as pessoas se tornarão aptas para a vida social. A relação binária de gênero é tão marcante que ao pensarmos nas pessoas intersexo naturalmente vem a mente a antiga expressão “hermafrodita”(termo médico para se referir às pessoas que nascem com dois tipos de genitais (feminino e masculino), desenvolvidos ou não.(CURADO, Adriano, 2023) O que não se leva em questão é que são pessoas que têm características que divergem fisicamente dos corpos masculinos e femininos, são consideradas pessoas que apresentam uma condição de não conformidade física com os critérios identitários culturalmente definidos de normalidade. Ou seja, mais uma vez o binarismo entra em ação delimitando os espaços em que as pessoas podem se enquadrar: em feminino ou masculino mesmo tendo o sexo biológico dos dois sexos, que nem a biologia que tantas vezes foi decisiva para determinar o papel social, nessa hora é colocada de lado. SOUSA e CARRIERI(2010) ressaltam que:

**“Os corpos dos intersexos escorregam nas representações socialmente construídas do que considera como verdadeiramente humano, situando-se nos interstícios entre o que é normal e o que é patológico. Esta ‘não-humanidade’ ou ‘anormalidade’ justificará as intervenções médicas com o intuito de adequá-lo ao ideal do dimorfismo sexual”.** (SOUSA, CARRIERI,2010)

Há um grande receio de se falar de gênero, isso acontece porque os gêneros oferecem um modo de diferenciar a prática sexual dos papéis sociais destinados a homens e mulheres. O termo gênero acaba colocando um sistema de relações que podem incluir o sexo, apesar de não estar diretamente ligado ao sexo biológico, mas que continua como determinante da sexualidade.

Segundo PINO,2007, os estudos *queer*

**“emergem na década de 1980 como uma corrente de pensamento que questiona as formas correntes de entender as identidades sociais. Sua efervescência vem dos estudos gays e lésbicos, bem como da teoria feminista, da sociologia do desvio norte-americano e do pós-estruturalismo francês. Os precursores da analítica *queer* são Michel Foucault, Joan Scott e Gayle. Porém foi em 1990 que Teresa de Lauretis, a primeira pessoa a utilizar o termo *queer* de forma sistematizada.”**( PINO, 2007)



A teoria *queer* nasce como uma proposta de que é preciso desconstruir a ideia fixa da oposição binária heteronormativa de masculino feminino. Por isso o “termo *queer* tem sido empregado como um marcador da instabilidade da identidade ao mesmo tempo em que busca dar conta de todos os *outsiders* do sexo e do gênero” (LARA NETO, 2007, p. 5). É o termo que representa a desnaturalização da binariedade compulsória. As relações sociais de sexo por meio da teoria *queer* proporcionam uma amplitude ao observar que as pessoas, em todas as suas dimensões, são algo muito mais complexos e múltiplo do que se concebe para reduzir apenas a heterocisnormatividade. Desconstruir e problematizar as categorias e classificações identitárias binárias relacionadas à sexualidade, (masculino e feminino, homossexual e heterossexual) apenas é minimizar o indivíduo e ressaltar as relações de poder presentes nessas categorias. Como exemplo, definir que homens que tenham traços afeminados como homossexuais parece ser um grande erro. Ou seja, esse tipo de classificação e rotulação torna-se completamente desnecessário e sem fundamento, uma vez que as características físicas não definem orientação sexual e nem expressão de gênero. Definir o homossexual ou a mulher como uma pessoa afeminada não passa de uma tentativa de criar rótulos e, conseqüentemente, uma identidade que estabeleceriam o comportamento e as características que marcam o homossexual e a mulher. O desejo é algo vivo, e, por mais que a sociedade crie regras sociais e morais que tentem impedir qualquer forma de desejo, este sempre escapa ao controle e manifesta-se sob diversas formas, querendo a sociedade ou não. Esta é uma orientação individual que nenhuma influência externa irá apagar da pessoa, no máximo escondê-la pela pressão social.

Assim alinhada com o pensamento *queer*, pode-se afirmar que dividir a vida em duas categorias de comportamento sexual, oferecendo às pessoas apenas duas alternativas de exercício sexual, tentando classificá-las como homossexual ou heterossexual por meio de um gabarito previamente estabelecido no século XVIII, não manifesta o que realmente acontece na vida real. Somos diversas coisas, diversos desejos, diversas pulsões. Em nosso dia a dia, ainda reproduzimos um discurso binário muitas vezes involuntariamente, apesar de toda a diversidade e práticas sexuais existentes. Então, qual seria o motivo da construção de uma realidade desconectada com o mundo real? Ao tratarmos as relações sociais de sexo apenas como algo binário, acabamos reforçando as relações de poder, relacionados à sexualidade, e que a teoria *queer* nasceu para combater. A naturalização do modelo binário é uma estratégia que permite a manutenção de práticas de controle e *status quo*. Funciona como um biopoder conforme descrito por Foucault (1999). O biopoder é uma forma de poder que controla os corpos biológicos, sociais e populacionais. Este tipo de poder busca moldar os corpos, as vidas e as subjetividades e que esses corpos sejam úteis socialmente e assim se colocando

como ferramenta de uma determinada ordem social.

O binarismo identitário proporciona a divisão sexual do trabalho, faz que os sistemas econômicos, sociais e de gênero interajam de modo não aleatório, opera simultaneamente com as estruturas socioeconômicas hegemônicas (SCOTT, 1990) e produz a sensação de que o poder é algo unificado e coerente. A concepção de uma sexualidade múltipla e heterogênea abre a possibilidade de que todas as pessoas “se vejam como semelhantes em suas diversidades, sejam quais forem essas diversidades, e não apenas como diferentes em razão de suas identidades. Somente assim, na semelhança pela diversidade, que a discriminação, seja ela relacionada à sexualidade ou a outra forma, poderá ser combatida” (SOUZA;CARRIERI)

## 2.2 EDUCAÇÃO NA ESCOLA

O livro 20 Regras de Ouro para Educar Filhos e Alunos de Augusto Cury, descreve uma passagem bem interessante sobre a educação na escola.

**“Fugindo de carros, de pedestres e de seus algozes, nosso filósofo racionalista entrou num grande prédio repleto de salas e com jovens transitando com cadernos nas mãos. Passou pelos corredores observando atentamente e começou a se sentir em casa! Finalmente encontrou um ambiente que parecia ter mudado muito pouco: uma escola. Seu coração, que estava quase em colapso, começou a abrandar-se. Observou uma sala de aula. Os jovens estavam enfileirados um atrás do outro! Na frente, um professor se esgoelava tentando obter a atenção da plateia. O ambiente era o mesmo, o mestre também, a pedagogia parecia igual, só a mente dos alunos havia mudado, e muito. A maioria estava inquieta. Não poucos estavam viajando por outro “planeta”. Passou os olhos em outra sala e viu o professor dando uma bronca num jovem que teve um comportamento errático: “Você não vai virar nada na vida desse jeito!”. Abriu um sorriso. “Está certo!”, sussurrou para si mesmo! Mas não entendia as causas dos alunos estarem tensos, cabisbaixos, roendo unhas, destituídos de alegrias! Percorrendo os corredores, viu uma professora entregar as provas. Um aluno de 14 anos, gaguejando e lacrimejando, comentou: “Mas professora, eu respondi... as questões de outro... modo!”. “Prova é prova. A resposta tem de ser exatamente como eu ensinei!”, ela disse. Descartes irrompeu em aplausos, mas baixinho para ninguém percebê-lo. “Mas professora, eu usei a imaginação para...”, disse o jovem. Ela o interrompeu: “Todo raciocínio fora da curva é reprovado”. O menino, enxugando os olhos e inconformado, indagou: “Mas... de onde... vem essa ordem?” Ela sentenciou com a boca cheia: “DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO DESTE PAÍS!”. Outro aluno comentou, perturbado: “Mas de onde o Ministério da Educação tirou que as respostas dos alunos têm de ser iguais às dos professores?”. Confusa, ela disse, “Sei lá, talvez de Descartes!”. ( CURY,2017,p.23)**

O trecho do livro transcrito acima é um chamamento para reflexão em relação ao educar e a escola nos tempos atuais. A sociedade mudou a passos largos, como ARMANDO et al, 2019 expõe:

**“O mundo está em constante transformação e algumas transformações sociais trouxeram com elas novas formas de relacionamento e estilos de vida que, segundo Louro (2011), desde a década de 1960 passaram a reivindicar seus espaços em esferas que, por muito tempo, eram consideradas imutáveis e universais. Continuamente, por meio das ações culturais, foi determinado o que é natural; produziu-se e transformou-se a natureza e a biologia.”**

Então quando o filósofo Descartes se depara com a sociedade atual para o momento em que “findou sua vida em 1650”( FRAZÃO, 2019) a diferença é gritante. É possível observar uma evolução significativa da sociedade em diversas formas, seja no avanço tecnológico, seja nos direitos civis conquistados, dentre outros. Porém o que o texto de Curry(2014) demonstra que nenhum desses fatores de mudança fizeram com que a escola se atualizasse conforme a necessidade da sociedade atual. Em muitos momentos se mantendo com uma educação bancária, a mesma educação que foi criticada veementemente por Freire ainda em 1968( ENSINC, 2022).

**“É perceptível que o saber científico e a busca pelo conhecimento, tem fugido do interesse da sociedade em geral, pois a atualização das informações tem ocorrido de forma acessível a todos os segmentos, satisfazendo de uma forma geral aos interesses daqueles que as buscam. A escola nesse contexto tem por opção repensar suas ações e o seu papel no aprimoramento do saber, e para isso, uma reflexão sobre seus conceitos didático-metodológicos precisa ser feita, de forma a adequar-se ao momento atual e principalmente colocar-se na postura de organização principal e mais importante na evolução dos princípios fundamentais de uma sociedade,”(DOWBOR ,1998 p. 259 citado por Brasil Escola)**

O tempo também não fez a escola evoluir em relação ao comportamento dos alunos. A escola continua impondo a organização e modelo de ontem, de hoje e sempre! Os professores à frente, às vezes em um plano mais elevado, os alunos perfilados em suas mesas e cadeiras apenas observando e tendo que absorver tudo o que o mestre tem a oferecer, “ apenas mandam os alunos copiarem o que está no quadro e decorar para a prova. Trata-se não apenas de um método de ensino, mas de uma forma de enxergar os alunos”, ( ENSINC, 2022)ou seja, a escola continua se mantendo conservadora quanto ao comportamento dos alunos, dos professores e dos conteúdos. Cobrando principalmente dos alunos uma conduta submissa e ajustada também na educação dos corpos, posturas e ideias. Desta forma a escola faz com que esse sistema que foi moldado, seja mantido até os dias de hoje, sendo esses corpos e ideias classificados como aceitáveis ou não.

**Educar não é modificar a mente dos educandos, mas levá-los a pensar antes de agir; não é adestrar o cérebro deles, mas levá-los a desenvolver consciência crítica; não é cobrar demais, mas conduzi-los a ter autonomia; não é superproteger, mas estimulá-los a trabalhar perdas e frustrações; não é**

**dar broncas ou punir, mas levá-los a ter autocontrole e colocar-se no lugar dos outros. ( Augusto Cury, pag 7).**

Quando se fala em obscuridade na educação e da necessidade de uma subversão, fala-se do quanto a escola brasileira se caracteriza por um histórico de desigualdade e exclusão dos sujeitos. Quando falamos de educação no Brasil temos que olhar o passado e tentar entender porque ela se configura desta forma até hoje. Como exemplo, a Professora Joana Bezerra escreve em seu artigo A educação no Brasil: “ No Brasil Colônia a educação formal no Brasil tem início em 1549 quando o padre Manuel da Nóbrega chegou ao país. O letramento era restrito aos meninos, que aprendiam a ler e a escrever, ao mesmo tempo que eram convertidos ao cristianismo.” Ou seja, desde sempre a escola foi um espaço de exclusão, antes de forma institucionalizada em que as mulheres não podiam ter acesso, hoje a antidemocracia escolar é travestida de preconceito de etnia, gênero e identidades.

É neste mesmo espaço que continua por não democratizar a educação e o ensino. Com o advento da teoria *queer* torna-se uma esperança em relação ao pensar pedagógico e o pensar escolar devem ser modificados e construídos sob diversas óticas, popularizando e vivenciando o que a sociedade demanda. Não dá para pensar em um currículo pedagógico que exclua, que seja desigual e que não leve em consideração as transformações sociais. É necessário pensar em um currículo que abranja e absorva todos os indivíduos e também as necessidades e aspirações da sociedade. Pode-se concluir também que a escola deve estar em sintonia com as transformações sociais. Souza et al (2017) defende que não é mais possível ignorar a diversidade de alunos e alunas que estão inseridos no espaço escolar. O velho currículo não insere essa diversidade em seu fazer pedagógico. A teoria *queer* contribui para a reflexão acerca dessa conclusão ao defender que esse currículo deve ser urgentemente reformulado, reconstruído, a partir do debate, a partir de pilares que reflitam uma sociedade diversa e não uma sociedade que possui grupos dominantes e dominados, mas ser reflexo de uma sociedade crítica, que constrói junto, a partir do olhar dos seus mais diversos indivíduos. E é por isso que os teóricos e estudos relativos ao pensamento *queer* apostam na ideia de novas pedagogias que se desliguem de discursos normatizadores em relação ao gênero e à sexualidade. A nova escola, a nova sociedade esbarra na ideia da imposição, da positivação da heteronormatividade e chama para o centro da discussão a multiplicidade de novas identidades sexuais, de gênero, culturais, e que elevem o estudante a um olhar mais criterioso sobre o que é imposto pela sociedade.

Atualmente nas escolas, existe a necessidade de compreender que o *queer* vai além de um rótulo de identidade de gênero e que a teoria *queer* vem desconstruindo certezas. E é

justamente por isso que muitas indagações são feitas acerca do que realmente queremos polemizar, não apenas em relação às sexualidades, mas algo muito mais abrangente que envolve respostas prontas para os questionamentos muitas vezes ainda intocáveis.

### **2.2.1 O QUE AS LEIS ATUAIS DETERMINAM**

A constituição Federal de 1988 conhecida como constituição cidadã, tem esse nome por ter sido concebida no processo de redemocratização do país, iniciado com o término da ditadura militar no Brasil que durou de 1964 até 1985. Sua característica principal é assegurar um Estado Democrático de Direito pautado no respeito e na igualdade dos cidadãos sem distinção. Um dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil é a promoção do bem-estar de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (art.3, IV).

Quando nos referimos à questão local, ou seja, ao estado da Paraíba, temos o decreto Nº 37945 de 12/12/2017 que regulamenta a lei nº 7.309, de 10 de janeiro de 2003, proibindo assim a discriminação ou preconceito em virtude de orientação sexual e da identidade de gênero. O Decreto nº 27.604 de 19 de setembro de 2006 fala da obrigatoriedade de se afixar cartazes nos órgãos públicos e privados contra atos de discriminação sexual e de identidade de gênero. O Decreto ainda garante punições tanto para as pessoas jurídicas quanto as pessoas físicas se vierem a praticar o crime. Este decreto também regulamenta a Lei 7.309 de 10 de janeiro de 2003, e dá outras providências. Temos também a Lei 8.185/07, que amplia os direitos previdenciários a casais do mesmo sexo em união estável, da Previdência Social do Estado. Aqui no Estado da Paraíba existe um aparato de ferramentas jurídicas que asseguram os direitos da comunidade LGBTQIAP+, reflexo de anos de luta para serem reconhecidos como cidadãos e cidadãs dignos de direitos e deveres.

**Lei nº 7.309, de 10 de janeiro de 2003** “Proíbe discriminação em virtude de orientação sexual e dá outras providências”.

**Decreto N.º 27.604 de 19 de setembro de 2006** – Regulamenta a Lei 7.309 de 10 de janeiro de 2003, e dá outras providências.

**Lei N.º 8.351 de 19 de outubro de 2007**, que altera os dispositivos da Lei 7.517/03 alterados pela

**Lei 8.185/07**, e dá outras providências. Que amplia os direitos previdenciários a casais em união estável, inclusive do mesmo sexo, da Previdência Social do Estado.

**Lei N.º 9.318 de 30 de dezembro de 2010** que autoriza o Poder Executivo a instituir no Estado da Paraíba, o Programa “Paraíba sem Homofobia” e dá outras providências.

**Decreto N.º 32.159 de 25 de maio de 2011**, que dispõe sobre o tratamento nominal e a inclusão e uso do nome social de travestis e transexuais (usuárias/os servidora/o) nos registros estaduais relativos a serviços públicos prestados no âmbito do Poder Executivo Estadual e dá providências correlatas.

**Portaria N.º 350/GS/SEAP/2012** que ampliou a visita íntima para casais homoafetivos (em união estável) em estabelecimentos prisionais.

**Portaria N.º 567/ GS/ SES/ 2012** - Criação do Comitê Estadual de Saúde Integral da População de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – LGBT.

**Portaria nº 41/2009-GS Art.1º** “Determinar que todas as Unidades que integram a Secretaria de Estado do Desenvolvimento Humanos, na Capital e no interior do Estado, passem a registrar o nome social de travestis e transexuais em fichas de cadastro, formulários, prontuários e documentos congêneres no atendimento prestado aos usuários dos serviços”.

**Lei nº 11.000 de 24 de outubro de 2017:** Cria o Conselho Estadual dos Direitos de LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais da Paraíba – CEDLGBT e dá outras providências.

**Lei nº 7.901, de 22 de dezembro de 2005** “Institui o Dia Estadual da Diversidade Sexual da Paraíba”.

**Lei N.º 9.025 de 30 de dezembro de 2009**, que institui o dia 17 de maio como o Dia Estadual De Combate à Homofobia, Lesbofobia e Transfobia na Paraíba.

**Lei nº 10.909, de 08 de julho de 2017:** Altera a Lei no 7.309, de 10 de janeiro de 2003, para incluir o preconceito em virtude da identidade de gênero como ato discriminatório e dá outras providências.

**Lei nº 10.895, de 29 de maio de 2017 :** Dispõe sobre a obrigatoriedade de afixação de cartaz em estabelecimentos comerciais e órgãos públicos, informando que a Lei Estadual nº 7.309/2003 proíbe e pune atos de discriminação em virtude de orientação sexual e dá outras providências.

**Lei nº11.829, de 30 de dezembro de 2020:** Dispõe sobre infrações administrativas por atos de racismo e homofobia nos equipamentos esportivos e dá outras providências.

**Lei nº10.770, de 10 de Novembro de 2016:** fica instituída no âmbito do Estado da Paraíba, a obrigatoriedade de afixar, nos elevadores de edifícios comerciais, placas alertando sobre as consequências da discriminação e preconceito e dá outras providências.

**Lei nº11.584, de 12 de dezembro de 2019:** Inclui a Parada LGBT+ de João Pessoa no Calendário Turístico e Cultural do Estado da Paraíba.

**Lei nº9.315, de 29 de dezembro de 2010:** Institui o Grupo de Trabalho Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – GT LGBT, dá outras providências.

**Lei nº 10.963, de 19 de Julho de 2017:** Dispõe sobre o direito das unidades familiares homoafetivas nos programas desenvolvidos pelo Estado da Paraíba.

**Lei nº 10.908, de 08 de junho de 2017:** Dispõe sobre o tratamento nominal e a inclusão e uso do nome social de travestis e transexuais no âmbito da Administração Pública Estadual.

**Lei Nº 10.178, de 25 de Novembro de 2013 :** Veda práticas discriminatórias contra pessoas em acessos a elevadores em repartições públicas estaduais no âmbito do Estado da Paraíba.

**Lei Nº11.983, de 22 de Junho de 2021 :** Denomina de Pedro Alves de Souza - Pedrinho o Centro Estadual de Referência dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais e Enfrentamento à LGBTfobia, vinculado à Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana, localizado no Município de João Pessoa, neste Estado.

**Lei Nº 10.744, de 01 de Agosto de 2016 :** Dispõe sobre a proibição de recursos públicos para a contratação de artistas que, em suas músicas, desvalorizem, incentivem a violência ou exponham as mulheres a situações de constrangimento, ou contenham manifestações de homofobia, discriminação racial ou apologia ao uso de drogas ilícitas.

**Decreto N.º 27.604 de 19 de setembro de 2006 –** Regulamenta a Lei 7.309 de 10 de janeiro de 2003, e dá outras providências.

**Resolução N º 1.719, de 26 de Maio de 2017 :** Institui a Campanha Paraíba sem Homofobia de , combate à violência e à discriminação contra LGBT's e de promoção da cidadania homossexual e dá outras providências. Informações retiradas do site ABGLT- Paraíba.

Na esfera jurídica federal, O TRT 13º Região (Tribunal Regional do Trabalho da Paraíba) também publicou uma recomendação número 006/2022 de 17 de maio, a partir da Resolução de número 270/2018 do CNJ ( Conselho Nacional de Justiça) que dispõe sobre o uso de nome social pelas pessoas trans, travestis e transexuais. Essa resolução abrange as pessoas usuárias dos serviços judiciários, membros, servidores, estagiários e trabalhadores terceirizados dos tribunais brasileiros. O CNJ teve como base os Princípios de Yogyakarta sendo estes princípios

**“Um documento internacional que reconhece as violações de direitos por motivos de orientação sexual ou identidade de gênero como violações de direitos humanos. O documento possui o objetivo de que seus princípios e dispositivos sejam aplicados na legislação internacional de direitos humanos. Nesse sentido, o seu texto observa que os integrantes da comunidade LGBTQIAP+ fazem parte de um grupo marginalizado socialmente e, por isso, precisam ser protegidos no âmbito do direito internacional.” ( FLORENCIO SILVA et al, 2021)**

Com isso se percebe que a sociedade começa a dar os primeiros passos para acolher e

principalmente incluir as pessoas LGBTQIAP+ e além disso, constata-se a necessidade que a coletividade necessita como o reconhecimento das pessoas que compõem esse grupo. São posicionamentos em consonância a esses que nos fazem compreender a necessidade de a escola acompanhar a dinâmica social de modo a reconhecer que essas pessoas vivem em vulnerabilidade. Sendo esta “vulnerabilidade individual, física, social e política”( NARDI et al, 2013, p.42).

Não reconhecer essa diversidade de corpos e identidades que fazem parte de qualquer cultura, é uma verdadeira mutilação emocional da pessoa, aqui no caso específico da pesquisa o estudante, que está ali à nossa frente com sede de aprender e em busca de oportunidades. Conforme orientações da BNCC, Trabalhar Direitos Humanos na Escola não é apenas dar visibilidade para temas nunca ou pouco debatidos é também uma orientação de acordo com as Diretrizes Operacionais do Estado da Paraíba:

**“A Educação em Direitos Humanos é toda aprendizagem que desenvolve o conhecimento, as habilidades e os valores desses direitos, garantindo o direito do acesso, permanência e sucesso das pessoas, tendo como princípio reconhecer e respeitar as diversidades(de gênero,de orientação sexual, socioeconômica, religiosa,cultura,étnico-racial,territorial,físico- individual,geracional e opção política) (Diretrizes Operacionais das Escolas das Redes Estaduais de Ensino da Paraíba 2020,pág.70).”**

E além disso é dar o Direito de Aprender também sobre diversidade. Ainda nas Diretrizes de 2021, na página 68 repete o mesmo texto visto em 2020 e ainda com a aprovação da Resolução N°1, de 30 de maio de 2012, do Conselho Nacional de Educação(CNE), foram estabelecidas as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos, que devem ser observadas pelos sistemas de ensino e pelas suas instituições, desde o ensino básico até o ensino superior.

**“No entanto ,ressaltamos que “a inserção dos conhecimentos concernentes à Educação em Direitos Humanos na organização dos currículos da Educação Básica poderá ocorrer das seguintes formas”:**  
**I-Pela transversalidade, por meio de temas relacionados aos Direitos Humanos e tratados interdisciplinarmente;**  
**II-Como um conteúdo específico de uma das disciplinas já existentes no currículo escolar;**  
**III- De maneira mista, ou seja, combinando transversalidade e disciplinaridade;**

Porém essa referência de diversidade e Direitos Humanos as Diretrizes operacionais de 2022 só se refere ao ensino de reeducandos<sup>9</sup>. Em toda Diretriz 2022 o termo Direitos

9 Nesse momento, o sujeito será considerado “apenado”, ou seja, alguém que cumpre uma pena, ou também “reeducando”, sendo a última expressão muito utilizada quando se quer dar um caráter de ressocialização à pena criminal.(Jusbrasil, 2023)



Humanos não se refere a nenhum conteúdo. Quando essas mesmas diretrizes mencionam o termo “diversidade” a referência é a educação indígena, quilombola e educação do campo, ou seja, nada em relação à diversidade sexual e de gênero. As diretrizes 2023 na página 33 repetem as mesmas informações dos anos anteriores, nada é acrescentado e assim continua a omissão do debate de diversidade de gênero e sexualidade. “Dentro deste quadro, é possível verificar que as pessoas que divergem dos modelos socialmente preestabelecidos ou que se encontram historicamente à margem dos processos políticos e das estruturas macro de poder acabam sendo alvo de métodos que visam à anulação e/ou à exclusão do sujeito.”( NARDI et al,2013,p.39).

Segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), a violência afasta as pessoas transgênero da formação educacional: 56% delas não terminam o Ensino Fundamental.( SANTANA, 2022), e aqui cabe uma reflexão: se não for em primeiro lugar a família a dar acolhimento e suporte para o estudante LGBTQIAP+ e em segundo lugar a escola, o que vamos esperar da sociedade como um todo? Ter esse assunto debatido em sala nas aulas de sociologia é permitir a formação de cidadãos mais conscientes das diversas formas de individualização das pessoas e respeitá-las sem rótulos de gênero “.A hostilidade do ambiente escolar é uma das maiores razões de evasão de estudantes LGBTQIAP+, sobretudo trans. A exclusão desse público dos espaços de aprendizado reforça, a longo prazo, a dificuldade de inserção no mercado de trabalho.”(SOUZA, Rodrigo de; 2022)

Perceber que é possível que a escola não se resume apenas ser uma reprodutora do “staus quo” que fortalece uma sociedade extremamente preconceituosa mas sim, concretizar o papel que realmente cabe à escola segundo uma perspectiva Freiriana: a formação de cidadãos (FREIRE, 1921-1977). Em consequência dessa formação, formar pessoas aptas a conviverem com as mais diversas expressões, sendo esse o objetivo principal, respeitar as pessoas seja ela com qual identidade se identifique.

### **2.2.1.1 IDEOLOGIA DE GÊNERO**

Afinal o que é ideologia de gênero?

Ideologia de gênero “é uma invenção católica que emergiu sob os desígnios do Pontifício Conselho para a Família e da Congregação para a Doutrina da Fé, entre meados da década de 1990 e no início dos 2000, no bojo da formulação de uma retórica antifeminista sintonizada com o pensamento e o catecismo de Karol Wojtyła, o papa João Paulo II” (JUNQUEIRA,2019). A expressão aparece explicitamente em documentos religiosos e é definida como a defesa da escolha da orientação sexual independentemente da biologia, o que

enfraqueceria o casamento e a família tradicional” (BERNARDES;CAMPOS,2022 citado por Richard MISKOLCI; Maximiliano CAMPANA 2017, p. 727).No Brasil esse movimento eclodiu por volta de 2010 no bojo dos debates sobre o Plano Nacional de Educação de 2014.

**“houve um intenso debate envolvendo grupos LGBTI, religiosos, políticos, Academia e população Ao término desse embate, devido à pressão de alas ultraconservadoras da sociedade e grupos religiosos fundamentalistas, os termos *gênero* e *orientação sexual* foram suprimidos do texto. Com base nessa decisão, os mesmos termos foram retirados de praticamente todos os planos estaduais e municipais de educação, com a justificativa de *necessidade de simetria* entre os níveis nacional, estadual e municipal” (MOREIRA, CÉSAR, 2016.)**

A Igreja utiliza noções progressistas como “gênero ou feminismo alterando seu significado, criando confusão no entendimento das pessoas comuns e ressignificando a pauta que vozes liberais vinham tentando articular nas últimas décadas”.(PATERNOTTE; KUHAR. 2018)

**“Apesar de essa campanha ter iniciado na década de 1990, no Brasil esse movimento eclodiu por volta de 2010 no bojo dos debates sobre o Plano Nacional de Educação (2014-2014) (BRASIL, 2014). Isso só foi possível porque esse ideário católico ganhou a adesão das demais lideranças cristãs maciçamente representadas no Congresso Nacional pela “Frente Parlamentar Evangélica”, “Frente Parlamentar Mista Católica Apostólica Romana” e “Frente Parlamentar em Defesa da Vida e da Família”. Essa turma conseguiu “vetar o termo ‘gênero’ no PNE e, então, nos planos estaduais e municipais de educação de todo o país” (FURLANI, 2015, s/p.)”.(SILVA, 2018)**

Como exemplo, a ideia deturpada e divulgada pelo conservadorismo sobre a ideologia de gêneros é que as crianças seriam estimuladas à erotização e além disso, os meninos teriam que usar saias e as meninas irem de encontro ao papel de cuidadoras dispensados aos outros. Junqueira ainda complementa:

**“ Em um esforço de “erotização das crianças” desde a mais tenra idade, alunos seriam estimulados a se interessarem por masturbação, homossexualidade, transexualidade, prostituição, aborto, poligamia, pornografia, pedofilia, bestialismo etc. Alarmados, pais são convocados a se unirem em uma cruzada em “defesa da família” (referida sempre no singular), embalados em lemas como: “Abaixo a ideologia de gênero!”, “Salvemos a família!”, “Respeitem a inocência das crianças”, “Meu filho, minhas regras!”, “Meninos vestem azul, meninas vestem rosa!”, entre outros.” ( JUNQUEIRA,2019).**

Também envolvido na formulação do conceito ideologia de gênero, Ratzinger (Papa Bento XVI) manteve uma posição contrária ao feminismo, à liberdade sexual e à homossexualidade. Em sua célebre Carta aos bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do homem e da mulher na Igreja e no mundo (2004), alertou que o conceito inspirava ideologias promotoras do questionamento da família e da equiparação da homossexualidade à

heterossexualidade. Para o cardeal, a homossexualidade não deveria ser geradora de direitos.

Porém esse debate não se limitou aos valores da igreja sendo esta a principal propagadora da ideologia de gênero e veio a recair sobre a escola e conseqüentemente aos professores e professoras

**“Este projeto seria particularmente ameaçador para as crianças, que estariam sendo doutrinadas desde cedo na escola, segundo valores contrários aos de suas famílias e muitas vezes sem o seu conhecimento (das famílias). O gênero também produziria severas conseqüências no desenvolvimento das crianças, sobretudo porque borra as referências antropológicas relativas aos sexos. Como parte da crítica à "permissividade sexual" e ao legado de Maio de 68, a "ideologia de gênero" é também acusada de incentivar a hipersexualização de crianças e a pedofilia”.**( PATERNOTTE; KUHAR. 2018).

A interpretação que se tinha era que a escola em vez de cumprir o currículo o objetivo era de usurpar dos pais a educação moral de seus filhos para doutriná-los com ideias contrárias às convicções e aos valores da família. Sendo assim a escola foi colocada no centro de um debate público e as garantias e direitos sempre tão frágeis na liberdade de cátedra mais uma vez atacadas e a liberdade docente desestabilizada.

**“Um dos resultados imediatos tem sido a perda de legitimidade de fundamentos progressistas, democráticos, laicos e pluralistas que – com maior ou menor efetividade – vinham orientando os sistemas escolares brasileiros, a formação de professores e os objetivos da educação nacional. Grande sintoma disso tem sido os ataques a Paulo Freire, escolhido como patrono da educação brasileira menos pela radicalidade das ideias de seu livro seminal, *Pedagogia do oprimido*, e mais pela temperança de obras tardias, como *Pedagogia da autonomia*. A rejeição dessas ideias, que durante a reconstrução dos sistemas da Educação Básica na “Nova República” atuaram como uma espécie de bom senso da prática educativa, um fundamento progressista e democrático para a educação brasileira pós-ditadura, ilustra que, também no campo da educação, os eventos desde 2016 têm selado o fim da experiência democrática da Nova República.”**( PATERNOTTE; KUHAR. 2018).

O caráter laico da instituição escolar como espaço de formação crítica e de socialização para o convívio social, plural, cidadão e democrático torna-se alvo dos movimentos reacionários que na verdade nunca deixaram de existir. No Brasil, os movimentos conservadores sempre estiveram presentes mesmo depois da redemocratização do país. Entre as iniciativas conservadoras ou reacionárias, destacam-se o dito “Projeto Escola Sem Partido” – na verdade, “Escola com Mordaça” – e mais difusas campanhas de agentes ligados a partidos ultraconservadores e setores religiosos contra a suposta “ideologia de gênero”.( GROPPPO;CORROCHANO, 2019). Continuam os autores:

**“A proposta da escola sem partido defende o combate ao que seria uma sistemática doutrinação ideológica esquerdista no seio das escolas, e, entre os seus resultados, têm transformado educadoras e educadores em potenciais antagonistas no imaginário das famílias das e dos estudantes da**

**Educação Básica, tornando ainda mais precária a condição docente em nosso país, já que tem sido disseminada uma grande desconfiança para com a escola e seus profissionais. Já a denúncia da dita “ideologia de gênero” mal esconde suas raízes profundamente reacionárias, machistas e LGBTTFóbicas, fazendo uso de preconceitos ainda enraizados no imaginário popular para fazer a defesa de um suposto fundamento natural e/ou divino da família nuclear, da divisão sexual tradicional do trabalho e da heterossexualidade.”**

Em janeiro de 2019, o “combate à ideologia de gênero” foi citado como prioridade no discurso presidencial de posse do então presidente Jair Bolsonaro, por essas razões, que "gênero" representa uma forma de ideologia totalitária, ainda mais perigosa do que o marxismo e o fascismo (KUBY, 2012, 2016; SCHOOYANS, 1997, 2000). O crescimento do conservadorismo é algo tão latente que em entrevista à colunista Cristina Graeml, o presidente do Movimento Conservador no Nordeste, André Almeida destacou o crescimento de grupos conservadores nos estados nordestinos, cuja população é considerada, em sua maioria, de esquerda, como um motivo de esperança. “Essa é uma onda que não é modismo, veio para ficar. Era como se o conservadorismo estivesse adormecido dentro de nós, brasileiros, e com a chegada de alguém que tomou a frente disso, aflorou”, disse.

Nessa perspectiva, Kuby novamente declara que o “totalitarismo mudou os costumes e agora aparece sob o manto da liberdade, tolerância, justiça, igualdade, antidiscriminação e diversidade - um pano de fundo ideológico que demonstra ser termos amputados e distorcidos” (Kuby, 2016, p. 12). Mas todas essas interpretações equivocadas sobre a ideologia de gênero tem um sentido: o medo! Mas que medo seria esse? medo de outros tidos como diferentes possam ter os mesmos direitos, por isso que:

**“Campanhas antigênero e populistas utilizam estratégias discursivas semelhantes, identificadas por Wodak (2015, p. 4) como o kit de ferramentas necessário da retórica populista de direita: a inversão vítima-agressor/a, o bode expiatório e a construção de teorias de conspiração. Sua política depende da ”política do medo” e da ”arrogância da ignorância”. As políticas do medo procuram incutir o medo de perigos reais ou imaginários ao instrumentalizar minorias ou outros grupos sociais para criar bodes expiatórios que representam o ”Outro perigoso”, cuja imagem é baseada em imaginários coletivos estereotipados.”**

O que é mais curioso em relação a essas ideias é que na verdade as pessoas que são os verdadeiros bodes expiatórios são exatamente aquelas em que são atacadas como vilãs, o discurso antigênero acaba por interpretar desta forma e o senso comum toma como verdade absoluta, exemplo: o movimento antigênero não reconhece as uniões homoafetivas e em contrapartida interpreta essa união como destruidora de famílias, e assim fazem um discurso que dá a entender que os opressores são as vítimas.

Nessa perspectiva de enfraquecimento do status quo, as lutas contra os movimentos

sociais como o feminismo, movimentos LGBTQIAP+ e a categoria gênero ganham força e se alicerçam com base em uma “concepção religiosa que pretende manter a família tradicional e, nela, o papel subalterno das mulheres. Essa forte reação aos avanços conquistados por movimentos sociais é reforçada por Jorge (CAMPO, BERNARDE, 2022, citado por Scala (2011, p. 11), que inicia a introdução do livro afirmando que:

**A assim chamada “teoria (‘enfoque’, ‘olhar’) de gênero” é, na realidade, uma ideologia. Provavelmente a ideologia mais radical da história, já que, se fosse imposta, destruiria o ser humano em seu núcleo mais último e simultaneamente acabaria com a sociedade.**

Assim, a “ideologia de gênero” não é apenas um discurso e sim um instrumento político da extrema direita conservadora que objetiva alterar as pautas de debate e dar uma conotação de que a ideia é destruir a sociedade e a família tradicional, então nada mais eficaz que ironizar e dar conotação de perversidade sobre a ideologia de gênero que nada mais é do que debater a questão de gênero e toda a amplitude que o tema é capaz de abordar.

**“Para burguesia que geralmente é a parte conservadora da sociedade, a emancipação da mulher é vista como um perigo que ameaça a moral e certos interesses (BEAUVOIR, 1980), pois a sexualidade representa extrema importância nas relações de poder entre homens e mulheres, entre pais e filhos, entre educadores e alunos, entre padres e não religiosos, entre a população em geral”( AMANDO et al, 2019)**

Em suma, essas mobilizações não devem ser consideradas apenas algo pontual de um momento histórico do país e sim como formas consolidadas de oposição a determinados entendimentos sobre gênero e sexualidade. São de fato mobilizações configuradas em novos discursos e novas formas de organização por meio das quais os /as antigos/as e novas ideias conservadoras buscam ir além de seus círculos tradicionais e se conectar com um público mais amplo e diga-se de passagem: o que tem conseguido.

### **2.2.2 EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA LIBERTADORA: RECUPERANDO A ABORDAGEM FREIRIANA**

Paulo Freire, patrono da educação brasileira, propõe a educação como um instrumento para a formação cidadã e libertadora. Ele apresenta-se como o educador que ao pensar o homem, a sociedade e suas relações, preocupou-se em discutir a educação brasileira e pensar meios de torná-la melhor mediante o compromisso e a participação de todos, na perspectiva de uma educação libertadora capaz de contribuir para que o educando torne-se sujeito de seu próprio desenvolvimento, diante da presença orientadora que tem o educador.

**“Em todo o seu trabalho, Paulo Freire busca a coerência entre a razão humana e a consciência, pela qual o homem pode transformar-se e transformar o seu contexto social. Para o que é necessário a formação do homem realmente livre. Por ser livre, vai a origem das coisas, não deixando**

**manipular-se, já que submete sua ação à reflexão, não permitindo massificar-se, ou seja, pela formação da consciência crítica, em que o ato de educar conduz a liberdade, combatendo a alienação dos homens através da compreensão do indivíduo como ser ele mesmo, desenvolvendo suas potencialidades, humanizando-se no exercício da responsabilidade que tem frente às mudanças sociais. (SCHRAM; CARVALHO)**

Freire ressalta que não é com a educação tradicional e bancária<sup>10</sup> que irá atingir esse objetivo. A educação sugerida por Freire é uma educação libertadora e que tem como referência e ator principal o educando e não o professor. A educação tão falada e almejada por Paulo Freire é uma pedagogia em que o centro é o indivíduo e este será considerado de forma holística ou seja, levada em consideração suas experiências de vida, o meio em que vive, seu contato com os semelhantes e com a natureza e toda totalidade que se refere ao ser humano. O objetivo de Freire é que a educação tenha o foco da transformação da vida, através de uma educação emancipatória, a partir dos espaços, vivências, experiências, culturas dos oprimidos. Uma educação crítica orientada para a tomada de decisões e o exercício da prática de uma responsabilidade social e política. É um processo de conscientização que permite aos estudantes desenvolverem suas compreensões e avaliações em relação às estruturas de poder e das desigualdades existentes na sociedade, bem como promover condições para potencializar suas capacidades de agir para transformar essas estruturas. Ele defende uma abordagem educacional baseada na participação ativa dos estudantes, que permita que eles e elas sejam protagonistas de sua própria educação e de sua própria libertação levando em consideração as experiências que as pessoas acumulam ao longo da vida, do que elas e eles têm a dizer, do que elas e eles têm a fazer e a projetar. Desta forma o educar para Freire não se resume apenas a reproduzir conhecimentos e sim estimular os estudantes a incorporar valores que divergem do senso comum e assim expandido democraticamente as ideias que fazem parte ou não dos valores individuais do educando. Ele propõe “uma educação transformadora, educação para a democracia pela participação de todos, calcada no homem livre, racional, capaz de promover mudanças através do consenso entre grupos e classes sociais, por meio de reformas histórico-culturais, ou seja, no pensar a realidade do trabalho humano como uma obra de cultura, um ato cultural”(SCHRAMM; CARVALHO). Por isto, a educação de Freire não deve estar centrada no professor, no educador, mas no educando, ele é referência e o centro da educação.

**“Na metodologia proposta por Freire, os professores devem utilizar a experiência de vida dos alunos para que eles possam construir o conhecimento. Ele menciona que fazer associação do conteúdo**

10 A educação bancária é uma abordagem de ensino que foi criticada por Paulo Freire por promover uma forma de aprendizado passivo e mecânico. De acordo com Freire, a educação bancária, também conhecida como educação depositária, trata o estudante como uma caixa vazia que deve ser preenchida pelo professor, ao invés de entender o estudante como um ser humano capaz de pensar por si mesmo e questionar o mundo a sua volta. (SILVA, 2023)

**pedagógico aos fatos do dia a dia dos educandos torna o aprendizado efetivo e mais significativo. Se a experiência do aluno tem importância, ele precisa ser ouvido. E, ao ter voz, ele passa de aluno passivo a aluno protagonista. Assim, um dos legados de Freire hoje é tão acatado: PROTAGONISMO” ( SILVESTRE, Maria Luisa,2021)**

A sociedade capitalista apresenta situações de opressão, reflexo de atos de injustiça marcados pelas desigualdades sociais, próprios do sistema econômico que reflete diretamente na sociedade. Como Freire fala tão bem na *Pedagogia do Oprimido* (1974), que na constituição social do capitalismo existe aquele que oprime e aquele que é oprimido. Desta forma gera um contexto de violência, violência esta que se encontra também no contexto escolar, seja pelos conflitos da sociedade excludente, injusta e desigual, seja pelo discurso autoritário do professor, ou mesmo pela permissividade. Nesse sentido, requer repensar a formação de pessoas capazes de transformar, onde o fazer torna-se ação e reflexão, prática pedagógica, caracterizada pela ação transformadora do mundo. Buscando a libertação do homem, no contexto de reflexão, pela compreensão de ser no mundo, com o mundo e para o mundo. Na metodologia proposta por Freire, os professores devem utilizar a experiência de vida dos estudantes para que eles possam construir o conhecimento. Freire menciona que fazer associação do conteúdo pedagógico aos fatos do dia a dia dos educandos torna o aprendizado efetivo e mais significativo.

A pedagogia de Freire tem também como objetivo que o conhecimento seja acessível a todos: é a democracia do conhecimento, ou seja para que todas e todos tenham a mesma possibilidade, em que todos e todas aquelas pessoas que de algum modo estão na categoria determinada socialmente como oprimidos para Freire sejam reconhecidos como sujeitos autônomos e capazes. A proposta é que tenham acesso à educação sem nenhuma discriminação seja de gênero, raça, classe, religião ou o que quer que seja. É um método de educação cuja finalidade é: “encontrar o sentido, a natureza, os propósitos e as identidades entre os oprimidos. Trata-se simplesmente da vital e sempre necessária unidade para a libertação, parte importante de sua teoria dialógica da ação”.(Freire, 1972b *apud* RUBIO, 1997).

Freire em sua obra “*A pedagogia do Oprimido*”- impossível não citá-la por diversas vezes- critica a educação tradicional chamando-a de educação “bancária”. Ele explica que é uma educação como imposição do conhecimento realizada pelo professor sobre o aluno na medida em que o professor já os havia adquirido e dispõe destes sendo assim possível sua ação de depósito deste conhecimento nos alunos. Essa é uma explicação bem objetiva para uma educação perversa em que a relação de conhecimentos entre professor (depositante) e aluno (depósito) se resume a isso, deixando claro também que a educação vivenciada dessa

forma possui um papel de dominação entre opressores e oprimidos e acaba por tirar a responsabilidade do educador em fomentar a curiosidade e a construção da educação, “ Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada que ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos.”( FREIRE, 1996, p.17)

A chamada educação tradicional para Freire tem apenas o objetivo de adaptar o sujeito à sociedade tal qual ela está. É uma receita simples de manutenção do *status quo*.

**“Os alunos iriam para a escola para buscar o conhecimento do qual não são possuidores; o professor, enquanto detentor absoluto de todo o saber necessário, transmitiria tais conhecimentos para os alunos que, de maneira completamente passiva, os receberiam. Dessa forma, os alunos sairiam da escola apenas reproduzindo o que lhes foi ensinado, sem a capacidade de analisar, questionar, criticar ou interferir em mudanças no mundo à sua volta. Tornar-se-ia, ao final de sua caminhada escolar, um perfeito membro do sistema que andaria na mesma direção da corrente”; seguiria tal qual a sociedade desejaria que ele seguisse, seria exatamente quem o sistema deseja que seja”.**( MOTTA,2020)

Por outro lado, a chamada educação libertadora visa mudar significativamente a sociedade. É essa educação totalmente antagônica à educação tradicional. Na educação proposta por Freire, “sua opção teórica traduz a constante necessidade de diálogo, a importância do pensar a prática como forma de refazer, refazendo-se. Oferece uma leitura da ação como ato consciente, capaz de libertar. Como ele mesmo dizia “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”. (1997, p. 52) Essa proposta de Freire ganha força, afinal ela determina “A concepção educação como uma situação gnosiológica que desafia a pensar corretamente e não a memorizar, uma educação que propicie o diálogo comunicativo e que problematize dialeticamente o educando e o educador.”( RUBIO, Eduardo Medina, 1997).

## **2.2.2 TEORIA QUEER E A PEDAGOGIA DA LIBERTAÇÃO**

A teoria *queer* e a pedagogia da libertação de Paulo Freire são duas abordagens distintas, mas que compartilham um objetivo comum: a busca pela liberdade e emancipação dos indivíduos, dos grupos marginalizados e das diversas identidades. Embora pertençam a áreas de conhecimento diferentes, suas abordagens convergem e se complementam principalmente na perspectiva da criticidade e da transformação social.

A pedagogia da libertação, desenvolvida por Paulo Freire é uma abordagem educacional com o objetivo de emancipação e conseqüentemente a transformação social dos indivíduos, pois ela propõe uma prática educativa baseada na conscientização crítica, na participação ativa dos educandos e na superação das desigualdades sociais. Freire sempre



pregou que a educação não deveria ser praticada de forma passiva e sim um processo dinâmico de diálogo e reflexão. Nesse sentido, a pedagogia proposta por Freire valoriza e respeita a história individual valorizando as experiências trazidas por cada estudante e assim estimulando a participação ativa na construção do conhecimento. Por isso, um dos pilares fundamentais da pedagogia da libertação é a consciência crítica, a partir da visão de mundo de cada pessoa com leituras e engajamento político. Desta forma estimulando sempre o questionamento das injustiças em seus diversos âmbitos e buscando sempre a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Um dos aspectos centrais da pedagogia da libertação é a conscientização<sup>11</sup> ato imprescindível para o indivíduo lutar por sua própria emancipação, tornando os sujeitos ativos. É essa conscientização em que Freire ressalta como um processo coletivo, construída por meio da troca, de experiência e reflexões.

Já quando se fala em teoria *queer*, no que diz respeito à educação, não se fala apenas da sua proposta curricular, ou dos seus questionamentos linguísticos e gramaticais ligados à binaridade, por exemplo, mas ela procura incorporar perspectivas *queer* em diferentes áreas do currículo, destacando a importância da representatividade e da inclusão em todas as disciplinas e atividades educacionais. Se fala também, e mais significativamente, sobre o aspecto inquieto e questionador da teoria. “ Deve-se levar em consideração que a teoria *queer* é muito abrangente e diversificada , e vai, por exemplo, desde o estudo da desconstrução de gênero adotado por Judith Butler ao pensamento adotado pela professora Guacira Lopes Louro que traz a ideia de que o pensamento *queer* é uma forma de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade”( RIBEIRO, MENEZES, 2020)

A sua característica reflexiva, questionadora, inclusiva, faz nascer nos indivíduos um poder crítico e filosófico que contribui para uma educação e sociedade mais igualitária. “Por esta razão que se fala em teoria *queer* como uma “cultura” ou como um “pensamento” de subversão em meio à obscuridade, justamente porque esta teoria indaga, questiona, busca trazer os indivíduos, em suas mais diversas características e opiniões, para o centro da discussão”. ( RIBEIRO, MENEZES, 2020)

É necessário, segundo Silva (2007) que se dê abertura para o debate democrático e questionador. A Pedagogia da libertação de Paulo Freire é uma abordagem educacional que visa promover a conscientização crítica e a transformação social, enfatizando a importância da participação ativa dos educandos no processo de aprendizagem, valorizando suas experiências, conhecimentos prévios e respeitando todas as histórias de vida que influencia

11 conscientização é fundir-se com a realidade, existe dentro da práxis e existe a partir do ato ação-reflexão.(CAIXETA,2021)

diretamente no aprendizado e em sua convivência em sociedade. Pois bem, é essa pedagogia que busca romper com a relação tradicional de poder entre educador e educando, estimulando a construção coletiva do conhecimento e o engajamento político das pessoas envolvidas nesse processo.

O espaço escolar e pedagógico deve estar aberto e atento ao diálogo com as diversidades, criando uma riqueza crítica que rompe a fronteira da escola e chega à sociedade. Souza et al (2017) toca num ponto muito importante ao tratar da discussão na formação de professores e professoras, estes, conscientemente ou inconscientemente, ainda tendem a privilegiar a heteronormatividade, pois trazem consigo, as crenças e valores que foram positivados pelo que é considerado padrão. É por isso a necessidade de se unir essas suas ideias para a construção de uma abordagem educacional inclusiva e libertadora.

A Teoria *queer* e a pedagogia da libertação de Freire se coadunam pois possuem como característica a insurgência e a inquietação em relação à sociedade como está posta. O que mais incomoda as duas vertentes citadas é que a sociedade insiste em repetir comportamentos, ideias e percepções. Essa perspectiva possibilita que a pedagogia da libertação adote uma postura crítica em relação às normas de gênero e sexualidade, questionando-as e desconstruindo-as no ambiente educacional. Pode-se falar então que as ideias da Teoria *queer* e da Pedagogia da Libertação de Freire falam da necessária mudança de comportamento, mentalidade, educação e política para uma imprescindível criticidade na política onde refletirá de forma consistente na sociedade.

**“Não posso aceitar como tática do bom combate a política do quanto pior melhor, mas não posso também aceitar, impassível, a política assistencialista que, anestesiando a consciência oprimida, prorroga, “sine die, a necessária mudança da sociedade. Não posso proibir que os oprimidos com quem trabalho numa favela votem em candidatos reacionários, mas tenho o dever de adverti-los do erro que cometem, da contradição em que se emaranham. Votar no político reacionário é ajudar a preservação do “status quo”. (FREIRE, 1996.P.41)**

A Pedagogia da Libertação, por sua vez, oferece ferramentas para a prática da teoria *queer* na educação. Ela propõe uma metodologia participativa, na qual os estudantes são convidados a compartilhar suas vivências e a refletir sobre elas de forma crítica. Dessa forma, a sala de aula se torna um espaço seguro, acolhedor para que estudantes nas suas mais diversas expressões de gênero sejam reconhecidos e respeitados.

Paulo Freire foi um humanista que se utilizou “de conceitos ainda não usados pelas teorias críticas, como: amor, fé nos homens, esperança e humildade”( SILVA, 2007). Seu foco não estava em dizer como a pedagogia é, mas como ela deve ser. É de uma cultura

pedagógica profundamente inovadora, mas acima de tudo foi o criador e difusor de uma pedagogia crítica, assim como a teoria *queer* que vai utilizar as construções de significados para argumentar que os conceitos de identidade de gênero e sexualidade estão intrinsecamente ligados a uma relação de poder e dominação, assim como o entendimento de Paulo Freire. Para ele, a escola se apresenta como local privilegiado à libertação, pois é pela possibilidade de debater, discutir, dialogar que se alcançará a compreensão sobre a realidade circundante, e assim, ser possível, escrever a história das mudanças e das transformações.

No tocante à ideia de que a teoria *queer* traz uma luz subversiva à tradicionalidade normativa conservadora na educação, seja em sua formação curricular, seja no debate inclusivo que começa a existir de forma contundente, há a conclusão, conforme defende Silva (2007),

**“que a partir da teoria *queer*, a pedagogia e o currículo devem ser capazes de oferecer aos estudantes espaços para que desenvolvam sua capacidade crítica e analítica sob a ótica da diversidade, interrogando as formas dominantes de identidade”. Esta conclusão traz consigo uma reversão na educação. A partir da teoria *queer*, o pensamento crítico, questionador e analítico abre espaço para o debate, abre espaço para que se construa um currículo e um pensar pedagógico mais diverso, mais pautado no debate construtivo, em contra partida ao currículo mais limitador e mais heteronormativo que se tem hoje.”**

Dessa forma, a união entre a teoria *queer* e a pedagogia da libertação permite que a educação se torne uma ferramenta de resistência e de transformação. Essa junção enfatiza a proposição de um ambiente no qual os estudantes e professores possam desenvolver um espaço de liberdade e consciência crítica.

### **3- ETAPAS METODOLÓGICAS**

Para fazer esta pesquisa foi necessário seguir etapas para uma melhor organização, compreensão e análise dos dados. A pesquisa científica utiliza-se de métodos específicos para coletar, tratar e interpretar dados de interesse. “Não há ciência sem o emprego de métodos científicos. Para se fazer ciência é preciso ter uma estrutura a ser seguida pois “o método representa o *modus operandi* do pesquisador em sistematizar e racionalizar os caminhos metodológicos”(LAKATOS e MARCONI, 1986)

Num primeiro momento, percebi a necessidade de um debate mais transgressor em sala de aula, por isso fiz a proposta da teoria *queer*. Nesse sentido, fui buscar por meio do questionário se havia essa demanda ou não por parte dos estudantes. Por ser um assunto desconhecido, eu sabia que havia provocado curiosidade ao colocar no questionário para

os/as estudantes responderem.

Em seguida me apropriei dos teóricos *queer* e destaquei aquilo que seria interessante para se debater em sala de aula. Coloquei exemplos que fazem parte do cotidiano das pessoas e da sociedade.

Num terceiro momento organizei o método utilizado: questionários, explanação do assunto, debate e por último um outro questionário acerca do assunto desenvolvido em sala. Para tanto, delimitamos um grupo específico para a pesquisa: os estudantes do ciclo V e VI da EJA presencial noite, que correspondem ao ensino médio regular. Esse grupo foi escolhido por ser mais acessível para mim, uma vez que sou professora deles na disciplina de sociologia e já temos uma convivência semanal que facilitaria a pesquisa e principalmente o debate.

Foram aplicados dois tipos de questionário: Os questionários que chamarei aqui de número 1, que foram aplicados em sala de aula com minha presença, e os que denomino de número 2 que foram aplicados pela coordenadora, uma vez que outro professor de outra disciplina pediu a aula. Para não esperar tanto para aplicação, solicitei para a coordenadora que aplicasse e guardasse, juntamente com a ata de presença já que os questionários são anônimos e eu gostaria de saber efetivamente quem estava presente neste dia e se houve faltas.

Os questionários tinham como objetivo perceber a familiaridade do tema *queer* com os/as estudantes e se após ter contato com teoria *queer* faria diferença nas respostas do primeiro para o segundo questionário. Imaginava que a maioria dos/das estudantes não tivessem tido contato com a teoria *queer*, e dessa forma eu teria um parâmetro sobre a receptividade e a relevância do tema para os/as próprios/as estudantes.

Depois fiz a explanação dos slides em duas aulas. Fiz a mesma explanação no ciclo V e VI já que esse é um tema que não necessariamente precisa de um entendimento teórico anterior.

Por último fiz as análises dos dados a partir das respostas dos questionários 1 e 2 e o debate em sala de aula.

Algo bastante relevante para essa pesquisa foi conhecer o público a quem seria direcionada a investigação. Esta eu considero uma parte importante já que iremos saber se é de interesse ou não o assunto a ser debatido em sala. Para averiguar estes dados pouco importa o nome da pessoa que está respondendo ao questionário, o objetivo é saber os

valores e crenças individuais que se refletem nos seus comportamentos. Os questionários serem anônimos me proporcionam maior transparência com as respostas individuais de cada pessoa. O questionário 1 tem o objetivo de perceber se a teoria *queer* e os estudos de gênero são assuntos atrativos e relevantes os/as estudantes. A segunda etapa é explanar e construir junto com os alunos esse debate em sala de aula e, por último, um outro questionário para que seja feita uma análise sobre a validade do tema e se as discussões com os estudantes foram frutificantes.

### 3.1 PROCEDIMENTO ESTRUTURAL

Deve-se levar em consideração que a teoria *queer* é muito abrangente e diversificada . e vai, por exemplo, desde o estudo da desconstrução de gênero adotado por Judith Butler ao pensamento adotado pela professora Guacira Lopes Louro que traz a ideia de que “o pensamento *queer* é uma forma de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade”. ( RIBEIRO, MENEZES;2020 ).

Por esses motivos, se fez necessário uma pesquisa concisa e objetiva fazendo uso de questionários e a explanação do tema com slides como ferramenta principal para dar uma maior visibilidade e deixar a aula mais atrativa, clara e efetiva. Como o slide é um recurso que uso cotidianamente, os estudantes já estavam à vontade e isso acaba por não ser mais novidade, levando o tema da teoria *queer* como mais um debate da aula de sociologia. Os slides continham imagens e textos, priorizando uma apresentação de fácil compreensão. Percebi a facilidade da compreensão porque em algumas imagens, antes mesmo de falar sobre, os/as estudantes já indagavam com curiosidade.

Durante a explanação, adotei estratégias para envolver e engajar os/as estudantes, fazendo perguntas direcionadas a um estudante, mas que todos os outros sentiam vontade de responder e assim surgiam grandes debates. Com isso os momentos de discussão foram enriquecedores e incorporados para promover a troca de experiências e compartilhar o conhecimento e vivência de cada um.

Em relação aos questionários, eles foram desenvolvidos com perguntas objetivas e pertinentes sobre o estudo da teoria *queer* com questões que permitiram obter as respostas mais objetivas dos participantes. A coleta de dados por meio do questionário foi realizada de maneira organizada e sistemática. Os participantes receberam o questionário em formato impresso e responderam em sala de aula..

Essas ferramentas (questionários e slides) proporcionaram uma organização que

acredito que consegui promover a compreensão e a interação entre os/as participantes. Por sua vez contribuíram para a qualidade e relevância do resultado deste estudo.

### **ETAPA 1:**

Para o primeiro momento da pesquisa, utilizei questionário em que os estudantes não teriam a necessidade de se identificar. Este questionário foi composto por sete perguntas. O objetivo era de forma breve, ter um perfil dos/das estudantes em relação a idade, gênero, religião e se já havia tido contato com a teoria *queer*.

A pergunta sobre a idade era para identificar se existe relação da idade cronológica e as outras respostas como a questão religiosa. Se quanto mais velho mais religioso ou se essa informação sobre a idade não influenciaria o fato da religiosidade. Também queria saber se a questão da idade influenciava o sobre as questões relativas a gênero e sexualidade. Se as pessoas mais velhas são mais conservadoras ou não. "Ainda há esse estereótipo sobre as pessoas mais velhas serem menos flexíveis quanto a sua forma de pensar ou serem mais conservadoras"(DANIGELIS, Nick; 2008). E também saber qual a idade destes estudantes, para identificar o perfil etário que irá me ajudar durante todo o ano de 2023. Questões sobre a orientação de gênero e sexualidade já que esse é o tema central da teoria *queer*. Fiz também questões retomando a ideia de Paulo Freire para entendermos a necessidade e o querer do estudante, construindo assim a educação de forma compartilhada. “ O que Freire especialmente destaca é a participação dos educandos nas várias etapas da construção do “currículo programático”, logo, a escolha do conteúdo se dá num processo dialógico entre educadores e educandos.”( BARBOSA, FAVERE, 2013).

### **ETAPA 2:**

Como se sabe, o educador estuda e se prepara para planejar uma aula pensando na aprendizagem e na integração entre aluno e tema. O desafio na preparação de cada plano de aula com a discussão da Teoria *queer* que eu levei para debater em sala foi além das questões de gênero e sexualidade. Num primeiro momento tive que pensar em uma abordagem próxima da realidade sem teorizar muito e sim, a aplicação da Teoria *queer* no cotidiano. O primeiro ponto que destaquei foi quanto ao “meu lugar de fala” ( RIBEIRO, Djamila, 2019). Eu como mulher, negra, hétero, cis, professora e pesquisadora. Como poderia falar sobre o tema uma vez que não faço parte da comunidade LGBTQIAP+? Na perspectiva de Ribeiro, eu tenho meu lugar de fala a partir do meu lugar social. Tenho um pouco de experiência pois convivi com minha prima “Tia Fatinha” que era uma mulher lésbica(Falecida em outubro de

2013), tenho amigas lésbicas, amigos trans e também pessoas da família se identificam enquanto bissexuais enquanto sua orientação sexual ou seja, não falo apenas como pesquisadora mas tenho meu lugar de fala como uma pessoa que tem amor, carinho e respeito pelas pessoas da comunidade LBBTQIAP+. Além disso, sou uma mulher, negra em que a docência não é um lugar em que a sociedade espera que eu ocupe. Mesmo sendo uma profissão pouco valorizada e remunerada mas para ser ocupada é preciso uma graduação em nível superior. “*Queer* é um jeito de pensar e dizer que não aspira ao centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, inexecdível. *Queer* é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina (LOURO, 2008, p.30)”.

Dando seguimento à aula fomos para o ponto mais relevante que é a Teoria *queer*. Achei por bem não me ater a parte histórica do movimento para não entediar os estudantes. Mas trouxe a diferenciação das orientações sexuais, sexo biológico e identidade de gênero. Exemplifiquei com imagens e textos científicos que a homossexualidade existe no mundo animal, inclusive espécies como os macacos muriquis em que as fêmeas procuram o relacionamento heterossexual apenas para procriação. As relações homoafetivas existem com objetivo de prazer apenas.(WRANGHAM,PETERSON;1998). Depois dei o exemplo do músico Vitão e a entrevista concedida à Istoé em que fala de sua sexualidade. Também mostrei fotos do músico em que perfoma e se veste de várias formas, sem a necessidade de um rótulo quanto sua identidade de gênero. Falamos também dos papéis de gênero impostos socialmente a partir do sexo biológico. Os exemplos de como a mulher é sempre posta no espaço de cuidar e de servir e do homem de ser o provedor da casa. Debatesmos a questão do uso de anticoncepcional sempre responsabilizado para a mulher como consequência da nossa cultura baseada no patriarcalismo. Também coloquei as questões sobre pessoas Trans apresentadas pelo Dr. Alexandre Saadeh, Médico psiquiatra especialista em crianças e adolescentes trans, pesquisador, professor universitário e coordenador do Ambulatório Transdisciplinar de Identidade de Gênero e Orientação Sexual do Hospital de Clínicas da USP( AMTIGOS-USP). Toda a aula foi ilustrada por slides com fotos e referências dos materiais utilizados. Durante a aula sempre estimulo os estudantes a intervirem sempre que quiserem e sentirem-se à vontade para observações e questionamentos. Com isso muitos estudantes comentaram sobre suas experiências de vida com pessoas da família que fazem parte da comunidade LGBTQIAP+ , alguns ilustraram preconceitos que sofrem apenas por não corresponderem aos padrões heterocisnormativos. Escutamos uma das estudantes que se identifica como uma mulher travesti, também a experiência de outra aluna que possui um irmão trans, enfim foi muito enriquecedor e necessário.

Na aula 2, demos continuidade aos estudos *queer*, falamos sobre a diferença entre pessoas cis e trans<sup>12</sup>. Sequência do que havia sido debatido na aula anterior com os estudos do médico Alexandre Saadeh. Dei exemplos de pessoas trans importantes na política e na cultura, também falamos sobre as mulheres travestis como um corpo político. Debates sobre a necessidade ou não da hormonização, cirurgia de ressignificação, disforia de corpo e nome social. Levei o decreto estadual Nº 32.159, de 25 de maio de 2011 que dispõe sobre o tratamento nominal e a inclusão e uso do nome social de travestis e transexuais nos registros estaduais relativos a serviços públicos prestados. O decreto também se refere a utilização do acesso a banheiros por pessoas trans, inclusive nas escolas. Debates sobre os símbolos que marcam o banheiro feminino e masculino assim como os banheiros unissex e todo o estereótipo de gênero. Foram aulas muito produtivas em que os estudantes participaram de forma ativa, se posicionando e desabafando o que já experienciaram, assim como familiares que sofreram e sofrem com o preconceito. Foi uma discussão linda! Escutei de alguns estudantes falando com outros: “ essa aula foi massa!”, um outro: “ a aula de sociologia é a melhor!”. Tenho que reconhecer que tento envolver ao máximo e fico muito feliz quando atinjo o objetivo. Vou confessar que fiquei com receio em relação a receptividade do tema proposto, mas ao final das aulas percebi quanto espaço a teoria *queer* tem para ocupar na sociologia, e o quanto ela faz parte do cotidiano de todos, todas e todes.

**“Portanto, o grande desafio do educador é, pela formação permanente, buscar subsídios teórico-práticos, para o exercício da docência, para a compreensão de que o conteúdo a ser trabalhado é uma síntese da humanidade, e que ao ser considerado relevante, conduz o aluno a transitar por ele, provocando inquietações que o fazem avançar ainda mais”( SCHRAM; CARVALHO)**

### **ETAPA 3**

Na 3ª e última etapa, foi feito um segundo questionário para identificar se os estudantes achavam necessário o tema sobre Teoria *Queer* que foram debatidos nas aulas de sociologia. Para esse segundo questionário obtive um número menor de questionários respondidos. O questionário foi composto por questões objetivas e a única questão aberta se referia a idade do(a) estudante. O objetivo era saber se o fator idade demonstraria alguma resposta mais conservadora. As perguntas objetivas do questionário fizeram referência aos

12 Pessoas Cis e Trans- Cisgênero e transgênero são tipos de identidades de gênero, ou seja, como as pessoas se identificam. Cisgênero é o indivíduo que se identifica com o sexo biológico (masculino ou feminino) com o qual nasceu. Transgênero é a pessoa que se identifica com um gênero diferente daquele que lhe foi dado no nascimento. Por exemplo: o indivíduo nasceu com genitália masculina, mas sua identificação é com o gênero feminino. ( Falando de sexo, 2020)



estudos *queer* e sua relevância já que neste momento haviam sido ministradas duas aulas em relação ao tema.

### 3.1.1 A ESCOLA E SUA LOCALIZAÇÃO

A escola em que foi feita a pesquisa está situada na zona norte meridional do município de João Pessoa no Bairro da Torre. Escola em que me encontro lotado desde 2018, a escola Professora Antonia Rangel de Farias. As informações a seguir foram retiradas do Plano Político Pedagógico de 2019, porém desatualizado mas que está em vigor até o ano de 2023.

A escola está em um dos bairros mais antigos da cidade de João Pessoa. O bairro consolidou-se como um importante centro comercial da cidade. O bairro da Torre limita-se ao norte com o Bairro dos Estados, ao oeste com o centro, ao leste com o bairro dos Expedicionários e com o Castelo Branco e ao sul com a Mata do Buraquinho. Atualmente é considerado um bairro de classe média. Conforme dados extraídos do portal do IBGE, relativo ao Censo de 2010. A população do bairro da TORRE é constituído de 15.193 pessoas, sendo 6.597 homens e 8.596 mulheres.

O bairro dispõe de 4.658 domicílios com média de moradores na faixa de 3.2. Por grupo de idade dividindo-se da seguinte forma: 0 a 4 anos: 4,8; 0 a 14 anos: 16,1; 15 a 64 anos: 70,9; 65 anos e +: 13,0<sup>13</sup>.(PPP,2019)

No bairro podemos encontrar uma grande variedade de lojas, desde as destinadas a material de construção, papelarias, copiadoras, supermercados, pequenos mercados, autopeças, mercado público, lojas de roupas e calçados, elétrico e eletrônicos entre outros. Encontramos situado no bairro hospitais, entre eles o hospital da UNIMED, o maior da cidade, o Hospital São Francisco, Hospital Samaritano, Clínicas Médicas particulares e o Pronto Socorro de Fraturas, além de uma Unidade de Pronto atendimento Municipal conhecido como Lactário da Torre, além da recente clínica NEFRUZA. Um grande número de farmácias e escolas estaduais, municipais e particulares também são encontradas no bairro. A Torre ainda é bem servida por bares, restaurantes, churrascarias, panificadoras e lanchonetes. Localiza-se ainda a Vila Vicentina moradia de alguns idosos.

Nas últimas décadas o bairro sofreu uma grande transformação e tem a cada dia ocupado um espaço maior referente ao número de atividades de comércio e serviços licenciados, ocupando o segundo lugar, levando a população a acostumar-se com a agitação diária e não percebendo os danos à saúde e ao meio ambiente que isto lhes causa, como no caso específico da poluição sonora causada pelas madeireiras. Outras fragilidades

13 Todas as informações trazidas sobre a Escola e sua Localização foram retiradas do PPP( Projeto Político Pedagógico, 2019 que está em vigor.

encontradas no bairro dizem respeito aos constantes assaltos que acontecem a qualquer hora do dia aos transeuntes, arrombamentos de casas e assaltos aos locais comerciais, além da violência já considerada comum por consequência do uso de drogas lícitas e ilícitas. A Torre dispõe de um Centro de Atenção Psicossocial Regional para Usuários de Álcool e outras Drogas (Caps AD), mantido pelo Governo do Estado. No Caps AD os dependentes de álcool e drogas da Capital que querem se livrar do vício dispõe de tratamento gratuito, os usuários têm acompanhamento médico com clínico geral, psiquiatra e psicólogo, além de um assistente social e professores que desenvolvem atividades com cerâmica, música, pintura, reciclagem e esporte. Os serviços da unidade, incluindo terapias e tratamento, funcionam na Rua Sinézio Guimarães, 163, Torre, de segunda a sexta, nos turnos manhã e tarde.

Embora seja considerado um bairro comercial, a maior parte dos imóveis destina-se a funções residenciais, daí porque ainda é possível encontrarmos no Bairro um grande número de casas. O bairro conta ainda com um condomínio residencial vertical, muitas vilas e uma tendência a residências verticais. Duas das principais igrejas católicas da cidade, a Igreja de São Judas Tadeu e a Igreja de Santa Júlia localizam-se neste bairro. Dentre as igrejas evangélicas localizamos a Comunidade Cristã Paz e Vida, Igreja Batista da Torre e Igreja Evangélica Avivamento. Dentre os Núcleos de Estudos Espíritas encontramos o Bom Samaritano, o Canto da Paz e a Associação de Medicina e Espiritismo<sup>14</sup>.

Segundo informações colhidas na secretaria da escola, os alunos estão em sua grande maioria entre as Classes Sociais E, e C, com rendas entre um e até quatro salários mínimos. As profissões variam muito entre pessoas do lar, a pequenos comerciantes, caixa executivo, faxineira, auxiliares de serviços gerais, copeira, aposentados, técnicos de enfermagem, balconista, domésticas, autônomos, agente de saúde, funcionário público federal, segurança, guarda municipal, vendedores, frentistas, garçom, costureira, recepcionista, corretor de imóveis, professor, agentes de limpeza urbana, entre outros. A religião em sua maioria é católica, possui um bom número de evangélicos e outras práticas religiosas não reveladas. O Programa do governo federal que mais está presente entre os alunos é o Bolsa Família. E o nível de escolarização das famílias varia tanto quanto as profissões. Fazendo parte do quadro tanto analfabetos como pessoas de nível superior completo.

Alguns alunos chegam à escola com dificuldades na habilidade de leitura e escrita. Apresentam dificuldades em se relacionar uns com os outros, são desconfiados, aparentemente dispersos e desmotivados. No entanto, os professores são orientados a não rejeitá-los, mas conscientizá-los de que precisam buscar ajuda, seja através do SOE( Serviço

14 Informações também retiradas do PPP, 2019 da Escola Professora Antonia Rangel de Farias.

de Orientação Educacional), ou do atendimento específico. Alguns são trabalhados em sala pelos professores, outros pelo apoio pedagógico e alguns são encaminhados para a sala de Atendimento Educacional Especializado, quando apresentam necessidades especiais, onde as atividades são direcionadas às dificuldades de leitura, escrita e matemática, direcionadas às quatro operações.

### **3.1.2 ATORES DA PESQUISA**

Ao pensar nesta pesquisa, no primeiro momento eu pensei em fazer com os estudantes do ensino médio regular, porém não é a minha lotação na escola o que dificultaria pois nós professores construímos vínculos afetivos que são indispensáveis para o aprendizado. Em alguns anos acumulei o ensino médio regular e a EJA. Todavia com a EJA tenho um carinho especial pelos estudantes uma vez que reconheço todo o esforço que eles fazem para comparecerem às aulas e dar continuidade aos estudos. Isso realmente me sensibiliza muito seja na EJA presencial ou a EJA semipresencial. Então preferi fazer com o público que eu atuo há mais de 10 anos como professora da Rede Pública do Estado da Paraíba.

Quando me refiro aos estudantes do ensino da EJA sua realidade e seus perfis são, na maioria das vezes, bem semelhantes. Ao decorrer dos anos de experiência como professora, pude perceber essas características a partir das minhas vivências. O interesse em conhecer um pouco mais sobre essas pessoas e o que as levou a procurar a escola para voltar a estudar são pontos significativos para entender estes/as estudantes. São pessoas de idades diversas, sexos, gêneros e realidades distintas uns dos outros, porém com a esperança de que ainda é possível se apoderar daquilo que lhes foi negado em determinado momento da sua vida. Outro meio de enriquecer e saber do perfil dos estudantes é partir do conhecimento das características socioeconômico-cultural. Com isso se torna mais fácil contribuir com o processo de aprendizagem dos mesmos. Uma das realidades sempre repetida ano após ano é que são homens e mulheres adultos que voltaram para a sala de aula por diversos motivos, entre eles e o mais comum: pressão no emprego para conclusão dos estudos (para os homens) e para as mulheres, em sua maioria, voltam aos estudos porque se separaram ou enviuvaram de homens machistas que não permitiam que elas estudassem. Para os mais jovens, a realidade é que a necessidade de abandonar a escola no ensino regular foi ocasionada pela demanda de trabalho para sustento da casa e da família e o ensino da EJA noturno se torna a solução para dar continuidade e conclusão dos estudos de forma mais acessível:

**“Esse é o lugar da EJA, lugar de oportunidade para quem está a margem da educação do nosso país, dos desfavorecidos, dos trabalhadores, também dos reprovados e desistentes. É o lugar do jovem, do adulto, do idoso, como também de seus filhos, bem pequenos que acompanham seus familiares por**

não terem com quem ficar em casa. [...]Esse é o lugar da EJA, um lugar próprio, com suas leis, diretrizes, orientações estaduais e municipais, com um processo organizado em ciclos, com faixas etárias que delimitam a entrada de pessoas com no mínimo 15 anos, que tem aulas organizadas em períodos de 40 minutos, intercaladas com intervalo, merenda e um sinal sonoro que demarca esses horários”. (FURTADO 2009, p. 146)

Então, conhecer o público da escola em que a pesquisa foi desenvolvida é sem dúvida uma das questões principais uma vez que a EJA é ampla em seus segmentos e cada ciclo atende um público diferenciado de acordo com a idade e necessidades pedagógicas.

**“A Educação de Jovens e Adultos (EJA) organiza-se de modo a ofertar possibilidades de acesso, permanência e conclusão a todas as pessoas que ainda não concluíram a educação básica na faixa etária regular considerada adequada para o fluxo de idade e série. Ofertada com base no que estabelece os artigos 37 e 38 da Lei Federal nº 9.394, de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB e suas atualizações, nos termos das Ensino Fundamental Anos Iniciais Idade Mínima 15 anos Idade Mínima 16 anos Idade Mínima 18 anos 1º ano 2º ano 3º ano 4º ano 5º ano 6º ano 7º ano 8º ano 9º ano 1ª série 2ª série 3ª série Aprofundamento do Ciclo V Ciclo V Ciclo VI Ciclo III Ciclo IV Ciclo I Ciclo II Ensino Fundamental Anos Finais Ensino Médio Resoluções CNE/CEB nº1/2000, de 5 de junho de 2000, e CNE/CEB nº 3/2010, de 16 de junho de 2010; e, também, de acordo com as normas fixadas na Resolução nº 030 do CEE/PB” ( Diretrizes Operacionais das Escolas da Rede Estadual de Educação da Paraíba 2023, pág 23)**

Em anos anteriores tive oportunidade na modalidade EJA semipresencial de atender estudantes da comunidade LGBTQIAP+ que infelizmente tiveram que recorrer a essa modalidade já que na escola em que estudaram sofreram bullying e desistiram dos estudos retornando na Educação de Jovens e Adultos. Este ano no EJA presencial tenho a satisfação de ter uma aluna travesti que está retornando os estudos. O que ainda me incomoda é a pouca procura e frequência dos alunos LGBTQIAP+ nas escolas, o que mostra que a escola não é um espaço que acolha e que os faça se sentirem confortáveis e seguros. A EJA é composta por um público bem heterogêneo e alguns estudantes, como dito anteriormente, por serem mais maduros possuem seus valores e crenças sociais bem consolidados e trabalhar o tema *Queer* com eles é uma oportunidade de mostrar algo fora de suas convicções e construções sociais acerca dos papéis de gênero.

**“Como podemos chamar a pedagogia Queer surge como um esforço de pesquisadores/as como Deborah Britzman, e Guacira Lopes Louro (no Brasil) entre outros/as em utilizar conceitos da teoria Queer, na educação para “[...] questionar os processos institucionais e discursivos, as estruturas de significação que definem, antes de mais nada, o que é correto e o que é incorreto, o que é imoral e o que moral, o que é normal e o que não é normal”. Buscando investigar o porquê e, principalmente, como se produzem esses discursos que definem e buscam normatizar os sujeitos, enquadrando-os em categorias de acordo com suas identidades (homem, mulher, heterossexual, homossexual, branco, negro, etc.). Quando falamos em**

educação e em currículo é frequente a associação destes aspectos relacionados ao ensino e a conhecimentos a serem transmitidos, entretanto, se faz necessário considerar que a educação e o currículo tratam de processos muito mais amplos, que envolvem sujeitos que possuem gêneros e sexualidades, portanto, envolvem saberes que também não são neutros, mas, socialmente construídos para responder e formar sujeitos de uma determinada forma, ou seja, a escola “[...] produz e organiza, de forma coincidente, as identidades raciais, culturais e generificadas dos/as estudantes” (BRITZMAN, 1996, p.72).”( KORB,Stefanie da Silva; MAI, Luciana Valquíria Kremin; 2020)

Neste grupo pesquisado há uma estudante católica e idosa, que faz parte de movimentos da igreja, inclusive sempre vai para escola com roupas da comunidade que participa. Quando explanei sobre a teoria *queer* e toda a diversidade que engloba esta estudante foi talvez a primeira a se colocar a favor sobre o debate do tema e sempre se apresentava bem interessada, participativa e fazendo questionamentos sobre o tema. Ao final da aula ela explicou seu interesse pois possui um irmão trans e queria entender mais sobre o debate pois o irmão estava sofrendo constantemente transfobia<sup>15</sup>. Isto mostra que este debate atinge todas as pessoas sejam elas religiosas ou não, pessoas mais maduras ou não e que façam parte da comunidade LGBTQIAP+ ou não.

#### **4 ANÁLISE SOBRE A TEORIA QUEER NO ENSINO DE SOCIOLOGIA: DESAFIOS PERMANENTES**

A Sociologia, como formadora do pensamento crítico e importante instrumento de construção de uma educação emancipatória, deve ser compreendida por suas lutas históricas para ser inserida no currículo escolar. Uma questão bastante relevante é que muitas pessoas até hoje não sabem o que significa a disciplina de sociologia, com o ranço que ainda existe da ditadura e também o período um tanto turbulento que o país passou nestes últimos anos, faz com que o senso comum desconheça e tenham resistência ao que se discute na disciplina, apenas rotulando como comunista e afins. Onde muitos não sabem nem o que significa comunismo. Muitas pessoas não estão familiarizadas com essas áreas de estudo e podem resistir a aprender sobre elas, por isso tanta dificuldade em se colocar um debate mais transgressor em sala de aula. Algo também bem relevante é o preconceito existente quando se fala sobre o tema gênero e sexualidade. Vivemos em um país machista e bastante conservador. A ONU mulheres realizou uma pesquisa em que teve como resultado uma ratificação:

15 a transfobia é qualquer ação ou comportamento que se baseia no medo, intolerância, rejeição, aversão, ódio ou discriminação às pessoas trans por conta de sua identidade de gênero(Politize,2021)

**“Em pleno século 21, o machismo ainda é tema recorrente no Brasil. Uma pesquisa realizada pela ONU Mulheres e o portal PapodeHomem, com viabilização do Grupo Boticário, mostra que 95% das mulheres e 81% dos homens entrevistados concordam com a afirmação. E 3% deles se consideram bastante machistas, ainda segundo o estudo, que visa entender como as pessoas se sentem sobre esse tema e como podemos evoluir para uma sociedade com mais igualdade e mais diálogo entre os gêneros.(ONU mulheres,2016).**

Uma outra questão de muita importância é que não se tem material para fazer o estudo da sociologia e a teoria *queer*. Como já foi falado anteriormente não está disponível para o ensino médio livros, cartilhas, ebook que subsidiem o ensino da teoria *queer* na disciplina de sociologia. O que há de mais próximo é na BNCC quando cita Direitos Humanos, porém nada mais além disso. Desta forma, como esperar que os professores tenham como introduzir esse assunto onde muitos deles também não conhecem a teoria *queer*? Um outro ponto crucial e que faz toda diferença é que muitos professores que lecionam a disciplina de sociologia não são sociólogos e nem mesmos cientistas sociais. Encontra-se muitos professores de história e geografia ministrando as aulas de sociologia como complementação de carga horária. Não existe uma responsabilidade por parte do Estado sobre a sociologia.

Uma outra questão é a necessidade de uma educação construída com todos os integrantes, ou seja, professores, estudantes, secretaria de educação. Se não fizer uma educação democrática nada irá mudar. Se os professores não deixarem de se colocar em uma posição de superioridade, se não se qualificarem sobre o assunto, difícil será mudar essa realidade. Como em todas as aulas os professores precisam estar aptos para ministrar os assuntos. É preciso preparar aulas, estudar e deixar o espaço aberto para a construção do conhecimento, deixando com que os estudantes participem de forma ativa e tentando abrir um diálogo para uma possível desconstrução de preconceitos. Promovendo assim discussões abertas e seguras para alunos e partes interessadas. Além disso, é importante abordar a resistência ao ensino de tópicos sensíveis, uma vez que muitos dos estudantes são frequentadores de igrejas pentecostais onde a pregação do preconceito é feita no púlpito. Porém é urgente que essas atitudes sejam tomadas para assim tornar esses pontos relevantes e colocar esse assunto de forma aplicáveis à vida dos alunos.

#### **4.1 O ENSINO DE SOCIOLOGIA**

A Sociologia por anos sofre com a dificuldade em se manter no currículo do ensino básico brasileiro de forma definitiva. Quando se refere ao estudo da sociologia e no curso de sociologia quase sempre é remetido ao nível superior, seja em cadeiras específicas de cursos de humanas em sua maioria, seja nos cursos das áreas de saúde para dar um pouco mais de

humanidade para os futuros profissionais.

Com isso, "o papel da Sociologia no Ensino Médio consiste em formar o cidadão consciente a partir de uma melhor compreensão lógica e dos fatores que dinamizam a realidade social" (CAREGNATO; CORDEIRO, 2014, p. 13).

O que é bem interessante na história da sociologia assim como na história da humanidade é que todo o trajeto dependerá do momento político em curso.

**“A primeira vez em que a Sociologia foi mencionada como disciplina para inclusão no curso secundário ocorreu em meados de 1882, no período do Império. A proposta dada pelo então deputado Rui Barbosa e apresentada por Carlos de Carvalho versava sobre a reestruturação do ensino (Freitas; França, 2016, p. 42). Nesse contexto, o Brasil passava por mudanças econômicas e sociais, com a necessidade de implantar um ensino que transformasse e inovasse o país. Rui Barbosa apostava em uma educação modernizadora do país, sendo necessárias, portanto, novas políticas públicas que utilizassem as experiências de outros países mais modernizados, como base. Nas visões de Carlos de Carvalho e Rui Barbosa, a educação era fator de mudança social.”( WIECZORKIEWICZ ,2022)**

Ou seja, a ideia de educação já era definida como fator primordial para a sociedade e que a formação de cidadãos era de extrema importância uma vez que já se falava em um outro momento político: a república. Porém esta só foi efetivamente instalada no país em 1889. Como a educação é também um marcador da transformação social. Em 1981 a disciplina ganha espaço na educação do país e é implementada nas escolas "salas de aula brasileiras na reforma educacional implementada por Benjamin Constant em 1891 (Rêses, 2004, p. 15), seguindo o pensamento de Augusto Comte.” (WIECZORKIEWICZ ,2022).

**“com a transição da Monarquia para a República, o fim da escravidão, o início do trabalho assalariado e da industrialização no país. Nesse contexto, a instrução pública teve como objetivo formar novos cidadãos para uma outra realidade social. Era preciso formar homens que tivessem a capacidade de refletir e, por conseguinte, contribuir com a sociedade, fazendo valer seu papel de cidadão livre e consciente, por meio do voto. Na Reforma de 1890 preocupou-se mais em preparar a população para exercer a cidadania, mais do que apenas preparar alunos para ingressar no ensino superior. E, portanto, por meio das disciplinas oferecidas, buscou-se também “ensinar” conteúdos que englobassem uma formação patriótica, ou seja, formar cidadãos que contribuíssem com a pátria” (Seki; Machado, 2008, p. 19 citado por WIECZORKIEWICZ ,2022 )**

Segundo Freitas, 2022, “A proposta do ministro Benjamin Constant foi composta de 21 decretos, publicados entre maio de 1890 e janeiro de 1891, e foi a primeira reforma educacional da república brasileira, tinha foco em métodos e conteúdos e era de cunho liberal e elitista”. Em 1901 a sociologia saiu do currículo com a reforma Epiácio Pessoa mesmo sem ter sido oferecida em todas as escolas. Essa reforma manteve o objetivo da formação do

ensino secundário para o ensino superior. É em 1925, 24 anos depois que a sociologia volta para o currículo escolar através do Decreto n 16.782-A de 13 de janeiro de 1925 art 47, 6º ano, alínea 4. A Sociologia passou, então, a ser cursada pelos candidatos do curso superior e os que estavam cursando a sexta série do curso ginasial como mostra o decreto, porém a sociologia é uma matéria restrita aos cursos de

**“bacharéis das elites pois não era disciplina obrigatória para a conclusão do Ensino Secundário ou para a inscrição em exames vestibulares” (RÊSES, 2004, p. 16). No início desse período, o ensino da Sociologia era realizado na ausência de cursos de Formação de Professores de Sociologia, sendo comum que advogados, médicos e engenheiros ministrassem as aulas (Moraes, 2011, p. 362.) Em 1928, foram introduzidas no currículo as disciplinas Sociologia Geral e Sociologia da Educação, ministradas primeiramente no Colégio Pedro II e, depois, na Escola Normal Primária de Recife e no Instituto de Educação Caetano de Campos, em São Paulo (Freitas, França, 2016, p. 43). Em 1931, ambas se tornaram gerais no currículo das escolas normais primárias do país, devido à reforma do ensino efetuada pelo ministro da Educação Francisco Campos” (Queiroz, 1989, p. 9) (WIECZORKIEWICZ ,2022 ).**

A partir daí o Brasil passa por momentos complicados como em 1930:

**“que depôs o presidente Washington Luiz e colocou Getúlio Vargas no poder. [...] Até os anos 1930 são a aceleração do ritmo de crescimento dos elementos capitalistas, evidenciada pelo aumento dos investimentos na indústria, cuja produção é destinada ao mercado interno constituído por população urbana; crescimento da produção pelo desenvolvimento industrial, mas as condições de vida no campo eram péssimas, sendo que milhares de habitantes que nele viviam, não constituíam o mercado interno necessário à crescente produção industrial e agrícola; burguesia proveniente em grande parte de atividades agrícolas, baseadas na propriedade de terra e cujos lucros originam-se da sua exploração e exportação do café. Com vistas a “ajustar” essa situação, a revolução de 1930 criou órgãos administrativos, dentre eles o Ministério da Educação. O primeiro-ministro foi Francisco Campos que, através dos Decretos nos 19.851, 19.852, de 11 de abril, e 19.890, de 18 de abril de 1931, pretendeu dar novo rumo ao ensino secundário e superior. [...] Foi promulgada em momento de grande efervescência no setor educacional, sobretudo pela ação dos “Pioneiros da Educação”, que preparavam o lançamento de seu “Manifesto por uma Educação Nova”. Nesse manifesto, eminentes educadores nacionais procuraram reunir as aspirações do momento e propor caminhos para a educação, de forma que ela fosse mais adaptada às demandas que se faziam presentes naquela época, considerando-se as transformações em curso nos padrões de relacionamento social e no mundo do trabalho” (Soares, 2009, p. 52-56 *apud* WIECZORKIEWICZ ,2022 ).**

Como foi dito, a educação era e é até hoje um importante instrumento de preparação das pessoas para o mercado de trabalho, porém usando palavras mais atuais e mercadológicas, importante para formação da mão-de-obra. A educação estava e está direcionada para a promoção do desenvolvimento econômico.

**“Nesse processo de reforma, Francisco Campos manteve a Sociologia como disciplina obrigatória e requerida em exames vestibulares e de admissão**



(Moraes, 2011, p. 362). O adolescente passava por uma formação básica de cinco anos e por outra complementar de dois anos. Estes últimos dois anos, eram destinados à preparação para o ingresso na faculdade (Freitas; França, 2016, p. 43). A Sociologia foi incluída como disciplina obrigatória no 2º ano dos cursos complementares pela Reforma Francisco Campos. Assim, ela se estabelece na educação secundária, não como um componente da formação geral dos adolescentes, mas sim, como uma das disciplinas responsáveis pela preparação de advogados, médicos, engenheiros e arquitetos (cursos complementares) e professores (curso normal). [...] A Sociologia deveria formar o "espírito crítico" para dar conta dos problemas sociais. [...] a Sociologia poderia ser considerada "a arte de salvar rapidamente o Brasil" (Santos, 2004, p. 74). (WIECZORKIEWICZ, 2022)

Esta última reforma foi feita em todo território nacional, diferentemente das anteriores que o foco era apenas o Distrito Federal. (RÊSES, 2004, p. 16-17 citado por WIECZORKIEWICZ, 2022), baseadas na reforma Benjamin Constant.

Entre 1931 a 1941 os conhecimentos sociológicos foram parte das matérias exigidas para as provas de admissão para os cursos superiores. Aqueles que faziam os cursos complementares que tinham duração de dois anos, frequentavam as aulas de sociologia. WIECZORKIEWICZ; 2022, complementa:

**"Em 1942, a Reforma Capanema marca o fim da obrigatoriedade do ensino da Sociologia na Escola Secundária, redefinindo-se a estrutura e a nomenclatura no Ensino Ginásial que passa a ter a duração de quatro anos. O Ensino Colegial, em três anos, oferece duas opções aos estudantes: o clássico e o científico (Moraes, 2011, p. 363), dois modelos de ensino concebidos como preparatórios para o Ensino Superior, o primeiro mais voltado para as humanidades e o segundo para as carreiras superiores técnico-científicas (Zotti, 2006, p. 4). A Reforma Capanema, instituída pela denominada Lei Orgânica do Ensino Secundário, Decreto-Lei nº 4.244, de 09 de abril de 1942, criou uma organização estrutural para a educação média que perdurou por quase trinta anos. [...] Um dos objetivos da Reforma Capanema foi desatrelar formalmente o ensino secundário do Ensino Superior, dando-lhe um projeto pedagógico próprio. Por isso, a principal mudança nela estabelecida foi a extinção dos cursos complementares que visavam a preparação para as carreiras superiores de Direito, Medicina e Engenharia. Uma das consequências do fim desses cursos foi a eliminação da disciplina Sociologia, que na perspectiva apresentada pela Reforma Capanema, desempenhava uma função mais preparatória do que formativa" (Santos, 2009, p. 79).**

Depois de dezessete anos mais uma vez de forma injusta a sociologia é retirada do currículo. O que a todo momento neste trabalho chamo atenção é a característica fundamental da sociologia que é a formação cidadã e crítica para desenvolvimento da sociedade e dos estudantes. A real finalidade da Reforma Capanema, "era contribuir para a consolidação do regime político de exceção de Getúlio Vargas, visava formar indivíduos com espírito patriota e cívico" (RÊSES, 2004, p. 19 apud WIECZORKIEWICZ, 2022 ), já que era esse momento político que o Brasil vivia. No período de 1946 a 1964 houve muita discussão sobre a volta da sociologia no ensino secundário do país. WIECZORKIEWICZ, 2022, ressalva:

**“Em Symposium organizado pela Escola Livre de Sociologia Política (ELSP) e publicado em sua revista *Sociologia*, em 1949, vários autores comparecem para tecer suas considerações sobre o tema Ensino de Sociologia. [...] Em 1954, Florestan Fernandes apresenta a comunicação "O ensino de Sociologia na escola secundária brasileira, durante o I Congresso Brasileiro de Sociologia, onde defende a presença da Sociologia na escola secundária.”**

Mesmo diante de tantos debates em relação a reinserção da sociologia no currículo do ensino secundário a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) ~~ela~~ definiu e regularizou o sistema de educação a partir da Constituição porém não incluiu a sociologia na educação.” A primeira LDB levou 13 anos para ser aprovada, foi publicada em 1961, pelo então presidente João Goulart”.(CHAVES, 2021). Em 1964 o país vivia a Ditadura Militar instaurada que orientava o país para a formação técnica e profissionalizante.

**“A educação básica foi profundamente afetada pela ditadura militar. Logo de início, educadores e estudantes foram perseguidos, calados, expulsos, presos, exilados e alguns assassinados. Com isso, o governo autoritário abria caminho para a aplicação de suas políticas educacionais, que possuíam dois grandes objetivos: o primeiro era a formação da mão de obra adequada ao modelo de desenvolvimento econômico dos militares. O segundo era a difusão de uma ideologia favorável ao regime entre as crianças e adolescentes, começando por impor aos jovens um padrão de comportamento regrado e obediente. Estes aspectos se interligavam, pois uma rígida disciplina escolar, baseada no medo, poderia fortalecer a obediência social no ambiente de trabalho e promover o aumento da produtividade na economia.”(MEMÓRIAS DA DITADURA <https://memoriasditadura.org.br/educacao-basica/> acesso em: 21/05/2023 às 17:55)**

Neste período as disciplinas das ciências humanas: sociologia e filosofia foram retiradas totalmente dos currículos escolares. O período da Ditadura Militar, além de modificar o país em sua ordem política, econômica e social, também transformou a organização do sistema educacional. “A reforma da Educação Básica da ditadura militar compreende a reestruturação do sistema escolar, com a criação da escola do Ensino Fundamental de 8 anos (1ª a 8ª séries) e a reorganização dos objetivos fundamentais do ensino de 2º grau, que se volta para uma formação mais profissionalizante (Martins, 2014, p. 42 *apud* WIECZORKIEWICZ, 2022). E ainda acrescenta:

**“Com esse viés para a formação profissional, o ensino da Sociologia foi eliminado da Educação Básica pelo Regime Militar, por meio do Decreto-Lei nº 869/1968, sendo substituído pelas disciplinas Organização Social e Política Brasileira (OSPB, no Segundo Grau), Estudos de Problemas Brasileiros (EPB, no Ensino Superior) e Educação Moral e Cívica. A partir de então, educadores, políticos, sociólogos e estudantes, em vários estados, intensificaram as lutas pela inclusão da Sociologia no Ensino Médio” (Santos, 2002, p. 51 citado por WIECZORKIEWICZ, 2022 ).**

A LDB de 1971 tratava apenas dos níveis de 1º grau e 2º grau, porém não citava o ensino superior, que era definido em outra lei específica CHAVES, 2022 e

WIECZORKIEWICZ, 2022 complementa que ainda nesta reforma “ o ensino colegial passa a denominar-se 2º Grau profissionalizante. A disciplina Sociologia, quando inserida, aparecia ligada ao núcleo profissionalizante. O antigo Curso Normal, Formação de Professores é nomeado como Magistério. No Magistério, a disciplina de Sociologia passa a ser chamada de Sociologia da Educação” (MORAES, 2011, p. 368).

Porém é no período de redemocratização do país que começam os primeiros suspiros da reinserção da sociologia no ensino básico. Foi com o surgimento de “sindicatos, associações comunitárias e partidos políticos que davam ênfase e protagonismo à educação, vendo-a como o principal meio para o entendimento dos direitos e dos deveres, fatores importantes para o exercício da cidadania apregoado à época”.( WIECZORKIEWICZ, 2022). A lei Federal nº 7.044/1982 propôs o fim da obrigatoriedade da profissionalização no 2º Grau, possibilitando a inclusão da Sociologia ainda no 2º Grau como disciplina optativa, ficando à escolha de cada escola inserir ou não a disciplina em seu currículo. Sabemos que muitas delas não disponibilizavam a disciplina, porém o primeiro passo foi dado. WIECZORKIEWICZ, complementa: “Com o passar do tempo, boa parte das unidades da federação havia incluído a disciplina de Sociologia no currículo escolar, formalmente em leis ou até mesmo nas Constituições estaduais: ora em todas as séries, ora em uma delas, ora em todas as escolas, ora naquelas que decidissem incluí-la.” E é em 1996 que começa a tramitar na Câmara dos Deputados, de um projeto de reforma do ensino, a inserção da Sociologia como disciplina passa a ser discutida, como destaca Rêses (2004, p. 28).

**“Começa a tramitar no Congresso Nacional o projeto da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). A sua promulgação (Lei nº 9.394/96) acontece em 20 de dezembro de 1996. Nela aparece um ambíguo artigo sobre o ensino de Sociologia. O Art. 36, § 1º, inciso III, estabelece o domínio dos conhecimentos de Filosofia e Sociologia como necessário ao exercício da cidadania.”(WIECZORKIEWICZ, 2022).**

É de suma importância e luta pela educação brasileira levando em consideração a importância das disciplinas de sociologia e filosofia, o Deputado Padre Roque Zimmerman (PT/PR) propõe projeto de Lei nº 3.178/1997 que começa a tramitar na Câmara dos Deputados visando à alteração do Art. 36 da LDB, e assim propondo explicitamente que a Filosofia e a Sociologia fossem disciplinas obrigatórias no Ensino Médio (MORAES, 2011, p. 369 citado por WIECZORKIEWICZ, 2022 ). Contudo, o projeto foi vetado totalmente pelo Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, na mensagem, nº 1.073, de 8 de outubro de 2001, justificando que não havia profissionais suficientes no país para ocupar as vagas nas escolas. O que é uma grande contradição uma vez que o presidente na época em

exercício era um sociólogo formado pela Universidade de São Paulo, com passagem pela Sorbonne. Porém em 2006, a luta pela inclusão da Sociologia e filosofia no currículo das escolas de Ensino Médio termina. “O ministro da Educação, Fernando Haddad, homologa o Parecer nº 38/2006 do Conselho Nacional da Educação, tornando obrigatório o ensino da Sociologia no Ensino Médio em escolas públicas e privadas do Brasil. Desse modo, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio apresentam, como objetivo do ensino da Sociologia no Ensino Médio,” oferecer ao aluno, além de informações próprias do campo dessas ciências, resultados das pesquisas as mais diversas, que acabam modificando as concepções de mundo, a economia, a sociedade e o outro” (Brasil, 2006, p. 105).”

**“Apenas em 2 de junho de 2008, após a aprovação no Congresso Nacional, é decretada e aprovada a Lei nº 11.684 pelo presidente da República em exercício, José Alencar Gomes da Silva, que altera o Art. 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Com essa alteração, a Sociologia torna-se disciplina obrigatória na Educação Básica em todas as séries do Ensino Médio das escolas públicas e privadas de todo o país” (Moraes, 2011, p. 376 *apud* WIECZORKIEWICZ, 2022 ).**

E é nesse momento que a disciplina enfim ganha espaço nas salas de aula e começa a fazer parte da formação dos estudantes de ensino médio de todo o país.

**“Porém em 2017 todo aquele espaço que havia sido conquistado com tanta luta volta a sofrer ameaças com a reforma do Novo Ensino Médio. A Lei nº 13.415/2017 retirou a obrigatoriedade da Sociologia do currículo escolar, apesar de indicar que essa disciplina deveria compor a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)” (OLIVEIRA; CIGALES, 2019, p. 44). A lei assim como os técnicos que pensaram a reforma em diversas palestras e *lives* (tão utilizadas na pandemia da COVID 19 por meio do isolamento social)formam que a sociologia não foi retirada e sim ela agora será trabalhada de forma transversal. O questionamento que se faz é: como será trabalhada? de que forma? Com quais conteúdos?” WIECZORKIEWICZ, 2022**

complementa:

**“através da Lei nº13.415/17, de 16 de fevereiro de 2017, instituiu-se a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral que, dentre as suas medidas, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, retirando a obrigatoriedade de Sociologia, Artes, Filosofia e Educação Física do Ensino Médio e colocando itinerários formativos com ênfase em áreas de conhecimento, a saber: Linguagens; Matemática; Ciências da natureza; Ciências humanas; e a formação técnica e profissional. [...] O ensino da Sociologia passa a compor o itinerário das Ciências Humanas e segue as orientações da Base Nacional Comum Curricular referente ao Ensino Médio, que incluem os estudos e práticas de Educação Física, Arte, Sociologia e Filosofia, entretanto, deixam lacunas no seu entendimento e interpretações. Diante disso, percebe-se a preocupação com a obrigatoriedade da Sociologia. Na BNCC, a disciplina de Sociologia é apresentada como pertencente ao**

itinerário das Ciências Humanas, porém isso não significa a sua permanência na grade, mas a oportunidade de oferta ao estudante, caso ele a escolha, para a sua formação. Nessa direção, entendemos que a BNCC defende a importância do processo formativo dos estudantes para sua inserção na sociedade. Os estudantes devem dialogar sobre noções básicas como o respeito, a convivência e o bem comum em situações concretas. [...] A compreensão da importância dos direitos humanos e de se aderir a eles de forma ativa no cotidiano, a identificação do bem comum e o estímulo ao respeito e ao acolhimento às diferenças entre pessoas e povos, tendo em vista a promoção do convívio social e o respeito universal as pessoas, ao bem público e a coletividade (BNCC, 2018, p. 567). Percebe-se, então, que são atributos da disciplina da Sociologia, a formação para o bem comum e os conhecimentos sociológicos, produzidos em sala de aula, para o exercício na prática social. Todavia, a BNCC trabalha com a ideia de conteúdos itinerários, quando os estudantes escolhem as disciplinas para a sua formação voltada para o mercado de trabalho. Diante disso, a disciplina de Sociologia vive em constante incerteza sobre a sua permanência nos currículos escolares do Ensino Médio. Essa situação vem sendo muito discutida e debatida entres os professores e demais pesquisadores do campo sociologia.”

E é nessa perspectiva que a disciplina de sociologia vive sem o seu lugar fixo, marcado, delimitado e assegurado. Vivemos hoje um outro momento histórico no país onde o fascismo foi derrotado nas urnas , porém um outro embate está formado que é a revogação da lei do NEM (Novo Ensino Médio). O Novo Ensino Médio é a orientação atual para os estados conduzirem a educação, porém ele deixa de forma discricionária que os estados incluam a sociologia no currículo do ensino médio. Aqui na Paraíba se manteve a carga horária mínima de 1 hora/aula por semana em cada série do ensino médio e na EJA nos ciclos V e VI. Percebemos assim que o contexto histórico da Sociologia está intimamente ligado às ideologias políticas, à luta pelo poder e aos interesses sobre a disciplina. Diante dessa compreensão fica explícito que a disciplina de Sociologia, no Ensino Médio, ainda passa por incertezas, atualmente . Evidencia-se, portanto, a importância da pesquisa, do debate e da luta pela permanência da disciplina como obrigatória em todas as séries do Ensino Médio no Brasil, e a esperança de que ela seja inserida no ensino fundamental.

#### **4.2 A TEORIA QUEER NO ENSINO DE SOCIOLOGIA: RESPEITO, LIBERDADE E DEMOCRACIA**

A educação sempre esteve ligada à sociedade, sendo esta um agente mutante, diverso, abrangente. Viver e conviver em sociedade resulta em uma riqueza cultural e intelectual necessária para a formação dos indivíduos. A partir do momento em que se fala em uma sociedade diversa, se fala em opiniões, visões diversas e pessoas diversas, por isso o que não se deve se limitar às ideias, crenças e valores de apenas alguns poucos grupos. Neste sentido,

a sociedade perderia totalmente a sua função que é a de cooperação, proteção e fazer com que aqueles que fazem parte dela sobrevivam. Então, se não há a diversidade de pensamentos e de indivíduos, não há construção social e, sim, imposição de ideias e comportamentos. A cultura brasileira reflete aspectos dominantes de classes, gêneros, profissões, poderes, em detrimento de outros. Isto não é positivo do ponto de vista da construção de uma sociedade porque se detém a poucos modelos e exemplos. O pensamento queer voltado para educação reflete justamente esta questão da imposição normativa que a escola e o pensar pedagógico impõe. O pensamento pedagógico está muito enraizado em nossa sociedade com marcadores baseado no patriarcalismo e na heteronormatividade branca e masculina (SILVA, DI GREGÓRIO, 2021). A educação precisa acolher, abranger, e mais ainda desconstruir pensamentos retrógrados acerca da diversidade e colocar em pauta uma construção curricular e que dê espaço, que escute e insira a todos, todas e todes em seu processo. A teoria *queer*, por ter uma abordagem que propõe a desconstrução das normas e dos padrões sociais que limitam a expressão da sexualidade e das identidades de gênero, se preocupa em desconstruir a ideia de que apenas duas configurações de gênero são válidas - masculino e feminino - e fomenta a diversidade de expressões identitárias dando espaço a uma educação democrática onde todos, todas e todes sejam inseridos nos diversos contextos educacionais. Ela também possui esse espaço da libertação onde Weeks, 2007 esclarece que “ A sexualidade tem tanto a ver com nossas crenças, ideologias e imaginações quanto com o nosso corpo físico”, ou seja, a sexualidade e suas diversas formas de expressão refletem diretamente no espaço escolar.

A teoria *queer* exerce uma influência significativa no ensino de sociologia, promovendo valores fundamentais como respeito, liberdade e democracia. Através da análise crítica das normas de gênero e sexualidade, essa abordagem questiona as categorias fixas. Por isso que ela tem o caráter questionador quanto a discriminação e marginalização com base na orientação sexual e identidade de gênero. Esta ideia questionadora traz ganhos para todos, seja os profissionais de educação, os estudantes, mas principalmente para a construção do indivíduo. É a partir da perspectiva do pensamento *queer* que se abre um olhar mais horizontal, mais analítico acerca da sociedade que se está inserido, se faz necessário que o pensamento educacional e pedagógico evolua e acompanhe as novas formas de viver em sociedade.

Os grupos marginalizados e que vivem em “fronteiras”, como classificou Louro, devem sim ser inseridos na sociedade, na escola e na educação, e, não apenas isso mas também ouvidos e respeitados, afinal vivemos em uma democracia onde todos, todas e todes têm o direito de falar e serem escutados.

**“Por que queer? Para que possamos viver uma vida não fascista.**

**(FOUCAULT, 1977) Para que não matem tantas pessoas em virtude da sua orientação sexual, do seu corpo transformado, para que não haja o extermínio, a violência, a segregação contra aquele/as que subvertem as regras da heterossexualidade compulsória, ou heteronormatividade e que todas/os possamos romper os limites do pensamento e do (des)conhecimento. Por que a escola, o currículo e as práticas escolares? Porque a escola se instalou na história institucional como um lugar de exclusão por ser uma instituição para a produção e reprodução da norma, e nas primeiras décadas do século XX, no Brasil, já produzindo uma educação sexual normalizadora, higienista e eugenista. (VIDAL, 2002)”**

Como ficou evidente, o papel da educação e da escola na formação do cidadão é essencial para a construção de uma sociedade melhor, uma vez que torna o mundo mais inclusivo e democrático. Porém a atual educação passa longe dessa inclusão democrática, os conteúdos trabalhados em sala de aula pouco falam de diversidade e é por isso que a heterossexualidade foi se tornando norma. Foram criadas as regras, os padrões, uma estrutura social que associa sentidos de normalidade à heterossexualidade e de anormalidade à homossexualidade. Antes havia sentidos de pecado, de errado; com a sexologia passou a ser doença, anormalidade. Ou seja, houve uma atualização do discurso religioso ao médico. Hoje, a discriminação, o preconceito e a intolerância existente contra as pessoas homossexuais, expõe um retrato de anos de discursos heteronormativos e da marginalização da homossexualidade, frutos dessa classificação entre o normal e anormal

Promover diálogos sobre questões como diversidade sexual e homofobia no ambiente escolar é crucial para provocar uma reflexão sobre as distinções e aproximações no que diz respeito às experiências vividas por sujeitos masculinos e femininos. “Mais importante ainda é levar essas questões para o cotidiano escolar pois, nesse contexto há, diuturnamente, crianças e adolescentes convivendo com concepções, representações e questionamentos relacionados à temática em voga”.( AMANDO, et al, 2019)

Além disso, a teoria *queer* também colabora para que as diversas formas de discriminação e opressão enfrentados pelas pessoas LGBTQIAP+ na sociedade sejam identificadas e assim reprimidas seja por meio jurídico, policial ou apenas uma conversa demonstrando ao agressor que se pode ser diferente, pensar diferente e fazer diferente. Que existe espaço na sociedade para todos, todas e todes. Ao examinar as estruturas sociais e as normas culturais que perpetuam a homofobia, a transfobia e a heteronormatividade, os estudantes adquirem uma consciência crítica dos desafios enfrentados por esses grupos marginalizados. Isso promove empatia e respeito pela diversidade sexual e de gênero, preparando os alunos para se tornarem agentes de mudança social

### 4.3 ANÁLISE DOS DADOS

A análise de dados é um processo essencial para entender as respostas obtidas em uma pesquisa. No caso desta pesquisa sobre a teoria *queer* no ensino de sociologia, realizada por meio de questionário, foi fundamental que os dados além de serem cuidadosamente analisados foram também analisados os debates feitos em sala de aula com o objetivo de se obter uma visão abrangente dos resultados obtidos. A análise de dados dessas respostas pode trazer importantes informações sobre a compreensão da teoria *queer* pelos estudantes, bem como a sua receptividade em relação a ela como tópico de ensino de sociologia em sala aula.

Nesse processo é possível perceber que o papel do educador, em especial de sociologia, neste momento, será de desconstruir, desnaturalizar os estigmas que a população LGBTQIAP+ carrega consigo, principalmente, abordando além da problemática do preconceito em relação a esse grupo a questão do poder patriarcal sobre estes corpos e o não-lugar social a essas pessoas que acaba sendo imposta por este discurso.

A teoria *queer* por ter o caráter de criticar as relações de poder possibilita várias opções de debate. Como veremos a seguir com as respostas dos questionários e as explicações do tema: A primeira questão que coloquei foi o fato do meu lugar de fala:

Djamila Ribeiro- O meu lugar de fala como professora, mulher, negra e pesquisadora. Deixei claro para os alunos que como não faço parte da comunidade LGBTQIAP+ poderia ser que faltasse alguma informação. Nesse momento minha aluna Ariel, mulher travesti se posicionou: “Neeeeeeem se preocupe professora! se a senhora não souber de travesti eu sei!” Nesse momento todos riram pela espontaneidade dela. Eu feliz por ela ter se sentido tão à vontade por enfim a escola ter dado oportunidade para entrar no espaço que ela se identifica e conhece tão bem.

**“Cada aluno traz consigo uma bagagem de experiências, saberes e vivências que podem e devem ser colocados em diálogo com os conteúdos escolares. Essa integração entre o conhecimento teórico e prático é fundamental para a formação de sujeitos críticos e reflexivos.” (FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 2017, p. 22).**

Dando continuidade a aula fui explicar sobre as orientações sexuais e para minha surpresa, algo que eu considerava tão elementar os estudantes ficaram bem interessados e fazendo vários questionamentos. Muitos deles não sabiam dizer qual a sua própria orientação sexual. No planejamento da aula fiz a diferenciação sobre orientação sexual, sexo biológico e identidade sexual.



O Primeiro slide teve essa seguinte exposição:

ORIENTAÇÃO SEXUAL: Heterossexual, homossexual, bissexual, assexual( sexo ou gênero que a pessoa tem atração)

SEXO BIOLÓGICO: o sexo que nasceu( masculino, feminino ou intersexo)

IDENTIDADE SEXUAL: Lesbica,gay,bissexual,transexual,*queer* + ( Como a pessoa se identifica)

CIS e TRANS: Cis: se identificam com o gênero que nasce a partir do órgão sexual; Trans: pessoas que não se identificam com a genitália que nasceram.

Esses pontos foram debatidos e levantaram muitas questões.

Izumi fez o seguinte questionamento: Professora, eu tenho uma irmã que pelo que a senhora está dizendo ela é lésbica. E eu? sou o quê? eu nunca me relacionei nem com homem e nem mulher.

Outra intervenção foi de Haru: “Professora, a senhora sabia que muitas vezes as pessoas acham que eu sou Bissexual? só porque eu tenho o nariz mais afilado, uso lente de contato azul. Mas eu sou hétero. Não ligo se as pessoas acham que sou bi não, não ligo mesmo. Mas só porque meu cabelo é assim, desse jeito...meio grande, aí todo mundo acha que sou bi

E acrescentou Ariel: E tu não é Bi não? pois eu tinha certeza que tu era!

E Izzy também falou: “apoi” eu também achava.

Haru: tá vendo professora? todo mundo acha. Para ficar claro sobre a questão da orientação sexual levantada em sala, vou utilizar a explicação de Bernardino: "O bissexual é aquele que se sente atraído por ambos os sexos, independente do gênero, e precisa enfrentar a falta de compreensão e o preconceito das pessoas que insistem em categorizá-lo como hetero ou homossexual." ( BERNARDINO, Matheo, 2020). Com essas colocações de Haru, percebe-se como a heterocisnormatividade é agressiva e impõe comportamentos e estereótipos de gênero. De acordo com Butler em seu texto *Corpos que pensam*, ela descreve que “somos ensinados desde o nascimento a nos comportarmos de acordo com normas e expectativas de gênero, que muitas vezes são baseadas em estereótipos antiquados e limitantes.”(BUTTLER, 1999).

Quando passei para o ponto seguinte sobre pessoas Cis e Trans foi mais uma vez super comentado. Ariel mais uma vez fez sua intervenção:

“Professora, eu sempre fui trans. Desde pequena eu era uma menina e todo mundo percebia isso. Eu só queria brincar de boneca, usar vestido, passar batom.Nunca gostei de nada de menino. Ficar suja, jogar bola...nã! Deus me livre!”

Com a fala de Ariel só aumentou minha convicção do quanto se faz necessário levar para o espaço escolar esse debate *queer*. Como exemplo o que Ariel colocou sobre as brincadeiras e brinquedos não possuem gênero. As crianças devem ter a liberdade de escolher com o que querem brincar, independentemente de ser considerado um brinquedo dito de menino ou menina sem restringir as escolhas por causa do gênero. Essa divisão de gênero limita as possibilidades e a criatividade das crianças. Se a formação social tivesse um caráter menos patriarcal, essa simples atitude de dar liberdade às crianças contribuiria para formação de indivíduos mais abertos e respeitosos. No momento que Ariel se posicionou dando mais um testemunho de sua vida como pessoa trans, fiz a intervenção para que ela e os outros estudantes pudessem refletir. Fiz minha colocação: O que existe são comportamentos tidos como infantis. Toda criança pode brincar de se sujar, jogar bola e brincar de boneca. E ela mais uma vez entrevistou: “ Não professora, não é assim não. Lá onde eu moro, menino tem que brincar de bola senão é chamado de viadinho que nem eu era. Por isso eu nem saía de casa. Ficava em casa assistindo ou quando minha mãe ia para rua eu pegava as roupas dela, batom...e os saltos! adorava os sapatos que ela ia para igreja.” Os estereótipos de gênero são muito marcantes em nossa sociedade heteronormativa. Como já foi dito anteriormente, ela impõe como padrão a heterossexualidade e a cisgeneridade, ignorando e marginalizando principalmente as pessoas queers e transexuais, ou seja, as pessoas que não se enquadram nesse padrão são muitas vezes discriminadas nas relações familiares e conseqüentemente no mercado de trabalho. Como é o caso de Ariel que fala de forma clara que já se prostituiu como meio de sobrevivência. Essa imposição dos padrões a serem seguidos começa desde cedo, como vimos na fala de Ariel. Por mais que a família aceite e defenda a pessoa, quando essas pessoas estão fora do ambiente familiar acabam por serem “adestradas” a seguir os estereótipos de gênero impostos pela sociedade. Muitas vezes aceitam o casamento como único modelo de relacionamento saudável, a mídia por sua vez e a publicidade também reforçam esses valores, e isso se reflete em todos os aspectos da vida cotidiana. É por isso que negar a existência de diferentes formas de identidades, amor e desejos e impor um padrão rígido e estereotipado é uma forma de opressão que precisa ser desconstruída e questionada para avançarmos em direção a uma sociedade mais inclusiva e respeitosa. Essas ponderações são questões urgentes ao meu ver porque a consequência é de que muitas pessoas deixam de viver, de ser quem elas são para poder se adequar ao que a sociedade e a heteronormatividade diz que é correto.

Dando continuidade a explanação comentei sobre a homossexualidade no reino animal. Daí surgiram mais outros exemplos de cachorros que tiveram em casa, gato na casa da avó. Momento de muita descontração em que os estudantes falaram das suas vivências e

experiências. Quando comentei que mais de 1500 espécies de animais foram catalogadas com casos de relacionamentos homoafetivos, os estudantes acharam bem interessante e perceberam que é algo natural que os animais também possuem seus desejos individuais.

**“Além disso, não é só a homossexualidade que se faz presente, mas também a bissexualidade. De fato, os comportamentos são bastante diversos e incluem até mesmo o sexo não reprodutivo, ou seja, a simples busca pelo prazer. Pensando que são animais que, diferentemente de nós, não vivem em uma sociedade em que há julgamentos e preconceitos, podemos afirmar que existe muito mais liberdade entre eles para fazer suas escolhas e respeitar suas naturezas. Assim, não apenas existem animais homossexuais, mas animais livres.”(BlogPetz,2022)**

Depois voltamos para a realidade humana e trouxe como exemplo o cantor Vitão que entrevista ele fala claramente qual a finalidade das pessoas e da teoria *queer*: "Óbvio que muita gente precisa disso para se firmar. Vivemos dentro de uma sociedade extremamente homofóbica. Vivemos em uma sociedade em que eu me sinto bem em incomodar. Gosto de incomodar. É uma sociedade escrota", finaliza (grifos nossos). Vitão é um artista que compõe, canta, dança e interpreta. Colocar como exemplo foi fácil para que os estudantes entendessem efetivamente qual a proposta da Teoria queer. No slide coloquei fotos com diversas formas de Vitão se apresentar socialmente. “Nas redes sociais, Vitão esbanja atitude ao aparecer usando batom, de unhas pintadas e de roupas consideradas femininas.”( PASIN, Lucas; 2022). Vitão também aparece com roupas ditas masculinas e muitos *sites* de “fofoca” mostram Vitão com namoradas. Porém o que gosto de Vitão como exemplo de uma pessoa queer é que sua vivência é incompatível com a heterocisnormatividade: "Dão uma importância descabida para a minha sexualidade. Com quem a gente transa ou se sente atraído não deveria ser algo tão importante para os outros. A liberdade ou não das pessoas, os lugares que elas podem ou não frequentar, as amizades, tudo na vida parece ser determinado a partir disso. Isso deveria ter uma importância menor", (Vitão, 2022). explica. Louro, 2007 também pondera “ Mas essa visibilidade não se exerce sem dificuldades. Para aqueles e aquelas que se reconhecem nesse lugar, “assumir” a condição de homossexual ou bissexual é um ato político e, nas atuais condições, um ato que ainda pode cobrar o alto preço da estigmatização.” Por isso que Vitão é tão criticado sobre sua forma viver.

Ao terminar de mostrar as fotos de Vitão e suas diversas expressões eis que Yuri, um dos estudantes mais maduros se posiciona:

**“ Professora, eu não concordo com nada disso. Mas o que eu posso fazer? está aí. A sociedade hoje em dia é cheia dessas pessoas assim... diferentes...minhas filhas mesmo, elas dançam esses negócios de kpop. Todo final de semana eu levo elas para o espaço cultural e elas ficam dançando lá. Eu vou ser sincero, antes eu não aceitava esse povo assim, que nem esse Vitão.**

**Mas nessas danças das minhas filhas eu conheci uns meninos que nem esse aí. Uns meninos bons, que não fumam e nem bebem. Tudo de família. Eu não gosto não, mas tem que aceitar né?”**

Essa fala de Yuri demonstrou quanto o preconceito contra pessoas LGBT têm afetado a nossa sociedade. Muitas vezes, essas pessoas são rotuladas como promíscuas, usuárias de drogas e violentas, apenas por causa de sua identidade de gênero ou orientação sexual, ou seja, apenas preconceito. Esse tipo de discriminação tem consequências graves, incluindo violência física e verbal, exclusão social e até mesmo a morte dessas pessoas. É por isso a importância de educar a sociedade sobre as diversidades existentes. “ LOURO (2008) passa a pensar no que enquadrou como pedagogia *queer* , o que pode ser retratado como uma pedagogia que incite a discussão, o debate, as transformações da sociedade e da educação, muito além de unicamente as questões que envolvem a sexualidade.”

Um outro momento bastante relevante foi de um outro estudante que se diz conservador e de direita entrevistou. Falou que esse tipo de assunto não deve ser debatido. “ a gente fica perdendo tempo que essas coisas. Esse povo está tudo com a vida ganha. Tudo ganha bolsa de um salário mínimo por causa do governo do PT.” Foi um momento de tensão pois Ariel se levantou e falou: “ não vai tu colocar teu cú na rua não, para ver se tu come!” Os outros estudantes gritaram e sorriam e por sorte o estudante que fez a infeliz colocação da bolsa tirou por menos e sorriu. Esse tipo de experiência só são proporcionados por causa de debates vivenciados e assuntos que atraem os estudantes e que o/a professor/professora deixam que os próprios estudantes se coloquem e debatam o assunto de acordo com suas vivências.

E para fechar essa primeira explanação, falamos das crianças trans e do médico Dr. Alexandre Saadeh Médico psiquiatra especialista em crianças e adolescentes trans, pesquisador, professor universitário e coordenador do Ambulatório Transdisciplinar de Identidade de Gênero e Orientação Sexual do Hospital de Clínicas da USP( AMTIGOS-USP). Quando falei que existe esse tipo de atendimento em São Paulo, a estudante Izumi falou: “Professora, tem esse atendimento aqui em João Pessoa? queria para minha irmã. Porque agora ela tá querendo virar homem.” Achei tão bonito o fato dela querer um suporte psicológico e terapêutico para irmã que está querendo transicionar e ao mesmo tempo triste por não poder orientá-la de imediato mas fiquei com essa missão.

Na segunda explanação debatemos especificamente sobre as pessoas cis e trans. Trouxe exemplos de personalidades que hoje ocupam os espaços políticos, de mídia e arte. Além também de pessoas negras e indígenas. Como estamos falando de diversidade e a teoria queer nos dá esse espaço, não perdi a oportunidade.

**Ainda para Louro (2008), a teoria queer permite um pensamento mais crítico, mais ambíguo, múltiplo, que retrata muito as identidades de gênero e sexuais, mas vai além, ao sugerir novos debates envolvendo cultura, conhecimento, poder, política e educação. A autora em questão defende ainda que há uma emersão das minorias, elas deixam a “fronteira” e a “marginalidade” perante a sociedade e passam a integrar os debates, a formação curricular, o novo pensar pedagógico, metodológico e crítico.” (RIBEIRO, MENEZES, 2020).**

O debate se estendeu para as questões de terapias hormonais, nomes sociais, cirurgia de redesignação de sexo e direitos assegurados por lei para a população LGBTQIAP+. Falamos sobre o decreto Estadual Nº 32.159, DE 25 DE MAIO DE 2011, que assegura o nome social também nas escolas e o uso de banheiros de acordo com a identidade de gênero que a pessoa se identifica. Por se tratar de um assunto que era de importância para Ariel, ela não admitia que ninguém desvirtuasse ou atrapalhasse a explanação da aula. Ela por sua vez se colocou falando:

**“Professora, quer dizer que em qualquer lugar eu tenho direito de ser chamada pelo meu nome social? pois agora eu vou é anotar esse decreto para esfregar na cara de quem ousar me chamar diferente!”**

**Perguntei a ela:**

**-isso já aconteceu?**

**-até hoje não, mas se acontecer já estou com tudo em mãos.**

**-Você já foi impedida de usar banheiro feminino Ariel?**

**-Professora, quando eu vou em algum lugar eu evito mas as vezes que eu fui ninguém reclamou não. Também se vier...tá! que eu não deixo barato não!**

Esse diálogo entre Ariel e eu demonstra o quanto a sociedade e o preconceito estão tão presentes no nosso dia a dia a ponto de ter que existir uma norma que assegure um direito primário que é o uso do nome assegurado no Código Civil Brasileiro em seu artigo 16: Toda pessoa tem direito ao nome, nele compreendidos o prenome e o sobrenome.

Lemos todo o decreto e os direitos assegurados às pessoas trans especificamente. Achei importante levar este decreto por ser do Estado da Paraíba e para se caso algum dos estudantes que ainda não soubessem, se apropriassem. O objetivo não era apenas para os/as estudantes trans mas para todos, todas e todes. Seja para um/a amigo/amiga/amigui ou simplesmente para a pessoa saber que todos, todas e todes, têm direitos e devem ser respeitados e assegurados. “Isso significa que a sexualidade tem muito a ver com a capacidade para a liberdade e com os direitos civis e que o direito a uma informação adequada é parte daquilo que vincula a sexualidade com o domínio imaginário quanto com o domínio público.”(BRITZMAN, DEBORAH; 2007; p.109).

Outro ponto que levei e coloquei foi a questão cultural. As placas de sinalização de banheiros masculinos e femininos que não comportam as diversas expressões. Como exemplo: Só as mulheres usam saias? ou essa é outra norma cultural? Trouxe como exemplo homens da Escócia que usam o famoso Kilt, saia exclusivamente masculina. ( Porto Editora, 2020). Com essa imagem pudemos transcorrer sobre as questões e formações culturais. Jaiden contestou: “Nem precisa ser de outro país professora. Tem homem que eu já vi que usa saia. Se for por isso, ele vai usar o banheiro feminino se for as roupas que orientem o uso do banheiro”. Com isso, debatemos também o banheiro unissex e a necessidade urgente de se usar os estudos *queer* na escola.

Quanto aos questionários, foram feitos 2. Um antes dos alunos terem contato com a teoria *queer* e outro depois das explicações. O primeiro consistia em um questionário onde as perguntas tinham como objetivo saber o perfil e se os/as estudantes já haviam tido contato com a Teoria *Queer*. Uma outra questão que havia no questionário era sobre a identificação de gênero. Acredito que alguns dos estudantes devem ter marcado aleatoriamente sem nem mesmo ter noção do que isso significava, até porque houve questionários com mais de uma resposta, que para esse nível de debate é totalmente possível, mas com exposição feita em sala percebi que algumas das pessoas não sabiam dizer como se identificavam. Uma outra questão que havia no questionário era a do/da estudante sugerir qual assunto a pessoa gostaria que fosse debatido em sala. Segundo as ideias de educação construtivista de Paulo Freire, propõe que esse processo educacional deve ser pautado na “construção do conhecimento em conjunto, entre educadores e educandos.” (FREIRE, 2014). Nesse sentido, a participação ativa dos estudantes na escolha dos conteúdos a serem abordados em sala de aula é de extrema importância. Ao permitir que os estudantes indiquem quais assuntos gostariam de aprender, a escola pode se aproximar das suas necessidades, expectativas e desejos. Além disso, essa prática contribui para o desenvolvimento da autonomia, criatividade e senso crítico dos alunos. O processo de escolha do conteúdo também ajuda a despertar o interesse dos estudantes em relação aos temas, tornando o aprendizado mais significativo. Com essa atitude, a participação dos estudantes para a escolha dos conteúdos traz benefícios para a escola, para nós educadores e, principalmente, para os próprios estudantes, pois permite uma maior integração entre a teoria e a prática, além de enriquecer o diálogo e estimular a reflexão crítica sobre a sociedade.

Porém essas escolhas não devem ser entendidas como uma escolha arbitrária, sem critérios e de forma aleatória. A meu ver é importante que nós os/as educadores/as nos posicionemos no sentido de explicar quais são os objetivos de cada conteúdo e como eles se

relacionam com outras áreas do conhecimento. Assim, os alunos podem fazer escolhas mais conscientes, levando em conta os seus próprios interesses e a relevância do conteúdo para o seu desenvolvimento pessoal e social. Nesse sentido, me questionei o porquê de nenhum deles pedir ou optar pela questão de gênero e sexualidade. Houve pedido sobre preconceito mas de forma abrangente. Acredito que esse público por ser mais maduro nunca tenha tido contato com esse tipo de assunto de forma científica a não ser na mídia ou por ventura alguém do meio social em que vive. Muitos deles nos questionários se declararam como frequentadores de religiões cristãs onde sabemos que encontramos muito preconceito em relação ao tema gênero e sexualidade, sendo também considerado esse tema um tabu<sup>16</sup> para algumas pessoas. Como exemplo, recebi como resposta em relação ao tema gênero de um dos questionários a seguinte frase: “Que temos coisas mais importantes para desvendar. Sem menosprezar o tema citado”. E o mesmo questionário respondeu sobre a questão da Diversidade da nossa sociedade: “acho que é algo inevitável a progressão das coisas num mundo em desenvolvimento.” Chega a ser paradoxal as duas respostas, já que a primeira defende ser um tema que pouco contribuirá, ou seja, que existem assuntos mais importantes e que logo adiante diz ser inevitável que a diversidade exista. Então, por que ser irrelevante? Já em um outro questionário diz ser importante o debate de gênero na escola: “porque é um assunto onde há muito preconceito hoje em dia.” E a mesma pessoa na questão que abordo para sugerir temas para nossos debates ela propõe: “Problemas que afetam diariamente nossa sociedade.” E o mesmo questionário ainda completou sobre a questão da diversidade: “Acho que ainda há bastante preconceito, e acho que devemos acolher a pessoa independente de cor ou gênero.” Em minha opinião essa pessoa entendeu a proposta antes mesmo de explanar sobre o assunto, trazendo para o papel questões que estão presentes em nossa sociedade e no nosso cotidiano. E ainda trazendo para sua aprendizagem temas que irão compor seu repertório cultural.

Obtive respostas de propostas de temas como religião, racismo e preconceito. E com a teoria *queer* é possível abranger esses e outros temas de forma transversal porque ela nos dá subsídio.

Já no segundo questionário, minha proposta é que ele fosse mais objetivo em relação à teoria *queer*. Como já havia feito a explanação e o debate em sala, gostaria de ter uma devolutiva sobre o assunto.

As questões foram todas objetivas que falam de forma direta, se achou interessante, se aprendeu algo novo dentre outras. A maior parte dos/das estudantes afirmaram que

16 Os tabus são criados por convenções sociais, religiosas e culturais. São meios de preservar os bons costumes da sociedade limitando a prática de determinados atos ou evitando falar de assuntos polêmicos (Significados,2022)

acharam interessante e que aprenderam algo novo. Isso demonstra como a teoria *queer* tem a nos oferecer e como nos proporciona diversos debates como questão de poder e de opressão. A importância de entender que a opressão não é apenas uma questão individual, mas sim uma estrutura social que envolve as instituições e a cultura em geral. A teoria *queer* também tem contribuído para a ampliação do conceito de família e de relacionamentos íntimos. A noção de que a família é composta apenas por um homem e uma mulher é desafiada pela teoria, que reconhece a existência de diversas formas de família e de relações afetivas. Em uma das aulas após especificamente a teoria *queer*, fiz questionamentos como: uma pessoa que mora sozinha com seu bichinho de estimação é uma família? Um homem que tem a guarda do sobrinho por motivos diversos, ele e o sobrinho são uma família? Uma casa composta pela avó, mãe e filhas é uma família? São arranjos sociais que para muitas pessoas ainda difícil de entender o conceito de família diferente da família heteronormativa. em um dos exemplos utilizei uma família conhecida na televisão em canais fechados, em que é composta por um homem, cinco esposas e dezenove “filhos”, a família poliafetiva<sup>17</sup>.

Além disso, a teoria também tem proporcionado uma reflexão sobre a natureza dos desejos e das práticas sexuais, enfatizando a importância da liberdade individual e do respeito à diversidade. Como também tem inspirado diversas formas de arte e cultura. A teoria *queer* tem sido utilizada para criar obras que desafiam a sexualidade e o gênero normativos, além de inspirar novas formas de representação da diversidade e da diferença. Assim, a teoria *queer* tem contribuído de forma significativa para a ampliação de nossos horizontes e para a construção de um mundo mais justo e igualitário.

Uma outra questão quase unânime a resposta positiva foi se se debater esse tipo de assunto na escola, na opinião individual de cada estudante, teria um reflexo para a redução do preconceito em relação às pessoas LGBTQIAP+? Talvez essa tenha sido a pergunta que mais me interessava em saber as respostas, pois eu creio que a educação é a forma mais efetiva de que se tem para combater o preconceito, seja ele qual for.

**“Junqueira (2013) defende que a escola brasileira se estruturou, ao longo dos anos, como um modelo curricular e de convívio social pautado em valores fortemente ligados às normas e crenças que reduz o valor do “outro”. Este outro, ainda para o autor, diz respeito àqueles que se desviassem do ser adulto, masculino, branco, heterossexual, burgês e físico-emocionalmente normal. Esta redução do “outro”, ou o que o autor Junqueira (2013) determina como o “estranho”, segundo a ótica escolar, fez-se com que o preconceito fosse sentido fortemente no âmbito escolar, tanto pela falta de espaço para essas “minorias”, quanto para as práticas pedagógicas e curriculares. Vivencia-se, ainda segundo os autores, uma realidade pedagógica muito focada em metas, técnicas e objetivos referentes aos processos de ensino e aprendizagem mais tradicionais, como: metodologias,**

17 É a união conjugal formada por mais de duas pessoas convivendo em interação e reciprocidade afetiva entre si. Também chamada de família poliamorosa. ( PEREIRA, 2020).



**avaliação, desenvolvimento de habilidades e competência - o que é muito válido e necessário para a construção do saber – entretanto, percebe-se que não se tem promovido muitas mudanças nas estruturas dos padrões hegemônicos, isto é, o espaço escolar ainda é carente de debates e discussões que levem à transformação política e social, oriunda das teorias críticas e pós-críticas.”( RIBEIRO, MENEZES, 2020)**

Em suma, os dados coletados tanto nos questionários , quanto nas aulas dialógicas só ratificaram que a teoria *queer* tem um prerrogativa que condiz com maestria sobre os debates necessários a serem feitos em sala de aula pela disciplina de sociologia, já que esta é a disciplina que traduz as necessidades de criticidade e liberdade que a escola, os/as estudantes e nossa sociedade anseiam e necessitam. Percebe-se que a aceitação pelos/as estudantes é positiva isso faz com que já aceitem o debate sem tanta resistência e que este debate flua dando espaço para que a construção desses conhecimento seja feita por todos de forma coletiva, incentivando a participação ativa do aluno no processo de aprendizagem, de forma colaborativas com debates e discussões. Estimulando assim a compartilhar os conhecimentos e opiniões. Dessa forma valorizando as múltiplas perspectivas e estimulando o pensamento crítico, a criatividade e o protagonismo dos/das estudantes, que aprendem a construir conhecimentos de forma autônoma, significativa e contextualizada. Além da interação com colegas e professores, os estudantes que trabalham a teoria *queer*, nos proporciona meios que desenvolvem a empatia e o respeito pelo outro/outra àquele/a que não se enquadra no que a sociedade determina.

## **5- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho demonstrou a proximidade da disciplina de sociologia com a teoria *queer* e a necessidade de que ela faça parte do debate escolar, não apenas para falar da diversidade sexual e de gênero, mas para trazer essa e tantas outras diversidades para o cotidiano e contexto escolar, uma vez que sua incorporação irá capacitar os estudantes a se tornarem cidadãos críticos e engajados, capazes de promover mudanças significativas na sociedade.

A educação desempenha papel fundamental na luta contra o preconceito e exclusão. Fazer uso da teoria *queer* com a pedagogia de Paulo Freire é transformar a teoria *queer* em prática. É dar oportunidade para uma educação onde preze pelo respeito e assim promova uma sociedade mais igualitária.

A forma com que os estudantes se colocaram e falaram de suas vivências dando exemplos de experiências me encheram de esperança ao vivenciar um debate tão vivo e tão

atual em sala de aula. Foi com essa linda experiência que percebi a real relevância deste debate, não apenas nos corredores das escolas ou nas rodinhas de professores na hora do intervalo, mas sim, fazer dela um instrumento de debate científico a partir das necessidades sociais atuais para que mais e mais estudantes se sintam livres de mente e corpo e assim reconheçam que o espaço da sala de aula, da escola é feito para todos, todas e todes, valorizando a diversidade e o respeito às diferenças.

Ao ensinar a teoria *queer*, nós educadores promovemos a liberdade de expressão e a valorização das diversas experiências, afinal foi a teoria *queer* que também promoveu de forma contundente os valores fundamentais de liberdade, respeito e democracia resguardados na Constituição Federal, pois abre um espaço para discussões de questões relacionadas à identidade de gênero, orientação sexual e direitos LGBTQIAP+. Isso fortalece a luta por uma sociedade mais justa. É através da teoria *queer* que a noção de identidade estática se transforma, desafiando o binarismo e abrangendo a percepção das diversas e significativas expressões de gênero. Como a teoria *queer* tem o caráter de desafiar as normas dominantes, ela encoraja os estudantes a questionarem as estruturas de poder e a lutar por uma sociedade mais justa e igualitária uma vez que se apropriam também dos debates legislativos acerca do tema para assim se perceberem como cidadãos, sujeitos de direitos e também de deveres.

Inserir a teoria *queer* no ensino de sociologia estimula os estudantes a examinarem as estruturas sociais e perceberem que existe um local definido para determinados grupos que se colocam em um patamar de superioridade desde sempre e que continuam perpetuando suas ideologias e crenças promovendo assim a discriminação e marginalização tão dilacerante na sociedade e que reflete diretamente na escola.. Por sua vez, a teoria *queer* propõe e promove a compreensão de que essas categorias são construídas socialmente e que as diversidades e individualidades de cada pessoa devem ser respeitadas. Além disso, ela promove a liberdade de expressão e valorização das experiências individuais que cada estudante traz para o debate em sala como foi possível observar com as aulas promovidas sobre o tema. Isso cria um ambiente de inclusão onde os estudantes podem se sentir seguros para explorar e compartilhar suas próprias identidades e experiências trazidas de suas vivências e das diversas realidades vividas seja na família, com amigos e também por se identificarem por fazerem parte do grupo *queer*. Tendo todas essas questões em pauta não poderia ser diferente que esta teoria encoraja a empatia preparando os estudantes para se tornarem cidadãos mais críticos e mais do que isso, promovendo assim uma dinâmica social e política buscando a igualdade entre as pessoas na sociedade.

Em suma, a teoria *queer* no ensino de sociologia desempenha um papel crucial na

promoção do respeito, da liberdade e da democracia. Ela desafia as normas opressivas, estimula a aceitação e a compreensão fazendo assim que o pensamento crítico e consciente façam parte do cotidiano e do mundo ao seu redor, do seu lugar na sociedade e do outro. Por isso almejar que teoria *queer* seja inserida e ministrada na disciplina de sociologia é algo em minha opinião necessário por todos os motivos já citados, liberdade, autonomia, democracia e tantos outros. Sei que é utópico que sua introdução aconteça como conteúdo em todos os estados da federação, porém se ao menos acontecesse no ensino médio da Paraíba já seria motivo de muita felicidade..Com o auxílio da teoria *queer* o fortalecimento da escola como espaço democrático, de diálogo, de compreensão, do respeito mútuo , da inclusão e assim consequentemente a valorização do respeito mútuo que poderemos alcançar a liberdade individual de cada pessoa para ser o que se é livremente. Consequentemente a diversidade individual iria acontecer de forma natural e todas as pessoas seriam valorizadas a partir de suas identidades e suas vivências reconhecidas, construindo assim uma sociedade menos injusta e mais inclusiva onde todas as pessoas tenham o direito de viver e existir livremente.

## 6-BIBLIOGRAFIA

BRASIL,[Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil: Promulgada em 5 de dezembro de 1988.Disponível em:

[https://www.guariba.sp.gov.br/documentos/pdf.pdfhttp://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.guariba.sp.gov.br/documentos/pdf.pdfhttp://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em 29 de abril de 2022 às 16:04.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.nº9394/96, 20 de dezembro de 1996, disponível em: [https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2009/04/lei\\_diretrizes.pdf](https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2009/04/lei_diretrizes.pdf), acesso em 29/04/2022 às 03:45.

ARAÚJO, Luciney Leitão. A DISCIPLINA SOCIOLOGIA NO "NOVO" CURRÍCULO DE ENSINO MÉDIO. Armadeira Cultura: arte, política e sociedade. 4 de março de 2021. Disponível em: < <https://armadeiracultural.com/2021/03/04/a-disciplina-sociologia-no-novo-curriculo-de-ensino-medio/#:~:text=Pela%20nova%20BNCC%2C%20os%20curr%C3%ADculos,da%20Sociologia%20como%20disciplina%20espec%C3%ADfica.>> acesso em 11/02/2023 às 06:32.

ABGLT. Disponível em: <https://www.abgl.org/paraiba#:~:text=Decreto%20N.%C2%BA%2027.604%20de,2003%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provi>

BARBOSA, Mariana de Oliveira Lopes. "Judith Butler"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/judith-butler.htm>. Acesso em 01 de fevereiro de 2023.

BARBOSA, Ana Clarisse Alencar; FAVERE, Juliana de Teorias e práticas do currículo, Indaial : Uniasselvi, 2013. 261 p.

BASILIO, Ana Luiza: Especialista elenca quatro principais ameaças ao direito a educação. 31 de agosto de 2016. Disponível em: <[https://www.geledes.org.br/especialista-elenca-quatro-principais-ameacas-ao-direito-educacao/?gclid=Cj0KCQjwma6TBhDIARIsAOKuANwGhwKIVzf\\_PFIvhkx1EX7RIEmTG4DOIDqMPR9KrkjBh64ej62RtmdYaAq5qEALw\\_wcB](https://www.geledes.org.br/especialista-elenca-quatro-principais-ameacas-ao-direito-educacao/?gclid=Cj0KCQjwma6TBhDIARIsAOKuANwGhwKIVzf_PFIvhkx1EX7RIEmTG4DOIDqMPR9KrkjBh64ej62RtmdYaAq5qEALw_wcB)> acesso em 01 de maio de 2022 às 10:47

BACKES, Dirce Stein; COLOMÉ, Juliana Silveira; ERDMANN, Rolf Herdman; et al. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. O mundo da saúde. São Paulo, 2011, ;35(4):438-442. Disponível em: <[https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/artigos/grupo\\_focal\\_como\\_tecnica\\_coleta\\_analise\\_dados\\_pesquisa\\_qualitativa.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/artigos/grupo_focal_como_tecnica_coleta_analise_dados_pesquisa_qualitativa.pdf)>, acesso em 09 de maio de 2022 às 08:40.

BERNARDINO, Diandra. Como Escrever perguntas para pesquisa qualitativa. Disponível em: < <https://www.questionpro.com/blog/pt-br/perguntas-para-pesquisa-qualitativa/>> acesso em 07/03/2023 Às 15:56

BERNARDINO, Matheo. “Psicologia, sexualidade e gênero: identidade de gênero e orientação sexual são a mesma coisa?” Disponível em: <https://blog.psicologiaviva.com.br/identidade-de-genero-e-orientacao-sexual/>. Acesso em 19/06/23 às 19:19.

BOUER, Jairo. **Transgênero, transexual e travesti, você sabe a diferença entre esses termos?** <https://doutorjairo.uol.com.br/leia/lgbtqiap-qual-diferenca-entre-bi-e-pansexual/> em 11/05/22 às 11:09

BRIGHENTE, Miriam Furlan, MESQUIDA, Peri. Michel Foucault: Corpos dóceis e disciplinados nas instituições escolares. X Congresso Nacional de Educação- EDUCERE. I Seminário internacional de representações sociais subjetividade e educação. SIRSSE. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 7 a 10 de novembro de 2011.

BUTLER, Judith. Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology

and Feminist Theory. In: (Ed) CASE, Sue-Ellen. *Performing Feminisms, Feminist Critical Theory and Theatre*. Baltimore: The John Hopkins Press: 1990.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão de identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 8a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. "Especificidade" do "Prefácio" e "Capítulo 1 – Sujeitos do sexo / gênero / desejo" in *Problemas de gênero – Feminismo e subversão da identidade 3 – 1ª Edição*. Tradução de Renato Aguiar 1. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2003.

CAMPOS, C. H. de, BERNARDES, M. N.(2022). Ideologia de gênero e o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. *Revista Estudos Feministas*, 30(3), e73882. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2022v30n373882>

CAMPOS, Lorraine Vilela. "Cisgênero e Transgênero"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilestela.uol.com.br/sexualidade/cisgenero-transgenero.htm>. Acesso em 11 de junho de 2023.

CAIXETA, Mariana Rosa. Resenha do Livro *Conscientização* de Paulo Freire. *Educação por escrito*, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 1-5, jan.-dez. 2021 | e-32199.

COSTA, Patrícia Ávila. *Janela das Andorinhas: A EXPERIÊNCIA DA FEMINILIDADE EM UMA COMUNIDADE RURAL*. TESE. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO - PUC-RIO (2007) Disponível em: "( [https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10160/10160\\_4.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10160/10160_4.PDF), acesso em 26/03/23 às 13:11).

CARVALHO Claudio Oliveira de; JUNIOR Gilson Santiago Macedo. 'AINDA VÃO ME MATAR NUMA RUA': DIREITO À CIDADE, VIOLÊNCIA CONTRA LGBTs E HETEROCISNORMATIVIDADE NA CIDADE ARMÁRIO. Disponível em: [http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao\\_e\\_divulgacao/doc\\_biblioteca/bibli\\_servicos\\_produtos/bibli\\_informativo/bibli\\_inf\\_2006/Rev-Dir-Garantias-Fundamentais\\_v.20\\_n.2.07.pdf](http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/bibli_informativo/bibli_inf_2006/Rev-Dir-Garantias-Fundamentais_v.20_n.2.07.pdf). Acesso em: 11/08/2023 às 11:08.

CHAVES, Lyjane Queiroz Lucena. Um breve comparativo entre as LDBs. *Revista Educação Pública*, v. 21, nº 29, 3 de agosto de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/29/um-breve-comparativo-entre-as-ldbs>

COELHO, Mateus Gustavo. *Gêneros Desviantes: O conceito de gênero em Judith Butler*. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Fevereiro, 2018. 101.p.

COLLING, Leandro. Teoria queer. **Mais definições em trânsito**, p. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/TEORIAQUEER.pdf>> Acesso em: 12 de Junho de 2022 Às 16:16.

CURADO, Adriano. Conhecimento científico. Hermafrodita: o que é, tipos, características e em humanos. Disponível em: <https://conhecimentocientifico.r7.com/o-que-e-hermafrodita/> Acesso em 16 maio de 2023.

DARC, Larissa. 6 Situações que jovens LGBT passam nas escolas e como combatê-las. (17 de maio de 2017 disponível em: <[https://novaescola.org.br/conteudo/4970/7-situacoes-que-todo-jovem-lgbt-passa-na-escola-e-como-combate-las?gclid=Cj0KCQjw37iTBhCWARIsACBt1IxYTviZeXcMmS78eLKh2DPyB-NrMKVCGAa6XIio68L64BbQaPuJHKkaAkRHEALw\\_wcB](https://novaescola.org.br/conteudo/4970/7-situacoes-que-todo-jovem-lgbt-passa-na-escola-e-como-combate-las?gclid=Cj0KCQjw37iTBhCWARIsACBt1IxYTviZeXcMmS78eLKh2DPyB-NrMKVCGAa6XIio68L64BbQaPuJHKkaAkRHEALw_wcB)>, acesso em 1 de maio de 2022 às 09:32.

FALANDO DE SEXO: Identidade de gênero: qual é a diferença entre cis e trans? Disponível em: <http://diariogaicho.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2020/06/identidade-de-genero-qual-e-a-diferenca-entre-cis-e-trans-12527270.html#:~:text=Cis>

FRAZÃO, Dilva. René Descartes: Filósofo e matemático francês. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/rene\\_descartes/](https://www.ebiografia.com/rene_descartes/) Acesso em 25 de maio de 2023.

FREIRE, Paulo. 1921-1977. Pedagogia do Oprimido. 58. ed. rev e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FIGUEIREDO, Eurídice. Desfazendo o gênero: a teoria queer de Judith Butler. Criação & crítica. Dossiê Sofico. N.20, 2018. Disponível em: <<file:///C:/Users/Sandra/Downloads/138143-Texto%20do%20artigo-290774-1-10-20180419.pdf>> Acesso em: 16/06/22 às 16:25.

FILHO, Weyden Cunha e Silva. “homossexualidade e discurso docente no contexto da educação profissional e tecnológica. 2021. 132f. Dissertação. ( Prof socio) Universidade Federal de Campina Grande, 2021.

FLORÊNCIO SILVA, Bárbara Correia; WAKS, Bianca dos Santos; ORTEGA, Caio Rigon et al. Os Princípios de Yogiakarta e os direitos LGBT+. Politize, 24 de Agosto de 2021.

Disponível em: < [https://www.politize.com.br/equidade/blogpost/principios-de-yogyakarta-e-os-direitos-lgbt/?https://www.politize.com.br/=&https://www.politize.com.br/&gclid=Cj0KCQjwqPGUBhDwARIsANNwjV44Tv54dmo0uGNHUKGcyPpWeHhXT-RS5gyO7W-\\_j9YDzmAWTa8v36AaAunWEALw\\_wcB](https://www.politize.com.br/equidade/blogpost/principios-de-yogyakarta-e-os-direitos-lgbt/?https://www.politize.com.br/=&https://www.politize.com.br/&gclid=Cj0KCQjwqPGUBhDwARIsANNwjV44Tv54dmo0uGNHUKGcyPpWeHhXT-RS5gyO7W-_j9YDzmAWTa8v36AaAunWEALw_wcB)> acesso em: 05 de junho de 2022 às 11:38.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade 1: a vontade de saber*. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

GIDDENS, Anthony. Sociologia. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed Ed. S.A., 2005.

GROPPO, Luis Antonio; CORROCHANO, Maria Carla. Movimentos conservadores e a educação no Brasil atual. Anped. 05/04/2019. Disponível em:< <https://www.anped.org.br/news/movimentos-conservadores-e-educacao-no-brasil-atual-por-luis-antonio-grosso-e-maria-carla>> acesso em 28/03/23 às 09:48.

GUIMARÃES, Érika Rafaelle de Pontes.” A cor da Pele dita o “tom”: análise sobre as mulheres negras no espaço escolar.2020.101f. Dissertação. (Profsocio) Universidade Federal de Campina Grande, 2020.

JUSBASIL. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/a-nomenclatura-no-processo-penal-indiciado-reu-apanado-reeducando-etc/659160029#:~:text=Nesse%20momento%2C%20o%20sujeito%20ser%C3%A1,de%20ressocializa%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0%20pena%20criminal>. Acesso em 01 de jun de 2023

JOCA, Alexandre Martins. Diversidade sexual na escola: um problema posto à mesa. 2008. 184f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2008.

JUBÉ, Milene de Oliveira Machado Ramos,CAVALCANTE, Cláudia Valente, CASTRO, Claudia Maria Jesus.VIOLÊNCIA SIMBÓLICA PARA PIERRE BOURDIEU: A RELAÇÃO COM ESCOLA CONTEMPORÂNEA.I Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar – 06, 07 e 08 de junho,2016 – Mineiros-GO

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A invenção da "ideologia de gênero": a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo , v. 18, n. 43, p. 449-502, dez. 2018 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2018000300004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2018000300004&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 28 mar. 2023.

KVELLER, D. B, NARDI, H. C.. (2022). Performance, performatividade, perfechatividade:

repensando nós conceituais nos estudos queer\*. *Cadernos Pagu*, (Cad. Pagu, 2022 (66)). <https://doi.org/10.1590/18094449202200660017>

LEITE, V.. (2019). “Em defesa das crianças e da família”: Refletindo sobre discursos acionados por atores religiosos “conservadores” em controvérsias públicas envolvendo gênero e sexualidade. *Sexualidad, Salud Y Sociedad (rio De Janeiro)*, (32), 119–142. Acesso em: 30/04/2023 às 21:45 Disponível em:<[https://doi.org/10.1590/1984-6487](https://doi.org/10.1590/1984-6487>.sess.2019.32.07.a)>.sess.2019.32.07.a

LIMA, Yara Marques, CRUZ, Raimunda Costa. ENSINO DE SOCIOLOGIA:Trajetória da Disciplina na Educação Básica. VII ENALIC, Fortaleza-CE.05-07/12/2018. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enalic/2018/443-36481-30112018-224445.pdf>> Acesso e: 13/02/2023 às 10:52.

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho. Ensaio sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado. Pedagogias da sexualidade.Belo Horizonte: Audiência , 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. Revista Estudos Feministas [online]. 2001, v. 9, n. 2 [Acessado 6 Junho 2022] , pp. 541-553. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200012>>. Epub 20 Maio 2002. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200012>.

MARTINS, Dana. O que é heteronormatividade? Disponível em: <http://www.conversacult.com.br/2016/03/o-que-e-heteronormatividade.html> 10/03/16. Acesso em: 19/06/23 às 23:45.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2023),Site do MEC. Recuperado: de <http://catalogo.egpbf.mec.gov.br/modulos/mod-1/violencia-simbolica.html> Acesso em 11 de junho de 2023 Às 14:38

MIRANDA, Nathália. Não existe “coisa de menina”entenda:entenda mais sobre heteronormatividade com Rita Von Hunty e Fábio Manzoli. Disponível em:<https://amaro.com/blog/br/estilo-de-vida/heteronormatividade/> . Acesso em 11 de junho de 2023 às 15:56 .

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer:** um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte, Autêntica Editora/ UFPO, 2012. 80 p. (Série Cadernos da Diversidade, 6).



NARDI, Henrique Caetano, SILVEIRA, Raquel da Silva Silveira, MACHADO, Paula Sandrine. Diversidade sexual, relações de gênero e políticas públicas. Porto Alegre: Sulina, 2013, 207p.

NATIVIDADE, Marcel; OLIVEIRA, de Leandro. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. **Sexualidad, Salud y Sociedad**. Revista Latinoamericana, Rio de Janeiro. (Núm 2)2009. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/32/445>> acesso em 16 de maio de 2022 às 03:55.

NISHIMOTO, Camila. Dia do Orgulho Agênero: guia básico para entender essa identidade. TODXSBrasil. 19 de maio de 2020. Disponível em: < <https://medium.com/todxs/dia-do-orgulho-ag%C3%AAnero-guia-b%C3%AAsico-para-entender-essa-identidade-e2ede5e9ab2>> acesso em: 05/06/22 Às 14:20.

NUNES, Thamirys Nardini. **Minha criança trans?:** relato de uma mãe ao descobrir que o amor não tem gênero. 1 ed. Curitiba: Camila Cassins Jordão, 2020.

OLIVA, Alfredo. Judith Butler , Conceitos de performance e de gênero. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hqTvZPKPXIE>> acesso em: 02/06/22 às 18:57

PAGNAM, Redson. **De Foucault à Butler:** Como a teoria queer contamina os discursos. São Paulo. Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. Novembro, 2020.

PASIN, Lucas. VITÃO USA BATOM E FALA DE SEXUALIDADE: 'NÃO SOU HÉTERO, BI OU GAY, SOU TUDO. 10/11/22 09:37 <https://extra.globo.com/famosos/vitao-usa-batom-fala-de-sexualidade-nao-sou-hetero-bi-ou-gay-sou-tudo-25605503.html> acesso em: 20/06/23 às 10:20.

PEREIRA, Rodrigo da Cunha. O que é a família poliafetiva. 2020. Disponível em: <https://blog.grupogen.com.br/juridico/areas-de-interesse/civil/o-que-e-a-familia-poliafetiva/>

PEROZA, J.; SILVA, C. P.; AKKARI, A. **Paulo Freire e a Diversidade Cultural:** Um humanismo Político-Pedagógico para a Transculturalidade .Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.21, n.2, p.461-481, jul./dez. 2013 Disponível em < <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex> > Acesso em 27/06/2022 às 21:07.

POLITIZE. O que é transfobia?. Disponível

em:[https://www.politize.com.br/equidade/blogpost/o-que-e-transfobia/?https://www.politize.com.br/&gclid=CjwKCAjww8qkBhAnEiwAkY-ahvQQIT67X1KzW9ipDWx95GVILIEv4XLGuyve1ysUXnwXb80iY-SeFxoCKtMQAvD\\_BwE](https://www.politize.com.br/equidade/blogpost/o-que-e-transfobia/?https://www.politize.com.br/&gclid=CjwKCAjww8qkBhAnEiwAkY-ahvQQIT67X1KzW9ipDWx95GVILIEv4XLGuyve1ysUXnwXb80iY-SeFxoCKtMQAvD_BwE)

PORTO EDITORA – *O Kilt Escocês* na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2023-06-20 22:24:14]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$o-kilt-escoces](https://www.infopedia.pt/$o-kilt-escoces). Acesso em 20/06/23 Às 18:26.

REDAÇÃO BRASIL PARALELO,01/09/2021 , Disponível em:<[https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/linguagem-inclusiva?gclid=Cj0KCQjwqPGUBhDwARIsANNwjV74wDTpQXMfQ7EDLpQ96nTEseb8i0ikc43T4wxPnxb4Y3ON8mOe-saAt4xEALw\\_wcB](https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/linguagem-inclusiva?gclid=Cj0KCQjwqPGUBhDwARIsANNwjV74wDTpQXMfQ7EDLpQ96nTEseb8i0ikc43T4wxPnxb4Y3ON8mOe-saAt4xEALw_wcB)> acesso em : 05/06/2022 Às 14:28.

RIBEIRO, Djamila. Lugar de Fala. Editora Polén; Coleção Feminismos Plurais. 4ª impressão. São Paulo, 2020.

RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro? Companhia das Letras. 10ª impressão. São Paulo, 2019.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno Manual Antirracista. Companhia das Letras. 9ª impressão. São Paulo, 2020.

SOUZA, Eloisio Moulin de; CARRIERI, Alexandre de Pádua. A analítica queer e seu rompimento com a concepção binária de gênero. ADM. MACKENZIE, V. 11, N. 3, Edição Especial. SÃO PAULO, SP. MAI./JUN. 2010. p. 46-70. ISSN 1678-6971. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ram/a/qRZmRRR4rgtp5sy8dNXLq6M/?lang=pt&format=pdf>

SALIH, Sara. **Judith Butcher e a Teoria Queer.**; tradução e notas Guacira Lopes, Louro-1.ed.; 1.reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

SANTANA, Fernanda. **Criança transgênero tem casa apedrejada e é impedida de ser chamada pelo nome.** Correio. 04/06/22. Disponível em: <[https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/crianca-transgenero-tem-casa-apedrejada-e-e-impedida-de-ser-chamada-pelo-nome/?utm\\_source=correio24h\\_share\\_whatsapp](https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/crianca-transgenero-tem-casa-apedrejada-e-e-impedida-de-ser-chamada-pelo-nome/?utm_source=correio24h_share_whatsapp)>, Acesso em: 07 de Junho de 2022 às 15:47.

SANTOS, B.S. **A construção intercultural da igualdade e da diferença.** In: SANTOS, B.S. *A gramática do tempo* São Paulo: Cortez, 2006. p. 279-316.

SCHRAM, Sandra Cristina; CARVALHO, Marco Antonio Batista. O PENSAR EDUCAÇÃO EM PAULO FREIRE: Para uma Pedagogia de mudanças. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/852-2.pdf>> acesso em: 25/03/23 às 03:25.

SEGAT, Luciana. **Transgênero, transexual e travesti, você sabe a diferença entre esses termos?** Disponível em: <<https://vitallogy.com/feed/Transgenero%2C+transexual+e+travesti%2C+voce+sabe+a+diferenca+entre+esses+termos%3F/485>> acesso em 02/05/22 às 15:42.

SILVA FILHO, Weyden Cunha e. Homossexualidade e discurso docente no contexto da educação profissional e tecnológica. Campina Grande, 2021. 128 f. Dissertação (Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional). Universidade Federal de Campina Grande, 2021.

SILVA, Fabiane Ferreira da; FREITAS, Diane Paula Salomão de (orgs). II Seminário corpos, gêneros sexualidades e relações étnico raciais na educação. Unipampa, Uruguaiana, 2012.

SIGNIFICADOS.TABU. Disponível em: <https://www.significados.com.br/tabu/>

SOARES, Matilde et al. (Des)construção de masculinidades de homens trans, entre Portugal e Brasil. **Ex aequo**, Lisboa, n. 43, p. 113-129, jun. 2021. Disponível em <[http://scielo.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874-55602021000100113&lng=pt&nrm=iso](http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602021000100113&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 fev. 2023. Epub 30-Jun-2021. <https://doi.org/10.22355/exaequo.2021.43.08>.

SOUZA, Eloisio Moulin de; CARRIERI, Alexandre de Pádua. A analítica queer e seu rompimento com a concepção binária de gênero. ADM. MACKENZIE, V. 11, N. 3, Edição Especial. SÃO PAULO, SP. MAI./JUN. 2010. p. 46-70. ISSN 1678-6971. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ram/a/qRZmRRR4rgtp5sy8dNXLq6M/?lang=pt&format=pdf>

SOUZA, Rodrigo de. Nas escolas do Rio, alunos trans têm que lutar para ter a identidade social reconhecida. Rio de Janeiro, Extra, Publicado em 03/07/22 04:30. Disponível em <<https://extra.globo.com/noticias/rio/nas-escolas-do-rio-alunos-trans-tem-que-lutar-para-ter-identidade-social-reconhecida-25536387.html>> acesso: 10/02/23 às 20:21.

WIERCZORKIEWICZ, Alessandra Krauss. A Sociologia no Ensino Médio: uma análise histórica de suas idas e vindas no currículo escolar brasileiro. *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, nº 29, 9 de agosto de 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/29/a-sociologia-no-ensino-medio-uma->

O que significam todas as letras da sigla LGBTQIAP+? Disponível em: <  
[https://news.ifood.com.br/o-que-significam-todas-as-letras-da-sigla-lgbtqiap/?utm\\_term=&utm\\_campaign=%5BDINAMICO%5D+TODO+SITE&utm\\_source=adwords&utm\\_medium=ppc&hsa\\_acc=5987880013&hsa\\_cam=17215520393&hsa\\_grp=135731022199&hsa\\_ad=596951749416&hsa\\_src=g&hsa\\_tgt=dsa-19959388920&hsa\\_kw=&hsa\\_mt=&hsa\\_net=adwords&hsa\\_ver=3&gclid=CjwKCAiA85efBhBbEiwAD7oLQHqPH1Fr5V945OS58gZJa5uYlxWKBPzm8\\_pYyLNQVGVDDQIGsfej0RoCCQ4QAvD\\_BwE](https://news.ifood.com.br/o-que-significam-todas-as-letras-da-sigla-lgbtqiap/?utm_term=&utm_campaign=%5BDINAMICO%5D+TODO+SITE&utm_source=adwords&utm_medium=ppc&hsa_acc=5987880013&hsa_cam=17215520393&hsa_grp=135731022199&hsa_ad=596951749416&hsa_src=g&hsa_tgt=dsa-19959388920&hsa_kw=&hsa_mt=&hsa_net=adwords&hsa_ver=3&gclid=CjwKCAiA85efBhBbEiwAD7oLQHqPH1Fr5V945OS58gZJa5uYlxWKBPzm8_pYyLNQVGVDDQIGsfej0RoCCQ4QAvD_BwE)> acesso em 10/02/2023 às 18:13

As Ciências Humanas e Sociais na nova BNCC | Conexão, Canal Futura. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=GOjtYgajqf8&t=776s>> acesso em 04/04/22 às 13:56.

ONUmulheres disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/81-dos-homens-consideram-o-brasil-um-pais-machista/#:~:text=Em%20pleno%20s%C3%A9culo%2021%2C%20o,entrevistados%20concordam%20com%20a%20afirma%C3%A7%C3%A3o.> acesso em 06/06/2023 Às 16:57.

## 7- ANEXOS

### Questionário 1:

1) Qual a sua idade? \_\_\_\_\_

2) Qual o seu gênero? como você se identifica?

- ( ) feminino ( ) trans  
( ) queer ( ) agênero  
( ) masculino ( ) outro

3) Que temas seriam importantes na sua opinião para serem discutidos na disciplina de sociologia?

1. Você acha importante discutir gênero na escola? por quê?

- ( ) sim ( ) não

---

---

---

2. Você já escutou falar na “teoria queer”?

( ) sim ( ) não

3. Você frequenta alguma religião? Qual?

( ) não ( ) sim \_\_\_\_\_

4. Qual a sua opinião sobre a diversidade existente em nossa sociedade?

---

---

---

5. Você acha que em nossa sociedade existe preconceito em relação às pessoas LGBTQIAP+?

( ) sim ( ) não

6. Você se considera uma pessoa preconceituosa em relação às pessoas da comunidade LGBTQIAP+?

( ) sim ( ) não

7. Se uma pessoa próxima (filho(a),sobrinho(a),neto(a),irmão(ã),vizinha)tio(a)melhor amigo(a) etc) lhe confidenciar que é da comunidade LGBTQIAP+ qual seria sua reação?

( ) aceitaria, acolheria e ajudaria no que fosse preciso

( ) teria o mesmo carinho mas não iria querer conhecer o/a companheiro/a

( ) não aceitaria e cortaria relações

( ) fingiria que não sabia e manteria relações

( ) ficaria desconfiado(a) mas manteria relações

( ) outro

## Questionário 2

1-Você achou **interessante** as abordagens feitas sobre a teoria queer?

( ) sim ( ) não

2-Você acha **importante** ter este tipo de debate sobre a teoria queer?

( ) sim ( ) não

3-Na sua opinião você acha **importante** este tipo de debate na escola para redução **do preconceito** em relação às pessoas LGBTQIAP+?

( ) sim ( ) não

4-Você acha que **debates** sobre teoria queer devem ser feito nas **escolas**?

( ) sim ( ) não

5-Você gostaria de debater mais sobre a teoria queer e toda a diversidade que ela engloba ?

sim  não

6-Você aprendeu algo novo com a teoria queer?

sim  não

7-Qual a sua idade? \_\_\_\_\_

8-Qual o seu gênero? como você se identifica?

feminino  trans

queer  agênero

masculino  outro

Slides da aula Expositiva e Dialógica 1

### TEORIA QUEER

Lugar de Fala: Djamila Ribeiro- O meu lugar de fala como professora, mulher, negra e pesquisadora.

**ORIENTAÇÃO SEXUAL:** Heterossexual, homossexual, bissexual, assexual( sexo ou gênero que a pessoa tem atração)

**SEXO BIOLÓGICO:** o sexo que nasceu( masculino, feminino ou intersexo)

**IDENTIDADE SEXUAL:** Lesbica,gay,bissexual,transexual,queer + ( Como a pessoa se identifica)

O que é a teoria queer: Rompe com a cultura da ordem social como sinônimo de heterossexualidade

**homossexualidade no reino animal** em cerca de 1.500 espécies diferentes. Ou seja, essa é uma realidade que vai muito além dos mamíferos. Até mesmo os vermes intestinais possuem esse comportamento entre si. Além disso, não é só a homossexualidade que se faz presente, mas também a bissexualidade. De fato, os comportamentos são bastante diversos e incluem até mesmo o sexo não reprodutivo, ou seja, a simples busca pelo prazer. Pensando que são animais que, diferentemente de nós, não vivem em uma sociedade em que há julgamentos e preconceitos, podemos afirmar que existe muito mais liberdade entre eles para fazer suas escolhas e respeitar suas naturezas. Assim, não apenas **existem animais homossexuais**, mas animais livres.

Exemplo: leões, girafas, morsas, bisões, macaco, golfinho e chimpanzés

fonte: <https://www.petz.com.br/blog/comportamento/animais-homossexuais/>



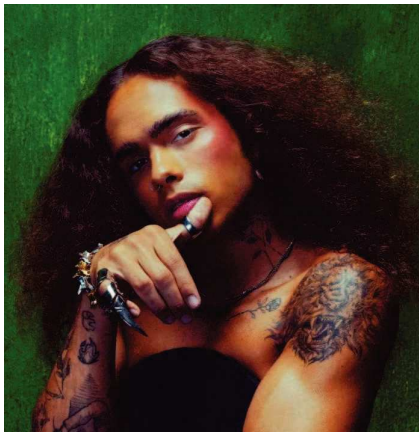
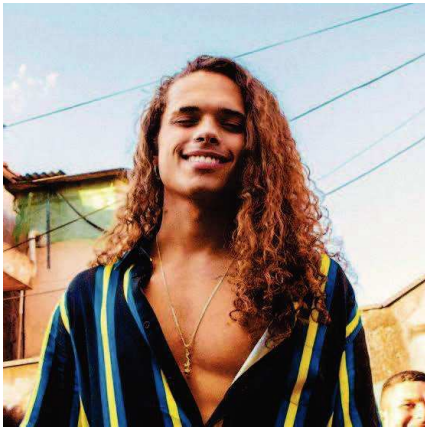
“Talvez a gente seja menos complicado que isso, talvez a gente só goste de se encostar mesmo, de se amar, independente de gênero, roupa, de qualquer coisa, de órgão sexual. Ou você é bi, ou gay, ou hétero, ou alguma das outras siglas. E isso acaba determinando tudo na nossa vida... por que tem que ser assim? Será que isso existe realmente na nossa natureza? Eu acho que não”.

“Eu sou músico, pra quem não sabe, lancei uma música hoje, inclusive, e está todo mundo falando só sobre se eu sou gay ou não, ao invés de ouvir minha música. E, talvez, ouvindo minha música você entenda muito mais a verdade. Esse é meu questionamento. Só quero

gerar debate e discussão, é isso que os artistas fazem. Que a gente possa ser cada vez mais livre com o ser humano”, finalizou.

VITÃO, Entrevista a Istoé

<https://istoe.com.br/lancei-musica-e-so-falam-se-sou-gay-diz-vitao-apos-falar-sobre-sua-sexualidade/>



07/05/2022 - 16:15



## Quem é Vitão?

### **O Vitão deu uma declaração que tem dado o que falar.**

Durante uma entrevista para o portal UOL, o cantor afirmou que não é possível rotular a opção sexual dele.

Vitão disse que as pessoas dão muita importância para a sexualidade, e que ele não se define nem como hétero, nem como bissexual e nem como gay. Vitão afirmou que se considera “tudo”.

*“Não gosto nem de me definir dentro de alguma sigla. Fujo de rótulos. Não me defino como hétero, bi ou gay, eu sou tudo”, afirmou o cantor.*

O cantor ainda declarou que as pessoas vivem dentro de regras, e que ele gosta de se relacionar, beijar, tocar e de estar com pessoas que ele se sente bem.

*“Criamos uma visão de mundo muito datada a partir da igreja e de dogmas sociais. Somos um país com a maioria cristã, e muita coisa da nossa mente fechada vem disso. Vivemos dentro de regras. Gosto de me relacionar, beijar e tocar, e de estar com pessoas com quem me sinto bem”, explicou o artista.*

### **PESSOAS TRANS: Será que elas nascem assim?**

De acordo com o médico especialista Dr. Alexandre Saadeh, durante a gestação, a genitália do bebê se forma por volta da 10ª semana. Enquanto isso, o cérebro continua em desenvolvimento. Por volta da 20ª semana de gestação, se define a área do cérebro responsável pela identidade de gênero. Nesse momento, é possível que esse desenvolvimento cerebral não corresponda ao comportamento típico associado às pessoas que possuem aquela mesma genitália. Por exemplo, uma criança que desenvolve uma genitália masculina na 10ª semana de gestação, mas que acaba desenvolvendo um “cérebro feminino” mais tarde, na 20ª semana. Nesse caso, é alta a chance da criança nascer com dificuldades em identificar-se com o gênero designado no nascimento( de acordo com seu genital). Isso irá se manifestar entre os 2 e 4 anos de idade, que é quando a criança tem uma maturidade neurológica para dizer que é “menino” ou “menina”. Entre pessoas trans adultas, é muito comum ouvir relatos de que não se identificavam com seu gênero desde a primeira infância( 0-6).Portanto, é possível afirmar que uma pessoa transgênero já nasce assim. Não é uma escolha, não é influência dos pais, não é influência da moda.

Fonte: Entrevista para a reportagem ‘ Quem sou eu?’ de Renata Ceribelli para o fantástico, 2017.

Dr. Alexandre Saadeh

Médico psiquiatra especialista em crianças e adolescentes trans, pesquisador, professor

universitário e coordenador do Ambulatório Transdisciplinar de Identidade de Gênero e Orientação Sexual do Hospital de Clínicas da USP( AMTIGOS-USP).

Slides da aula Expositiva e Dialógica 2

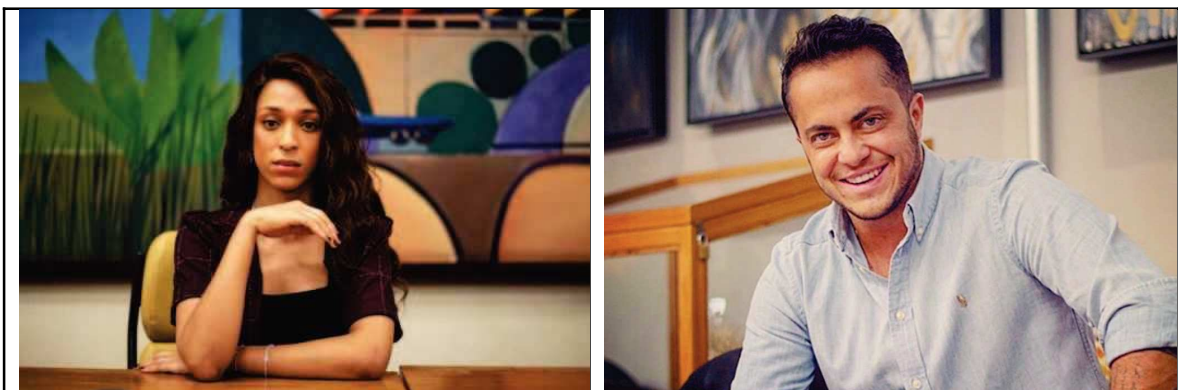
TEORIA QUEER

**CIS x Trans ( transsexual ou travesti)**

**CIS**



**TRANS**





**Hormonização é imprescindível para ser uma pessoa Trans?**

**A Cirurgia de redesignificação de sexo é necessário para uma pessoa ser trans?**

**Nome social é necessário?**



**A cantora Pablo Vittar**

**DECRETO Nº 32.159, DE 25 DE MAIO DE 2011**

**Dispõe sobre o tratamento nominal e a inclusão e uso do nome social de travestis e transexuais nos registros estaduais relativos a serviços públicos prestados no âmbito do Poder Executivo Estadual e dá providências correlatas.**

O GOVERNADOR DO ESTADO DA PARAÍBA, usando as atribuições que lhe confere o art. 86, inciso IV, da Constituição Estadual e,

**Considerando que a dignidade da pessoa humana é princípio fundamental do Estado Democrático de Direito, assegurando o pleno respeito às pessoas, independentemente de sua identidade de gênero ou orientação sexual;**

**Considerando que o Poder Público deve envidar esforços, no sentido de constituir uma sociedade justa e que promova o bem de todos, sem quaisquer preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade ou quaisquer outras formas de discriminação;**

**Considerando** que a cidadania e a dignidade da pessoa humana são fundamentos da República Federativa do Brasil, conforme dispõe o Art. 1º, incisos II e III, da Constituição Federal;

**Considerando que as pessoas transexuais e travestis tem o direito de escolher a identidade sexual para a consecução de sua cidadania, sem olvidar os direitos que lhe são assegurados;**

**Considerando que o nome não pode ser indutor de constrangimentos e preconceitos;**

**Considerando** que a igualdade, a liberdade e a autonomia individual são princípios constitucionais que orientam a atuação do Estado e impõem a realização de políticas públicas destinadas à promoção da cidadania e respeito às diferenças humanas, incluídas as diferenças sexuais; **Considerando que os direitos da diversidade sexual constituem direitos humanos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, e que a sua proteção requer ações efetivas do Estado no sentido de assegurar o pleno exercício da cidadania e a integral inclusão social da população LGBT,**

D E C R E T A:

Art. 1º Nos procedimentos e atos dos Órgãos da Administração Pública Estadual Direta e Indireta de atendimento a transexuais e travestis, deverá ser assegurado **o direito à escolha de seu nome social, independentemente de registro civil, nos termos deste Decreto.**

Parágrafo único. Para fins deste Decreto, nome social é aquele pelo qual transexuais e travestis se identificam e são identificados/identificadas pela sociedade.

Art. 2º O nome civil deve ser exigido apenas para uso interno da instituição, acompanhado do nome social do/da usuário/usuária, o qual será exteriorizado nos atos e processos administrativos. Art. 3º Nos casos em que o interesse público exigir, inclusive para salvaguardar direitos de terceiros, será considerado o nome civil da pessoa travesti ou transexual.

Art. 4º A pessoa interessada indicará, no momento do preenchimento do cadastro, formulário, prontuários e documentos congêneres ou ao se apresentar para o atendimento, o prenome que corresponda à forma pela qual se reconheça, é identificada, reconhecida e denominada por sua comunidade e em sua inserção social.

§ 1º Os servidores públicos deverão tratar a pessoa pelo nome social, que constará dos atos escritos.

§ 2º O prenome anotado no registro civil deve ser utilizado para os atos que ensejarão a emissão de documentos oficiais, acompanhado do prenome escolhido.

§ 3º Os documentos obrigatórios de identificação e de registro civil serão emitidos nos termos

da legislação própria.

Art. 5º Fica assegurado à/ao travesti ou transexual, que seja servidor/servidora público/pública, a utilização do seu nome social, mediante requerimento, no âmbito da administração pública estadual, direta e indireta, nas seguintes situações:

I – cadastro de dados e informações de uso social;

II – comunicações internas de uso social;

III – endereço de correio eletrônico;

IV – identificação funcional de uso interno do órgão;

V – lista de ramais do órgão;

VI – nome de usuário em sistemas de informática.

§ 1º No caso do inciso IV, o nome social deverá ser anotado no anverso, e o nome civil no verso da identificação funcional.

§ 2º Nos Sistemas de Recursos Humanos, será implementado campo para a inscrição do nome social indicado pelo servidor.

**Art. 6º As escolas da rede de ensino público estadual devem incluir o nome social de travestis e transexuais nos registros escolares para garantir o acesso, a permanência e o êxito desses/dessas cidadãos/cidadãs no processo de escolarização e de aprendizagem.**

**Art. 7º O descumprimento do disposto neste Decreto por servidor público estadual ensejará processo administrativo para apurar a infração funcional a ser apurada nos termos da Lei Complementar nº 58, de 30 de dezembro de 2003.**

Art. 8º Caberá à Secretaria de Estado das Mulheres e da Diversidade Humana, por meio da Gerência de Direitos Sexuais LGBT, promover ampla divulgação deste Decreto para esclarecimento sobre os direitos e deveres nele assegurados.

Art. 9º Os órgãos públicos estaduais deverão, no prazo de noventa dias, promover as necessárias adaptações nas normas e procedimentos internos, para a aplicação do disposto neste Decreto.

Art. 10. Revoga-se a Portaria nº 41/2009 – GS da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Humano.

Art. 11. Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

PALÁCIO DO GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA, em João Pessoa, 25 de maio de 2011; 123º da Proclamação da República.



Estereótipo de roupa?



Escócia